

Setembro/Outubro
1929

**FON
FON**



Depois de uma alegre noitada

—depois de ter bebido e fumado em excesso, amanheceu com dôr de cabeça, mal estar e depressão.

Ah, como o alliviam, então, devolvendo-lhe as forças, o bem estar e a alegria, dois comprimidos da nobre e excellente



Incomparavel, tambem, contra as dôres de cabeça em geral; dôres de dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas, rheumatismo, etc.



Allivia rapidamente, restaura as forças e não affecta o coração nem os rins.



"a minha melhor companheira"!

Em um pequeno leito de ferro esmaltado, um pequenino corpo, encimado por uma cabecita loura, descansava.

A creança tinha os olhinhos fechados, os lábios pallidos apenas tingiam com uma mancha rosea, a brancura marejava do rosto; mal se notava o movimento do peito que respirava.

Ao lado do leito, uma senhora olhava, com os olhos orvalhados de lagrimas, para o rostinho bello da creança.

Sobre um movel elegante enfileiravam-se frascos de drogas, representando muitos dias de luta com a molestia, luta ingloria, porque o entezinho alli estava dominado pela enfermidade.

A senhora foi tirada da muda contemplação por uma voz tremula e timida, que vinha da porta:

— Dá licença minha sinhá?

Uma preta velha, com a cabeça branca a contrastar com a côr da pele, avançou com passos incertos pela camara.

Maria Helena foi ao seu encontro e abraçou-a a soluçar convulsivamente.

— Calma, minha sinhá; Deus é muito grande!

— Oh! Thereza! A minha Dulce vae morrer! Deus vae roubar a minha filha!

— Não diga isso, sinhá!

— Já se fez tudo Thereza; consultámos os melhores medicos da cidade, comprámos os remedios melhores, os mais caros, fiz promessas fantasticas a todos os santos do céu e... minha filha não melhora! Ficarei louca, morrerei si Dulce desaparecer; não suportarei semelhante transe!

— Minha sinhá é mãe e mãe foi feita p'ra sofrer; ainda ha muita cousa que tentar.

— Alguma cousa? Como, Thereza? Que poderei eu tentar, se já fiz tudo?!

— Eu "conto" para sinhá.

— Dize Thereza; fala...

— Quando minha sinhá era pequenina, tama-



Mão olhada

De Eugenio Rio

nho de sinhá Dulce, também esteve muito doente; também a minha sinhá-velha fez promessas.

tambem chamou os doutores, também comprou muito remedio e chorou muita lagrima...

O COMMENTARIO

O sr. Cook, "leader" dos communistas ingleses, declarou-se profundamente emocionado pelos gestos do Principe de Galles em favor dos mineiros e que o considera o principal campeão da reforma social do paiz.

O communismo inglês — está se vendo — é, como todas as coisas inglesas, calmo, sério e cheio desse espirito de justiça que tem sido, desde a famosa revolta dos barões contra o maligno João Sem Terra, o apanagio da vida interior da Grã Bretanha. E, logo que elle palpou no herdeiro da corôa a sympathia sincera pelas suas reivindicações, o desejo de dar satisfação tanto quanto possivel aos seus desejos, entender que se pode melhorar o estado actual da sociedade, aliás tão melhorado já, por outros meios que não o odio de casta e a sangreira das matanças sem finalidade. Esse systema, tão do agrado dos que exploram, através de exaggerados theorismos, o operariado quasi inconsciente, quando não envenenado por doutrinas mal digeridas, não produzirá outro resultado sino reações violentas. Poderá mesmo entrar a marcha natural da sociedade para a resolução, também natural, da magna questão, visto como a classe ou casta ameaçada pelo terror se pôde unir e contribuir poderosa organização capaz de esmagar os mineiros communistas.

O exemplo da Italia é de molde a fazer meditar. E o communismo inglês mostra-se prudente com razão.

Quando os doutores perderam a fé, sinhá-velha quiz se matar, mas... Thereza não deixou. Eu tinha creado sinhá nos meus braços e não queria que ella morresse...

— Thereza, eu sei que tú foste a minha "bá", a minha querida ama; ignorava, porém, que...

— Sim, sinhá; foi esta negra quem salvou minha sinhá.

— Thereza; dize, pelo amor de Deus, sabes algum remedio, alguma cousa que possa salvar minha filha?

Fala, minha boa "bá"; darei tudo o que possuo para vela boa, sadia, rindo, brincando. Dize depressa, Thereza, salva minha filha, porque se não eu morrerei...

— Por isso eu vim vêr minha sinhá.

Maria Helena fitava o rosto preto da mulher que a criára, que dizia tela salvo da morte e que alli estava, calma, como si tivesse trazido para a pequena Dulce a vida que lhe ia faltando. Seria possivel que aquella africana bronca, que fôra escrava de seus paes, pudesse mais, soubesse mais do que os principes da medicina que haviam esgotado a sua sciencia junto ao pequeno leito de Dulce?

A velha Thereza limpou os beiços grossos no seu lenço de alcobaça e depois, pegando com carinho as mãos da moça, disse, baixando a voz:

— Sinhá, ha muita cousa neste mundo; ha muita mandinga, muito máo "oiado", muita "cousa feita"; ha inveja e "óio grande"! Quando os doutores não dão volta é porque não é molestia de Deus. Si minha Sinhá quizer, eu lhe "ensino" onde móra um homem que desfaz essas cousas n'um instante...

— Ora, Thereza! Um feiticeiro, um "Pae Cambombo" para curar minha filha?

— Pois não foi assim que minha sinhá ficou boa, quando era "naniquinha"?

Maria Helena levou as mãos ás temporas, olhou alternadamente para a filha e para a negra velha e, num monologo

O CONTO BRASILEIRO

(Continuação)

que só ella mesma ouvia dizia:

— Por que não? Que mal poderia haver? Os medicos já perderam a esperança, não ha mais nada a esperar da sciencia; por que não tentar? Quem sabe?

— Si sinhá decidir, ainda hoje, eu "falo" com o homem — disse a preta, interrompendo o soliloquio da moça.

— Sim, sim, Thereza; vae falar com esse homem; eu nada direi a Astolpho e pagarei quanto fôr preciso.

— Sim, sinhá. Depois eu "volto" para dizer a resposta.

A preta, depois de olhar o anjinho que se finava, sahio do quarto vagarosamente.

E a pobre mãe sentou-se novamente á beira da camazinha, a olhar a filha querida por entre o véo de lagrimas que lhe embaciavam os olhos.

A noite invadia o aposento, mas Maria Helena não percebia a treva que avançava; parecia-lhe que do leito, do meio das

cambraias e linhos, uma luz viva irradiava, illuminando-lhe a alma.

Uma senhora, vestida simplesmente com um "costume" modesto, bateu resolutamente na porta suja de um casebre situado na falda da serra do Andarahy.

Uma voz rouca perguntou de dentro:

— Quem é que t'ahi?

— Uma pessoa que vem a mandado de "tia" Thereza

A porta abriu-se, rangendo nas dobradiças velhas.

— Póde entrar.

Maria Helena encontrou-se deante de um negro alto e magro, tendo uma carapuça vermelha na cabeça e, como vestimenta, uma especie de roupão ou camisola amarella.

Em torno de uma fogueira que se achava no meio da sala, oito mulheres estavam sobre os joelhos, tendo as téstas encostadas ao sólo. Pela sala toda, espalhados, viam-se os mais estranhos objectos que serviam no ritual do feiticeiro. Sapos seccos, caveiras, gallinhas mortas, punhaes, enferrujados, cabeças de bôdes, vellas, mólhos de plantas seccas, figas, buzios, estrellas do mar, carapaças de tartarugas, cascos de caramujos, enfim, uma enorme variedade de cousas as mais disparatadas e esquisitas

— Vosmecê, senta alli. — disse o africano, indicando á moça um banco tosco. — Eu vae vê, se o santo baixa p'ra falá com vosmecê.

Dirigindo-se para a fogueira, o feiticeiro atirou nas chammas um punhado de pó, que produ-

ziu um fumo forte e nauseabundo.

Levando as mãos ao alto, o negro entôou um canto lugubre:

"Endendê, achê, endeboá."

"Arimbé, atolê, engongá."

As mulheres ergueram-se levantaram as mãos, e responderam:

"Ochalá, macuê, ochalá."

E encetaram uma ronda vertiginosa em torno do fogo, sempre respondendo com o mesmo estribilho ao canto monotono do "pae de santo".

Afinal, uma das mulheres tombou estertorando e a dança parou.

— Enoã! — disse o negro.

— Meu pae... — respondeu a mulher.

— Quem "é" que baixou? Xangô, Echú ou Ochalá?

— Ochalá, meu pae.

— Que é que essa moça qué?

— Curar a filha della

(Conclue na pag. 18)



Admiravel Caracteristico!

As formosas, exquísitas Meias de Seda Holeproof são protegidas pelo invisivel reforço "Ex", além do que geralmente têm. Isso lhes augmenta a durabilidade umas tres ou quatro vezes.

Prefiram essas duradouras meias de seda pela sua refinada apparencia e côres, creação exclusiva de Lucile, de Paris.

Nas Boas Casas de Varejo.

As melhores
do mundo

Meias
Holeproof



AQUI ENCONTRAREIS A VOSSA SALVAÇÃO
com

os Suppositórios e a Pomada MIDY as HEMORRHOIDAS

são rapidamente suprimidas.

As hemorrhoidas não são sómente terríveis pelos supplicios que occasionam, nem pela desagradavel repercussão que teem sobre o temperamento das suas victimas : ellas são egualmente a origem de complicações de toda a especie, das quaes bastará simplesmente citar as menos graves taes como : as fendas, as fistulas, os abcessos, os phlegmões, que podem pela sua frequencia e conforme os casos, provocar accidentes mortaes.

LABORÁTORIOS MIDY FRÈRES, 4, Rue du Colonel Moll, PARIS

Agentes Geraes e exclusivos para todo o Brasil.

JULIEN & ROUSSEAU, 174, Rua General Camara — Caixa do Correio, 484, RIO DE JANEIRO

Amfagonismo

QUANDO, depois de muitos annos, Nicoláu Rigby encontrou novamente Susa, verificou que sua antiga amiga estava muito mudada. Ao regressar a sua casa, depois daquelle encontro inesperado, contemplou-se longamente no espelho e viu que elle não havia mudado muito... Pelo menos não tanto quanto Susa... Pobre Susa!

No emtanto, apesar do diferente que ella estava, apesar de sua magreza, de sua evidente

pobresa, de seu traje humilde, de seu pouco exito na vida, elle a teria reconhecido sem difficuldade, pois ella conservava em seus olhos claros o mesmo olhar de outr'ora, cheio de vida e de ardor. Seus loiros cabellos eram ainda tão encantadores como outr'ora, embora seu brilho se houvesse amortecido um pouco.

Agora a esperava para jantar... Quantas vezes jantaram juntos em seu tempo de estudante! Mas, quão diferente era aquelle ambiente em que a recebia hoje! Muitos annos haviam decorrido depois daquelles primeiros sonhos da juventude... Sonhos que elle deixára de lado, por cousas mais úteis e mais praticas.

Olhou em redor de si com profunda satisfação. Que surpresa teria Susa quando chegasse! Nada lhe disséra, na tarde anterior, ao encontrá-la casualmente no atelier de um amigo: sobre a maneira por que havia mudado sua situação, e como agora era rico. Queria surpreendê-la, e imaginava o assombro e depois o prazer de sua amiga ao se encontrar com aquella casa luxuosa, cheia de objectos de valor, e que só devia a seu esforço e á sua intelligencia.

Saboreava tambem de antemão a emoção que sentiria Susa quando elle a tomasse novamente em seus braços, depois de tantos annos de separação... pois agora estava resolvido a fazê-la sua esposa.

Seu lar — aquella casa luxuosa — era, não obstante, triste e solitaria... Queria repartir com Susa todas as suas riquezas. A recor-

dação do passado attrahia-o e dominava. Queria agora afastar de Susa todas as preocupações da pobreza.

Dar-lhe-lia agora, muitissimo mais do que jamais sonhára que poderia offerecer-lhe naquella época anterior a sua separação.

*
*
*

Um pouco nervoso, endireitou-se deante do espelho, a gravata e o collarinho. Resolvêra vestir-se rigor. Si para qualquer outra mulher se teria vestido tambem assim, por que, então, não se com Susa a mesma attenção?

Mandou seu magnifico automovel, adornado de custosissimas flores, busca-la. Susa constitua sua juventude..., todo o amor de sua juventude... e, á beira dos quarenta annos, a juventude duma bençã do céu.

Parecia-lhe agora que todo o exito que tivesse na vida seria muito maior, já que havia encontrado Susa com tempo para lhe offerecer por inteiro, e ajudá-la a suavizar e modificar sua vida, que presentia cheia de difficuldades.

Afinal, o criado abriu a porta. — A senhorita Susa Valleira annunciou, cerimonisamente.

Nicoláu Rigby voltou-se, ansioso: com effeito, ali estava ella. Muito mais delgada que antes, mais magra, um pouco envelhecida era certo..., mas seus olhos conservavam aquelle lampejo de alegria ingenua que brilhava nela como uma luz que visse pela primeira vez. Agora, com suas faces pallidas e descarnadas, que momentaneamente se cobriam de um vivo rubor, ella se lhe deparava mais formosa que as flores que trazia em suas mãos, e que elle lhe enviára. E, ante a belleza que Nicoláu lhe pudesse discernir, exclamou a joven:

— Oh, Nicoláu! Devias ter prevenido... Eu não poderia imaginar que fosses agora tão aristocratico... O automovel... as flores... esta casa... e — prosaicamente — olhando nervosamente para traze-lo este criado tão imponente... este salão... E tu... com este traje de cerimonia... Por que me disseste nada? Envergonha-me de mim deante de teus olhos: meu vestido está mu-



longe de ser de rigor, pois nem sequer é de sêda!

E, refeita já de sua surpresa, ria alegremente de sua própria consternação e espanto.

Nicoláu destructava com toda sua alma da jovialidade e da surpresa de Susa. E respondeu:

— Porque te queria ver assim, vestida como outr'ora, é que não te disse nada... E só Deus sabe quanto me alegro que sejas tu, não alguma outra mulher lucuosamente vestida, quem esteja commigo neste momento.

A joven teve um gesto fugaz, arqueando um pouco as sobrancelhas, e fazendo um gesto encantador com seus labios. Bem sabia ella que aquelle trajezinho azul, de fôrma original, lhe sentava maravilhosamente, apesar de já estar velho e gasto. Bem sabia que seus olhos conservavam a chama da juventude e que seus cabellos eram sempre formosos, e bem via, enfim, que Nicoláu a contemplava com admiração e interesse.

Mas Susa não esperava passar umas horas em meio do luxo e de um ambiente sumptuoso como o que offerecia a residencia de seu amigo. E esse pensamento se revoltou nella a mulher, fazendo mudar em parte a expressão de seu rosto.

Nicoláu notou, immediatamente, a mudança no olhar da joven attribuindo-a a um sentimento de pesar. Suppoz que o contraste tão grande a deslucasse: quando estudantes, haviam sido companheiros, iguaes em situação pecuniária. Seus ideaes e suas ambições haviam sido os mesmos... Agora, a diferença que os separava era muita... E Nicoláu pensou que isso é que entristecia Susa. Além disso, ella não sabia de suas intenções de fazê-la sua esposa e, assim, partilhar de todo aquelle luxo, de todo aquelle conforto...

*
* *

Jantaram alegremente. As privações e as penurias passadas não pareciam ter conseguido abalar o espirito agudo e vivaz de Susa, nem amargar suas illusões. Sorrindo, ella dizia:

— E' verdade... Não consegui nada ainda... Mas espero que num destes dias... Bem sabes quaes são meus desejos, meus sonhos... meus ideaes. E, outr'ora, tu tambem os tinhas.

— E ainda os tenho... — exclamou Nicoláu.

— Ah, não! Já não tens... Quando te vi de novo, depois de tantos annos, comprehendí claramente que a arte havia deixado de ser a illusão de tua vida. Já não és aquelle de outr'ora — disse Susa, movendo tristemente sua cabeça,



como que affirmando com suas palavras.

E, depois de uma pausa, prose guiou:

— E' inutil, meu amigo. Compreendendo que agora já não estás disposto a sacrificar-te pela arte, a soffrer fome por ella... Quando muito, sacrificarás algum dinheiro por ella. E' essa toda a differença.

Nicoláu replicou, então, com certa impaciencia:

— O que tu estás fazendo é precisamente isso: soffrer fome pela arte.

— Certamente. E que mal vêes nisso? — perguntou Susa, com ar de desafio.

— E' que não posso consentir que te estejas matando, Susa. E para que? Acaso vale a pena passar-se a vida inteira lutando, sem resultado, contra a adversidade?

— Mas, eu estou me matando? Passo a vida lutando? Mas, não comprehendes que eu gozo com cada um desses minutos de luta? Não comprehendes que essa luta é a propria vida para mim?

Nicoláu collocou suavemente sua mão sobre a de Susa, delgada e nervosa, mão de artista, que descansava sobre a superficie polida da mesa.

— Por que não renuncias a essa vida de luta, Susa? — perguntou, em voz baixa e insuante. — Desejaria tanto que assim o fizesses!

— Mas, estás dizendo tolices, Nicoláu! — exclamou Susa, com alegre sorriso. — Si para mim é a unica coisa que posso fazer, e que sou capaz de fazer... Bem sei que posso pintar e pintar como se deve, ainda que o publico não me comprehenda e pense de maneira diversa. Ha de chegar um dia em que se convençam todos os que até agora não crêem em minha arte. Ha de chegar minha vez... Disso estou certa. Mas, embora nunca chegassem a apreciar minha arte, eu sempre estarei convencida de meu valor... de minha inspiração. Faltar-me-á, então, a fama, mas nunca me terá faltado a arte.

— Mas Susa, escuta...

— Não, não. Não me digas nada. Nasci artista e não posso renegar minha arte. E como é possivel que hajás esquecido, tão por completo, o que tambem tu, em certa occasião, sentiste? Ou será que nunca sentiste sinceramente a arte?

A joven poz o rosto entre as mãos, apolando os cotovelos sobre a mesa e olhando fixamente o homem que tinha deante de si.

E, em voz muito baixa, continuou:

— Neste momento, Nicoláu, me sinto tão triste como não me sentia ha muitos annos...

— Por que? — perguntou elle.

— Porque aqui me cercam o desmoroamento, a ruína...

— O desmoroamento... a ruína?... Que queres dizer com isso?

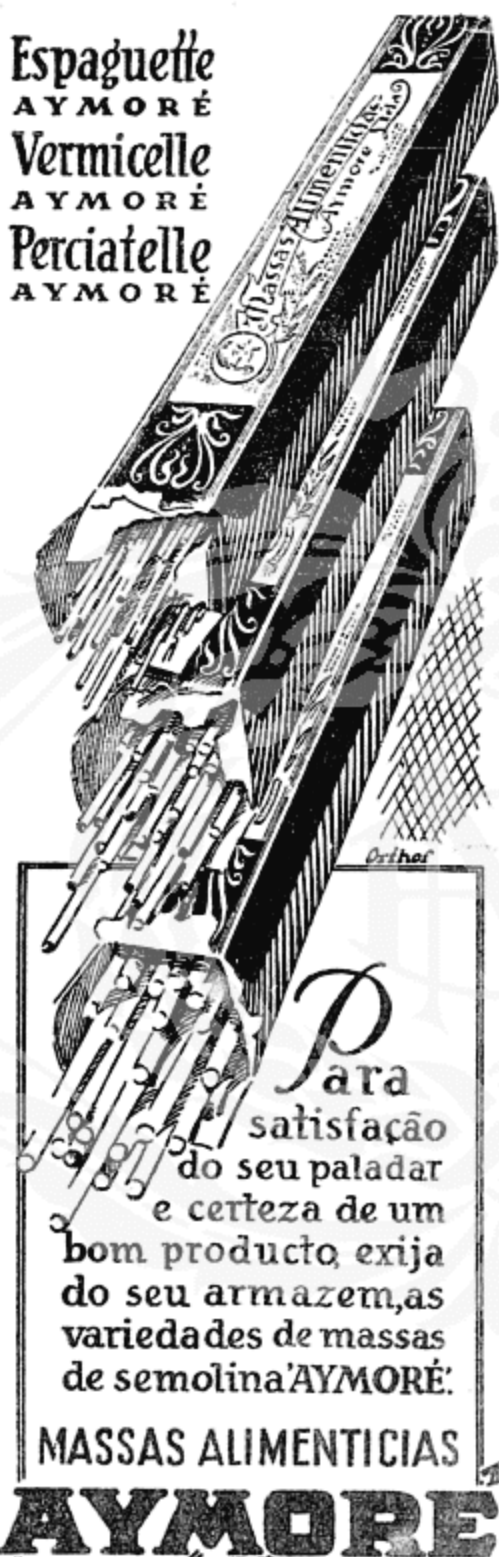
— Refiro-me a todo este luxo...

— respondeu Susa, com gesto e com voz ansiosa. — Refiro-me a ti, a tua vida... E's tão intelligente... Muito mais intelligente que Lorot, por exemplo, e Lorot teve exito. E's mil vezes mais intelligente que eu. Lembra-te do dia em que appareceu na exposição teu quadro *A ondina*? E lembra-te da critica? Como, então, todos nos sentimos orgulhosos de ti! Eras o heroe de nosso reduzido circulo de amigos... Recordo-me que eu quasi morria de satisfação, de orgulho, tão incrível... tão maravilhoso me parecia que fosse eu, entre todos, a amiga que preferias. Então, eu era uma principiante e te considerava como um deus. Agora... tudo mudou... tudo acabou... tudo veio passar em... em um grande capital depositado nalgum banco... E nada mais! E me falas a mim da vida que perco!...

(Continúa na pag. 89)



Espaguette
AYMORE
Vermicelle
AYMORE
Perciatelle
AYMORE



SECCAO PROP.
MOINHO INGLEZ
A.B.



V. Ex. quer receber gratia um livrinho de receitas?
Nome
Rua Estado
Cidade
Corte o coupon e remetta para: seccao de propa-
ganda do MOINHO INGLEZ Rua da Quilanda, 108-110

A Tragedia de Sant'Anna do Ipanema

Por **HORMINO LYRA**

. . .

UMA vez, o faccinora estava em cogitações, a pensar muito, quando de subito se lembrou do usurario de Sant'Anna, o senhor Beneventes. Pensou maduramente acêrca da possibilidade de se apossar da fortuna do usurario, que consante se dizia, acondicionava todo o dinheiro em latas, e as enterrava no chão dentro do pardiello.

Seguiu para as immedições de Sant'Anna, e ficou a observar todos os passos do senhor Beneventes.

Mais de uma vez, foi a certa venda na villa, comprou aguardente de canna; mais de uma vez fez algumas refeições com o vendeiro, seu velho conhecido, dizendo-lhe que andava a serviço do patrão, sem com tudo nada adeantar acêrca da empresa que lhe fora confiada.

Num dia em que, de tarde, sahiu o senhor Beneventes a cavallo, Zé Brabeza deu uma corrida á casa do seu Antonio da venda, sellou a toda a pressa o corcel, e foi-lhe ao encalço.

Prestes estava o sol a mergulhar no occidente, ardozinhando o crepusculo vespertino. Estrato semelhante uma fita paralela ao horizonte, longa, larga, multicolor.

O salteador, que se achava alcoolizado, incitára o cavallo, picando-o na soldra com a espora. Correu o animal com impeto, á rédea solta. Levantou poeira.

Ao aproximar-se do viajante, intimára-o a apearse. E quasi junto do usurario riscou o rosilho do intromador.

— Para que?

— Para vêr si você é homem!

Senhor Beneventes puxou da pistola que trazia á cinta. Na nuca bateu-lhe o sclerado com o cabo do chicote. O usurario ficára perturbado. Zé Brabeza arrancou-lhe a arma da mão, desceu da cavalgadura, conduziu-o para dentro do matto, arrastando-o. Degollou-o, roubou todo o dinheiro, e ali deixou o cadaver.

Voltou á estrada, onde se achavam os dois animaes montou no delfe, e conduziu o outro pelo cabrestão. Escondeu-se no matto, e foi ás dez horas da noite á casa da victima. Bebeu mais aguardente, que conduzia numa garrafa, e bateu na porta.

Todos estavam deltados; levantaram-se apprehensivos. D. Mimita accendeu um candieiro, veio á porta com o filho, a criada, e perguntou:

— Quem é?

— E' de paz.

Estranheza a voz? Nunca a tinha ouvido.

— Diga o nome.

— E' uma surpresa.

Suppoz que algum amigo de casa estivesse a trazer; contudo, teve médo de vêr quem era. Ficou irresoluta revestiu-se depois de coragem, em seguida tornou a esmorecer, tendo a cabeça povoada de muitas hypothèses. Lembrou-se de que, banhada em sangue, havia algumas horas, vira a imagem do marido, olhando desmesuradamente para ella; o que lhe parecia sonho máo.

De repente, sem saber como, tinha um homem á sua frente.

Este dêra volta ao redor da casa, encontrára uma



RESPIRAR o ar puro das selvas, extasiar-se ante o panorama encantador da Natureza em festa... que alegria, que satisfação para quem possui um Packard, o carro que vòa pelas estradas como si transistasse pelo asfalto liso...

Packard significa conforto. O seu systema de amortecedores, exclusividade Packard, permite-lhe vencer as estradas mais escabrosas, buracos, tócos, lama, enquanto os passageiros são unanimes em louvar o conforto incomparavel que Packard lhes proporciona.

Além disso, Packard é o symbolo da segurança, o emblema da perfeição meehânica. Solido, rapido, bellissimo, quem não o distinguirá dos demais carros?

Não perca a oportunidade de examinar "de visu", os novos modelos Packard de oito cylindros em linha.

PERGUNTE A QUEM TEM UM

P A C K A R D

Distribuidores :

Companhia Commercial e Maritima

AUTO GERAL

Rua Benedictinos, 1 a 7

Rio de Janeiro

A Tragedia de Sant'Anna do Ipanema

(Conclusão)

janella dos fundos encostada, empurrára-a, abri-a, e pulára para o lado de dentro.

— Não lhe desejo fazer mal algum, disse. Quero apenas me diga onde o marido da senhora esconde o thesouro.

A mulher indicou-lhe o lugar, e em seguida teve um desmaio. Degollou-a friamente.

Assenhoreou-se de todo o dinheiro encontrado, e dirigiu-se ao menino, que se achava em pé, tremulo, sem poder pronunciar uma palavra.

Ao segurar-o por um braço, desatou o menino a chorar, mal balbuciando:

— Por que o senhor matou a mamãe, hein? Eu também vou morrer?

Nada disse em resposta, e degollou-o com impiedade, sem a mínima perturbação.

Ao lado, de joelhos pedia-lhe a criada que não a matasse.

A modo aos olhos de Zé Brabêza surgiu o retrato da noiva falecida. A rapariguinha tinha a mesma idade, o mesmo porte da noiva, sendo apenas mais gorda. A physionomia também era parecida com a da outra.

Zé Brabêza, naquella orgia de sangue, teve doce recordação: a ferocidade do sclerado transformou-se inopinadamente em brandura. Os gestos rudes de tigre em ataques destemidos ficaram flexíveis. Com os olhos esbrazeados, o devorador de homens, mais cruel até que os homonymos da Índia, ficára sendo melgo cordeiro, e sentira-se acanhado ante aquella creatura que o dominava.

— De quem és filha? Do dono desta casa?

— Não tenho mãe, e talvez não tenha pai.

— Mãe não tens, bem vêjo. Si pudesse operar o milagre de resuscitar o teu pai e a tua mãe!...

— Conheceu minha mãe? — Interrogára com mais confiança.

— Julgava outra coisa. Que fazes nesta casa?

— Empreguei-me aqui, para ganhar a vida...

— Muito bem. Como vês, tenho a tua vida nas minhas mãos, mas poupei-a, e poupá-la-ei. Vivo só no mundo; por isso talvez seja tão máo. Só tive na terra os carinhos de uma unica mulher... e foi por pouco tempo!...

— Da sua mãe, talvez.

— Queres viver commigo? Serei o teu escravo.

— O senhor achou-me parecida com alguém... Foi com alguém da sua familia? Notei que se espantou, quando me viu.

— Sim, achei. Queres viver commigo? Serei muito bom, muito bom para a menina.

— Que vou ser do senhor?

— A minha companheira, a minha mulher.

Diná ficára visivelmente commovida, e tomaram os seus gestos de grande felleza.

— Pobre de mim! Como poderá o senhor ser bom para mim, si é tão máo para toda a gente?! Como tenho medo do senhor!... Terei que me entranhar no matto, para o acompanhar!... Como tenho medo, santo Deus!... A gente morre num instante, e nunca mais ha de soffrer, penso eu. Prefiro morrer — disse, tremula, na incerteza de que tivesse elle coragem de a matar — a viver com um homem de quem não gosto, a quem vi, pela primeira vez assassinando sem compaixão até pobre criança que mal algum lhe poderia fazer! Não, meu senhor, não posso ser sua mulher; isso é horrivel! Si me quer dar a liberdade, afin de ir embora, serei grata ao senhor, por me deixar com vida.

E mentalmente pensava a rapariga em que, si não fóra a que se jugára escrava, de acompanhar a patrão, quando foi mostrar o lugar, onde se achava o dinheiro do patrão, teria tido tempo de fugir, evitandolhos e estar naquella momenta sujeita aos

tando assistir á scena dolorosa que presenciaram os indolentes bestias do bandido.

Irresoluto, com os olhos mádidos, estacára o salteador por um instante, em frente della. De repente, abriu os braços, avançou para a infeliz rapariga, amordaçou-a, conduziu-a para outro compartimento. Em syncope cahira Diná. Beijou-a o bandido... e beijou-a muitas vezes...

Carregou-a depois no collo. Cavalgou-o o rosillo "que não nega fogo": fê-la escanchar-se na frente da mesma sella, em que montava elle. Sahiu o cavallo na obra baixa. (1)

APPARELHADA, a pastar na frente do pardieiro foi vista no dia seguinte, e muito côdo, a cavalgadura em que montava o senhor Beneventes Lembrança não tivéra o bandido de a levar.

Pelos informes espontaneamente prestados pelo seu Antonio da venda, nenhuma duvida restou ás autoridades de que outro não fóra o autor da tragedia sangrenta; tinha sido este, sem nenhum complice, o famigerado Zé Brabêza.

E appareceram as lóndas da medonha catastrophe e o pardieiro ganhou logo fama de mal-assombrado.

Visjou o bandido toda a noite do crime. Ao amanhecer, entranhára-se nas cahvas estorricadas, indolente pelas dez horas da manhã numa triste morada que havia devoluta em sitio para elle desolado.

Senbe posteriormente que ali vivéra uma velhinha com dois netos. Deixaram-na atoa, porque não encontraram a quem vender e tangeram pela frente umas cabeças de gado, que conduziram até Caundos em penosa viagem, afim de se livrarem do dia de juizo.

Corria pelos sertões que Antonio Conselheiro, Messias grotesco, prégava o fim do mundo. São Malochias, conta-se que affirmava elle, prophetizára acahar-se o mundo entre o fim do seculo que passára e o começo do presente: antes disso acontecer, teria mos e fome, a peste, a guerra. Já era patente o prenuncio do funesto acontecimento: com a fome andava-se a braços; lavrava a peste por toda a parte e a peste era variola, mais conhecida por bexiga; estava imminente a guerra. Alastrar-se-lia em seguida pavoroso incendio, causado pela propria guerra; qual mataria o resto dos habitantes terrestres! Feliz dequelle que em tempo conseguisse lograr um lugarzinho na cidade santa, para se livrar de tamanhos tormentos!

Para lá se havia abalado a infeliz vovó com os dois netos, rapazes robustos de vinte e poucos annos e tinham morrido todos os tres. Num encontro de jagunços com a tropa de linha morreram os rapazes. Já arrependida de ter deixado os pagos, a velha que todos os dias esperava a resurreição daquelles succumbira em abatimento profundo, traumatico com o coração chagado pelas dôres das saudades dos cinantes. Pobre velhinha!

Zé Brabêza e Diná fixaram-se naquella morada que mais parecia caverna, com todo o mobiliario que lá existia: uma roda de carro de boi com solidez pregada a um tronco secco quasi no meio da capuaba para ali se fazer a refeição, tres bancos com assento de couro, duas panelas de barro. Algum miseravel objecto, que mais lá houvesse, já tinha sido retirado.

Como criança chorava Diná, quando se achava só porque não queria bem áquelle homem. Tinha-lhe medo!

E levou a vida a chorar, e não lhe sahia dos olhos a tragedia de Sant'Anna do Ipanema.

(1) Andadura, correspondente, pouco mais ou menos ao troto e trote.

Velhice

Rins Doentes

Velho aos Trinta Annos!

Antigamente todos Viviam

Mais de Cem Annos!

Só se morria de Velhice

SABEM todos os Medicos que nos tempos mais antigos só se morria de Velhice.

Os homens somente morriam moços e fortes ás vezes na Caça, luctando contra os Animaes Ferozes das Florestas, ou então nas Guerras, quando feridos em combate pelos Soldados dos Exercitos inimigos.

Eram as Féras, na caça, e as Guerras que matavam os homens.

Fóra disto, elles só morriam de Velhice, depois de terem vivido Mais de Cem Annos!

Mais de Cem Annos!

Sempre assim.

Porque hoje em dia é a Vida tão curta?

Porque, em geral, todos cometem e praticam as maiores imprudencias, que arruinam e sacrificam a Saúde.

A razão é esta:

Todos sofrem do Estomago e intestinos, e assim, depois de algum tempo, ficam sofrendo tambem das mais perigosas Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Fígado, dos Rins e a terrível Arterio-Esclerose.

Hoje, muito antes de Trinta Annos de idade, os homens começam a perder os cabellos, ficando calvos muito depressa; aos quarenta annos já parecem Velhos, com perda de memoria e das forças.

São certos órgãos do corpo, principalmente os Rins, que estão sofrendo, em consequencia das Fermentações Toxicas no Estomago e intestinos.

Com isto, pode-se até morrer de repente!

Para viver muitos e muitos annos e não ter nunca tão Dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem fortes, usando **Ventre-Livre**.

Nunca esquecer:

Só se pode curar Dor de Cabeça e qualquer Molestia dos Rins, tratando-se bem o Estomago e os intestinos.

Não use Nunca e Nunca remedios Fortes e Violentos.

Seja Prudente: Trate-se!

Use **Ventre-Livre**

NANCY (São Paulo) — Não faço o estudo de sua letra porque o resultado não é nada agradável para V. Ex. E eu já estou cansado de ouvir descomposturas... sem lucro algum.

ALCYMIRA (S. Paulo) — Como V. Ex. se interessa pelo exame de sua graphia, vou attender o seu pedido.

Comecemos.

A sua letra revela um temperamento delicado, docil e accomodaticio. V. Ex. é um pouco indolente. Ama os ambientes suaves e os repousos macios. Deve ter certo bom gosto, tacto, habilidade. E' impressionavel, hesitante e um pouco agitada. As suas idéas são claras, perfeitamente logicas. E' pródiga, no sentido material. Simples, não sabe ter força de vontade: é uma creatura que desanima facilmente. Por isso as suas affeições passam depressa e se esphacelam deante da primeira difficuldade. E' rívida, habil, ardilosa e desconfiada. E' uma pessoa que vive em luta com os proprios sentimentos, sem saber o que deseja. Não é, no entanto, uma neurasthenica: é apenas uma irrequieta.

Quero crêr que já fiz o estudo de sua letra, ha dois ou tres annos.

MARIA V. (Capital) — Minha senhora. Dizia o conselheiro Accacio, aquelle cavalheiro illustre das palavras vulgares e phrases feitas, que ha destiuos melancolicos, dentro da mds vibrante alegria. Um exemplo? Amanheci hoje, sabado, 7 de setembro — contente e feliz com a manhã ennevoadá e cinzenta. Chego á redacção e vejo uma pilha de cartas de todos os matizes e feitios. Que alegria! São engragadas, as tuas missivas. Ha-as em puro estylo pedantesco, ha-as em estylo *co-cacá*, de poetas d'agua azeda — solução de acido citrico: ha-as em cassange, etc.

De repente, abro a sua. Entristeco. Dentro da maior alegria entristeco. Por que?

Porque si V. Ex. é mesmo uma representante do sexo imberbe, quero dizer, sexo de Eva, e de facto tem grande affeição por mim () — desde já me considero um homem de pouca sorte. Por dois motivos: primeiro, porque, si a sua carta é dirigida a Yves, nem por isso insiste em querer que me chame Arthur — um vago Arthur que, na sua imaginação, só Deus sabe como ha de ser: em segundo lugar, porque V. Ex. escreve mal, com uma força de 599 kilometros á hora.

Imagino que me escreve de algum sanatorio. Sabe por que? Por este simples motivo: Na sua missiva, leio este trecho: "Obr-

Sabam todos...

gudo pello julgamento que me fazes na Blague de 3-8-929 uma vez que só te lembrás de mim em crise de assumpto." (O grypho é meu.) Infelizmente, V. Ex. — homem ou mulher — parece ser um caso perdido...

N. S. (S. Paulo) — Aqui está a sua cartinha cor de cinza. Transcrevo-a n aintegra para que se veja que V. Ex. faz questão da sua graphologia.

Ella:

"Illmo Sr. Yves — Como acontece com quasi todas as leitoras de sua secção no "FON-FON", estou ha muito tempo curiosa por saber o que revela a minha graphologia.

Tenho notado que V. S. não attende á maioria de pedidos referentes a isso, porém acho que se assim procede é porque tem motivos justos.

Caso V. S. queira fazer-me esta gentileza, adianto que ficarei imensamente grata, seja bom ou não o resultado.

Queria poder dizer-lhe o quanto admiro a sua pessoa, a qual não tenho o prazer de conhecer senão em photographias. Mas não vá o Amigo julgar que estou querendo tecer elogios com o unico fim de ser attendida no meu pedido. Isto não...

Como "Paulista", sou um tanto acanhada, talvez influencia do nosso clima, cuja "garça" V. S. já teve o prazer ou desprazer de conhecer.

Não sou moça muito instruida, porém gosto immenso de lêr e conheço diversos livros bons entre os quaes o "Suave Enlevo" que revela bem a sua alma de poeta.

Sei que V. S. é de uma familia fina que ás vezes apezar da grandade, torna-se mais admiravel ainda.

No entanto espero merecer um pouco de sua valiosa attenção e não receber como algumas, a seguinte resposta: Não sou graphologo.

Dou abaixo o meu verdadeiro nome, mas, peço o obsequio de responder para — N. S.

Pedindo desculpar-me, fico mui-

tissimo grata, e subscrevo-me. Ao seu inteiro dispôr."

Agora passemos ao exame de sua letra.

Indica ella um temperamento delicado, calmo, doce, mesmo um pouco indolente. V. Ex. é uma criatura que não sabe lutar. E' docil e não tem força de vontade. E' uma vencida. Valdosa, muito até não permite que tenha a seu respeito uma palavra que não seja de louvor. A sua sensibilidade é muito delicada. E' feita de pelucia.

E' um tanto inexperiente. Tal vez ingenua e de boa fé. Não é prodiga, mas não é usuraria. As suas attitudes são limpas e elegantes. As suas idéas são claras. Tem um certo bom gosto e foje de coisas materiaes. Zombeteira, gosta de rir dos que a cercam e sair tirando partido de todas as situações: é opportunistas. Gosta de minucias. Tudo que é seu é muito detalhado.

Não é alegre. Nada alegre. E' triste. E si bem que ria, de quando em quando, o seu riso não é de alegria: é um pouco melancolico.

E' possivel (isso eu não affirmo) que tenha algum soffrimento interno. Figado, por exemplo, ou outro orgão a que me não posso referir nesta secção, mas que não fica longe daquelle.

Curioso é que V. Ex. parece ser muito simples.

Agora faça o favor de escrever-me novamente, dizendo mais ou menos isto: "Sr. Yves — O sr. é um simples amador da graphologia, mas vê as coisas da nossa alma, como se servisse de microscopio, (ou telescopio? ou psychoscopio?)

MARILIA (Capital) — Sim, aqui está a sua carta lilaz, revelando muito bom gosto. Não ha duvida.

Quero crêr que já lhe fui apresentado. Isso a dar credito ao que me escreveu. Será verdade?

V. Ex. não será irmã daquelle graciosa pianista?

Admiro muito o seu illustre pai. Si, de facto, V. Ex. já me foi apresentada, num elegante salão desta capital, é claro que fico embaraçado para dizer o que revela a sua letra.

Ser franco? Não é possivel.

Ora, o que sinto é o desejo de galanteala-la, á maneira dos poetas lyricos. Não ficaria mal que desesse achala interessante como aquellas marquezinhas e duquezas da corte do Rei Sol, empoadas e frágeis, sob a graça da cabelleirabranca, cheias de tufo de sedas nas salas convexas, abobadadas, — nas ancas roliças, — a mão enluva da, brotando como uma flôr pentagonal do punho de rendas, em

BIOTONICO FONTOURA



DEBILIDADE GERAL

Fraqueza geral, em consequencia de excesso de trabalho ou de molestias agudas, graves. Pallidez, Anemia, Falta de Appetite, Constipação de ventre, Debilidade devida á perda de fluidos organicos.

Em todos estes casos o organismo necessita de um reconstituente de acção rapida e certa, e por isso deve-se usar o

Biotonico Fontoura

cujos efeitos beneficos se manifestam logo nos primeiros dias de uso.

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

BURIDAN

Romance do escriptor francez
MICHEL ZEVACC. que sae ás quartas-feiras



VILLACABRAS

A MAIS PURA E A MAIS ACTIVA

DAS

AGUAS PURGATIVAS NATURAES CONHECIDAS

VILLACABRAS

81, Rue Parmentier

LYON - FRANCE

quanto ellas dançam o minueto ou a polca e os marquezes impertinentes as fixam com a elegancia do seu monoculo petulante... Tenho vontade de declamar, aqui, os versos destes versos de Samain:

*Grand air, Urbanité des façons
[anciennes].
Haut cérémonial, Références sans
fin.*

Princesses de sang bleu...

Mas, para que? Afinal de contas V. X. não me pede madrigaes, uma vez que não faltarão almofadinhas que lh'os digam, (empregando mal os pronomes e confundindo *sancto* com *canconcto*) para merecer de V. Ex. a graça de um sorriso ou a concessão de um tango, de

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

um fox, de um maxixe (familiar, já se vê) enquanto o "jazz" guincha e as melindrosas jantam duplamente "sandwichs" com chopp e refrescos de groselha...

Valerá a pena fazer o estudo de sua graphia?

Acredito que sim. Justamente porque a sua letra revela traços muito curiosos do seu caracter.

Antes de tudo, deixe dizer-lhe que me surpreendem a elegancia como escreve. V. Ex. é, felizmente, dessas cariocas que sabem traçar uma carta com brilho e clareza.

Agora, vamos á graphologia.

Deferirá, hoje, a sua calligraphia da antiga?

Haverá contradição entre o que lhe vou dizer agora e o que já disse se ha um anno? E' provavel que sim...

Nessa bella sciencia ha detalhes permanentes, invariaveis: os de ordem technica; e ha os variaveis, os de ordem psychologica. Quer crêr que estes serão os que possam variar no caso vertente.

Comecemos. Noto na sua letra de hoje: um pouco de egoismo, um sentido superior da palavra, uma dolencia, prazer do conforto, o gosto pelos ambientes faustosos e accommodações macias. Orgulho. Sim. E não pouco. Prepotencia. Audacia. Espirito despotico. Valência. Agora o lado contradictorio do caso: tudo isso é sob uma apparencia doce, affavel, até mesmo risonha, visto como V. Ex. tem bom humor, gosa de boa vida e calma, serena, segura de si mesma. Não é uma destemperada dos nervos.

A sua vontade é de ferro, tem energia, resoluta, como a vontade de quem marcha, para frente, com a certeza de que vai vencer. Tem bom gosto, sensibilidade artistica, graça, docura, espirito vivo. Um pouco de zombaria para com os demais: brejeirice, é o que é. Bom appetite, quasi glotonia. Pouco sentimentalismo, é verdade, mas é capaz de amar.

A sua assignatura resume o seguinte: equilibrio nas suas idéas, que são claras; luta com as proprias emoções, que propendem para a melancolia e o desejo de esconder o proprio nome. Grande desconfiança. Agora, uma vez: o anno passado V. Ex. fallou a verdade, quando me deu um nome bonito, mas que não era o seu.



Camisa não sunga

TYPO SPORT

UMA SO' PEÇA - EXCLUSIVO DA

CASA VIEIRA NUNES

Patente: 16.526 — AV. RIO BRANCO, 142

Preços: brancas, 20\$, 25\$ e 30\$ — Côres, 22\$, 28\$ e 33\$000

em S. Paulo: CASA D'OESTE — Rua de São Bento, 76-C.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos sollicitem, bastando tão somente que sejam formuladas com clareza e logico.

...

Toda e qualquer correspondência designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, na redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Peru', 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4135.

FGN-FGN — 7-9-1929

Nome do consultante

Data da consulta



UMA LATA
DE VERDADEIRAS

PASTILHAS VALDA

bem empregada, e utilizada a proposito
resguardará
vossa Garganta, vossos Bronchios,
vossos Pulmões,
combaterá eficazmente
DEFLUXOS, BRONCHITAS, GRIPPE,
ASTHMA, EMPHYSEMA, etc.
Mas sobre tudo EXIJI as VERDADEIRAS

PASTILHAS VALDA

vendidas somente **EM LATAS** com o nome **VALDA**
Encontram-se em toda sas Pharmacias e Drogarias

DIGESTONICO

do Dr. VICENTE

Appr. D.N.S.P. sob o N° 169 em 24-3-1927

é o preparado mais scientifico
e eficaz

contra

As Dôres do Estomago

ARDORES

DYSPEPCIAS

ACIDAS

Laboratoire des
"PRODUITS SCIENTIA" - PARIS

A venda em todas as Pharmacias



OS DOIS MÁOS PROPHETAS

HAVIA vinte annos que os guias Hans Fuchs e Johann Fledermaus se odiavam. Nunca trocavam palavra, e quando se encontravam no Zermatt or na montanha, cada um cuspiam em signal de desprezo.

A origem de seu odio remontava-se á época de seus paes. O de Hans odiava o de Johann. Os filhos haviam feito seus os rancores paternos, e agiam em consequencia disso.

Quando se falava de Hans deante de Johann, este se limitava a dizer:

— E' um bruto, que nunca conhecerá a montanha.

E quando Hans falava de Johann, resmungava:

— Esse asno conduzirá os viajantes á morte.

Varias vezes se tentou reconcilia-lo. Mas seu odio chegára a ser tão natural, que abandoná-lo seria apostasia. No entanto, o rancor não os perturbava muito, porque elles eram dois temperamentos glaciaes e duas imaginações embrutecidas no gelo em que viviam. Só quando Hans ou Johann acertava em guiar alguns touristes até os cimos perigosos da região, é que esse odio se mostrava mais vivo.



FOI em Breithon que occorreu o accidente que deu victoria a Johann. Hans devia ir com dois canadenses ha-

bituados com os frios polares. Era em pleno verão, e a comitiva sahia do hotel ao despontar do dia.

Ameaçava uma mudança de tempo para o cahir da tarde. Mas os velhos praticos acreditavam que até então o dia estaria esplendido.

Hans, auxiliado por um joven guia, chamado Kuchli, considerava a excursão como um passeio sem consequencia. O Breithon nunca lhe havia jogado nenhuma passada má.

A excursão foi, a principio, encantadora. Os dois canadenses que amavam a natureza ingenuamente, gozavam a magica transparencia da atmosphera, e se voltavam com frequencia, para admirar as enormes montanhas cobertas de perpetuas neves.

Hans marchava sem pressa, e de quando em quando dava aos viajantes informações acerca das alturas que ia escalando. Sem incidente algum, chegaram ao cimo.

— Dir-se-ia que se está no fim do mundo — exclamou um dos viajantes.

As reflexões deram lugar ás comidas. Os quatro excursionistas devoraram mais do que come-

ram, pois em logares assim, comer é uma alegria bem profunda.

Ao começar a descida, Hans se inquietou. O céu se apresentava ameaçador, começava a soprar o vento, e o guia accelerou a marcha.



FOI penosa a descida.

Cahia a neve em abundancia, e o deserto alegre se tornou sinistro. A terra habitavel parecia estar a uma distancia inatingivel, infinita.

A cada momento, Hans e seu companheiro tinham que ajudar aos touristes. O guia estava cada vez mais preocupado. Frequentemente vacillava ante o caminho a seguir.

Sobreveiu o accidente. Os canadenses desapareceram por uma greta. Hans, com o auxilio de uma corda, desceu em seu soccorro. Os canadenses não haviam sofrido nada e puderam facilmente subir com a ajuda da corda, seguidos do guia. Quando já estavam salvos, um desmoronamento arrastou Hans... Seus companheiros se esforçaram em vão para encontrá-lo. A tempestade recrudescia. Todo esforço parecia inutil. Foi preciso continuar a marcha.

NO hotel, encontraram Johann, que, presentindo a tormenta, não havia sahido.

Quando soube do accidente, se lhe escapou um grito, no qual havia tanta indignação como alegria. E não ponde deixar de exclamar:

— Bem dizia eu que elle nunca conheceria a montanha!

Amainava a tempestade, e Johann foi á procura de Hans, com outros guias. Depois de grandes caminhadas, conseguiu encontrar a pista e chegou até onde estava Hans, desmaiado e quasi gelado. Mas salvou-o com perigo de sua vida.



A humilhação de Hans foi terrivel. Já não atrevia a cuspir quando se encontrava com Johann. Este, no entanto, quando cruzava com elle, se punha a rir e dizia:

— Não cumprimentos a quem te salvou a vida!

Hans tirava o gorro e dizia:

— Não estamos em paz, Johann! Deus vir em meu auxilio, e eu te salvarei por minha vez.

— Johann Fledermaus se salvará elle mesmo!

Ambos eram máos prophetas. Johann cahiu a uma altura de trezentos metros, e morreu. Hans, que esperava seu desquite, só ponde recolher o cadaver. Então, um

DE J. H. ROSNY



(Ilustração de Marcelo Roberto)

grande melancolia se apoderou d'elle, e quando aos sabbados á noite regressava á sua choça, depois de

ter bebido alguns copos, dizia:

— Debochas de mim dahi de cima, Johann

Fledermaus!... Ha coisas que Deus não deveria permittir! Desde que tu me salvaste a vida, eu

tinha o direito de tirar minha "révanche". Isso prova que não ha justiça!

— Quantos annos tem a filha?

— Quatro.

— Que é que ella têm?

— Máo olhado de mulhé.

— Que é que é preciso fazê?

— "Ebó".

— Onde?

— Nas onda do mar.

O negro dirigiu-se a Maria Helena:

— Tá vendo? Vosmecê acredita no que Ochalá disse?

— Acredito. — disse surdamente a pobre mãe.

— Agora é preciso prepará um "despacho" para a senhora jogá nas onda do má. Sua fia tem ôio grosso. Vosmecê deixa aqui cincoenta min réis, p'ra o "ebó". Quando vosmecê chegá em casa, sua fia já está mais mió.

— Oh! meu Deus! Será possível?

Depois de entregar o dinheiro ao feiticeiro, a moça desceu quasi correndo a ladeira que con-

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

■ ■ ■

duzia á casa. Chegou finalmente á rua. A noite descia já, e Maria Helena pensava agora no que fizêra, deixando a casa sem que seu esposo soubesse, e a filha entregue a uma criada.

Ignorava que fosse tão longe o antro do feiticeiro!

Em vão ella esperava um bonde, um auto vazio; parecia que tudo se congregava para retardar a sua volta.

Um transeunte passou, dirigiu-lhe um galanteio que ella não ouviu; adeante, um casal parou para vel-a passar, com um ar de doida, massacrando os pés no calçamento esburacado da rua...

Que importava? Ella

queria era chegar em casa para vêr sua filha já melhor, sorrindo por vel-a chegar.

Para isso, Maria Helena teria ido ao antro de Belzebuth, ao fundo da terra, ao fim do mundo.

Um auto vazio passou: ella correu, chamou.

— Para onde vamos?

— Copacabana; depressa!

O auto rodou célere.

— Depressa, depressa...

— Não posso correr mais do que isto. A Inspectoria me multará.

— Meu Deus!

Finalmentê, o carro parou.

Maria Helena atirou-se para fóra do automovel, deixando na mão do

"chauffeur" uma cedê de vinte mil réis.

— E' doida! — disse elle, tocando o carro.

A moça, offegante, de desalinho, barafustou pela casa a dentro em busca do quarto, do ninho de rendas e bordados que fizêra para a sua Dulce.

Sobre a cama, debruçado, quasi occulto pelas fitas e gazes do pequeno cortinado, um homem forte soluçava, arquejava.

— Astolpho! Minha filha?!

Elle ergueu-se; sua face lacrimosa tornou-se energica; pegou pelos pulsos os braços de Maria Helena e sacodiu freneticamente, nervosamente, brutalmente:

— D'onde vens, infeliz? Onde estavas tu, Maria Helena?

— Astolpho! Minha filha?

Um violento soluço fez estremecer o peito forte do rapaz e elle respondeu:

— Morreu... sem ti, sem o teu olhar... como uma orphã!



SABONETE

Dorly

PERFUMARIA LOPEZ

≡ RIO ≡

SÃO PAULO

Preço por Preço,

é o melhor

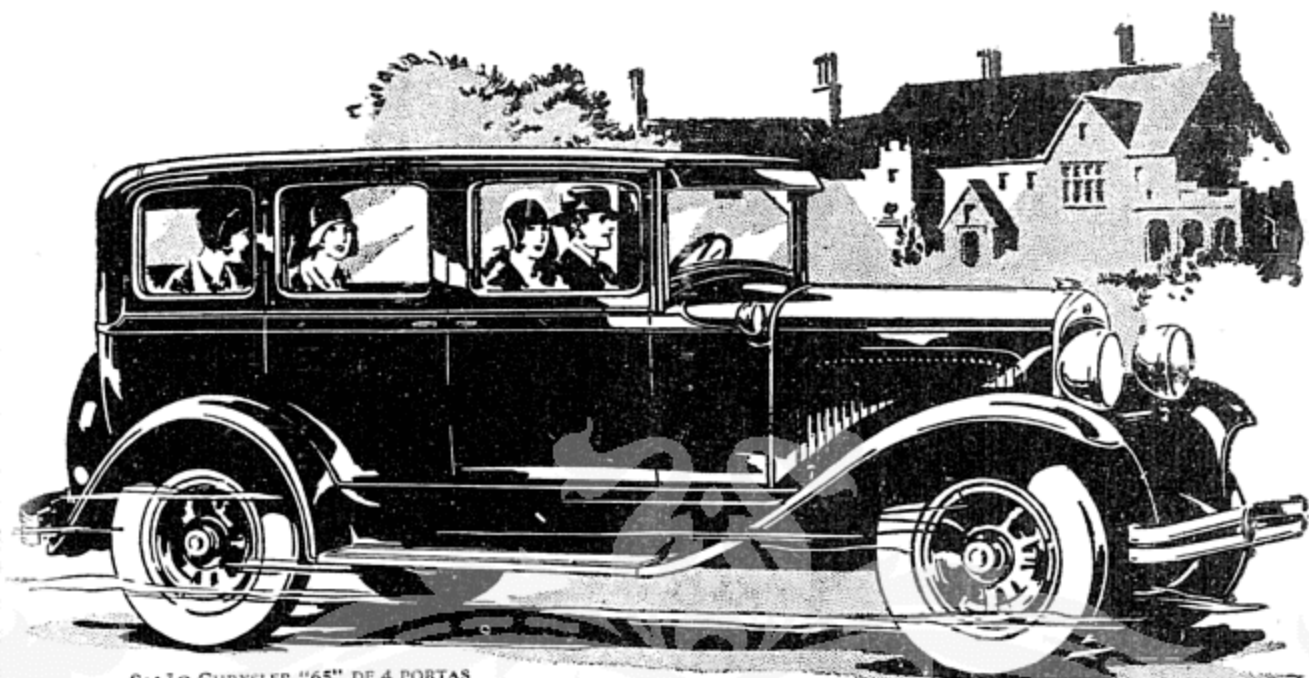
E AINDA SUPERIOR

A OUTROS MAIS CAROS

À venda

em todo

o BRASIL



SALÃO CHRYSLER "65" DE 4 PORTAS

Solicite uma demonstração em um Chrysler "65"

O CHRYSLER "65" apresenta a brilhantez de funcionamento que distingue os automóveis Chrysler de todos os demais—o resultado do seu possante motor "Silver-Dome," construído por Chrysler, provido de um veio motor contrapesado de sete chumaceiras.

Não se pode imaginar um automóvel mais fácil de guiar, o que se deve à sua docilidade, à suavidade do seu mecanismo de direcção, às rodas dianteiras

equilibradas e à acção positiva dos seus freios hydraulicos de expansão interna nas quatro rodas que não são affectados pelas mudanças de tempo.

As suas molas têm as extremidades presas em blocos de borracha, o que, juntamente com os seus amortecedores de choques hydraulicos, permite ao Chrysler "65" viajar em qualquer estrada sem solavancos nem balouços.

No que diz respeito a estylo, o Chrysler "65" pode ser considerado o figurino da sua classe. Onde quer que V. S. esteja, sentirá orgulho em possuir um Chrysler "65."

Observe todas as suas características e experimente, por meio de uma demonstração, o funcionamento que ellas tornam possível. V. S. compreenderá então o motivo da supremacia do Chrysler "65" entre os automóveis da mesma classe de preço.

CHRYSLER "65"

PRODUCTO DA CHRYSLER MOTORS

Distribuidores:

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.

AVENIDA RIO BRANCO, 247 — Tel. Central 1744 - 2407

DUAS AMIGAS

ERAM muito amigas Branca e Lucia. Andavam sempre unidas desde meninas, quando frequentavam o mesmo grupo escolar. No collegio, eram inseparáveis. Juntas passavam as férias; ora em alguma fazenda, ora em uma cidade vizinha, ora na capital. Eram muito amigas Branca e Lucia.

Dois tipos completamente diferentes. Branca, loura, cabellos com leve pulverização de ouro. Lucia, morena, adoravelmente morena. Cabellos abundantes, negros, ligeiramente ondulados. Olhos cheios de affectos, numa constante irradiação suave de illusões doces... Negalhos travessos brincam-lhe nas faces lindas, como duas petalas de rosa encarnada. E toda ella em garbo nobre, e numa impeccabilidade admiravel de contornos. Porém, o que mais captivava em Lucia era a percepção clara e facil, a viveza de entendimento, e a alma dotada de grande emotividade e finalmente sentimental. Lucia era o tipo ideal de belleza, de candura e intelligencia.

Branca não possuia desses dotes tão raros que dão á mulher o dominio sobre o homem. Era, entretanto, filha unica de um ricoalhouço.

Si bem que amigas intimas, queriam ambas a Donardo, moço de primoroso trato, esbelto e recém-formado em medicina.

Branca endereçou-lhe, sem muitos rodeios, uma declaração. Tão franca, sem rebuço, aquella confissão não agradou a Donardo, joven de talento robusto e psychologo. Ffinda a leitura da cartinha aromatica, observou as florinhas á margem e disse de si para si: "Pobrezinha! Desconhece os meios tacitos, diplomaticos para uma conquista duradoura: pobrezinha! Piegas e nada mais. Afinal de contas, é millionaria. Casando-me com ella, seria, em parte, a realização dos meus sonhos de estudante. Mas... é triste..." E, num grande suspiro, soltou uma fumaraça do bom charuto.

No dia seguinte, á hora em que a tarde esmaecia em tristezas lentas, Donardo, sentado num banco no jardim, respirava o tédio perfume das flores.

Branca, em companhia de Lucia, dirigiu-se a elle.

— Dr. Donardo, boa tarde.

— Boa tarde, Branca.

E, levantando-se, descobriu-se, em signal de respeito, e amavelmente apertou-lhe a mão.

— Tenho o prazer, Doutor, de lhe apresentar a minha amiga Lucia Ramos de Oliveira.

— Senhorinha, sento-me altamente honrado e feliz, conhecendo-a.

E cumprimentou-a com extremo de delicadeza.

— Eguamente, respondeu Lucia, linda no fulgor de seus encantos, divina no seu angelical sorriso.

Donardo contemplou-a com visível contentamento de alma; e, por instante, allí ficou, esquecido de si mesmo, como que rendendo culto áquella imagem tentadora de mulher.

Em seguida, passearam pelas ruas arenosas do jardim. Admiraram os alegres repletos de flores vicissas. Que profusão de perfumes!

Tendo uma violeta entre o indice e o polegar, disse Donardo: "Gosto desta florinha, que exhala, essencia suavissima, e se esconde nas folhinhas verdes, como a mulher que rescende sedução, e se occulta na sua encantadora timidez..." E, analysista de almas, olhou para Lucia, tentando perscrutar-lhe o intimo.

Ella baixou os olhos, enquanto pelas faces lindas lhe espirou onda leve de rubor.

Avançavam as sombras, precursoras da noite. Deixaram aquelle recanto floral; e, cavaqueando amoravelmente, chegaram á porta da casa de Lucia. Entraram. Na sala reinava ordem e asseio. Em fina jarra de crystal, sobre o piano, rosas vermelhas desfolhavam-se, em pranto. As petalas, lagrimas rubras, salpicavam a negrura espelhiada do verniz. E tudo na doçura da penumbra...

Lucia correu os dedos agéis sobre as teclas de marfim, e sonoridades ternas harmonizaram-se com a nostalgia do ambiente.

Donardo, na pedreira cor de malva, deixou o espirito mergulhar-se em tristezas vagas.

A lampada suspensa poz um ponto final, ponto de luz, á ternura incomparavel da hora indecisa. A sala ficou inundada de claridade. Cedendo á influencia do sensorio, Lucia executou trechos alegres. Depois, cuncta, sentou-se no sofá macio. Era admiravel o vel-a dando apartes seguros nos diversos assumptos da conversa animada.

Muito tarde Donardo retirou-se.

No dia seguinte, logo de manhã, a criada de Donardo communicou-lhe que uma joven desejava falar-lhe.

— Mande-a entrar na sala de visitas. Vou immediatamente.

"E" Lucia", pensou elle consigo. E deante dos olhos surgiu-lhe a imagem de Lucia, a sorrir-lhe, linda e fe-

liz. Conheceu a roupa, compoz-se no espelho e fô, recebel-a. Ao abrir a porta, deu com Branca.

— Vim fazer-lhe uma visita, Doutor.

— Muito obrigado. A senhorita é extremamente amavel.

Depois de alguma conversa futil, Branca, retirou-se. Em seu escriptorio, fumando na cadeira giratoria, Donardo dizia de si para si: "Coitadinha! Tão offerecida! Em todo o caso, é menina valorizada."

* * *

NUM leito de pureza, jazia a enferma de Donardo. Rosto, pallido e abatido, conservava ainda a delicadeza de traços. Aquelles olhos tão doces, tão cheios de mysterios, volviam-se agora, cansados, no fundo das orbitas. Melenas negras de cabellos destacavam-se da alvura do travesseiro de linho. Era adoravel ainda na sua sympathia apagada. Sobre a mesinha, frascos tristes de remedios. A cabeceira, na parede branca, o crucifixo de marfim. Dr. Donardo tomava-lhe, amudadas vezes, o pulso e dizia-lhe, ao ouvido:

— Estás bem melhor, entendes, Lucia? Em breve, si Deus quizer, ficarás boa.

Olhando para elle, com seus olhos grandes, lentos, velados, Lucia apenas movia os labios num imperceptivel:

— Sim.

Branca, de avental purissimo, tornou-se a enfermeira de Lucia. Não arredava de junto della. Dormia poucas horas, á noite.

— Dr. Donardo, como vai passando a minha filha?

— perguntava d. Emilia, a mãe de Lucia.

— A molestia está cedendo, minha senhora. Dentro de poucos dias, vel-a-emos restabelecida.

— Oh! grande Deus! — exclamava d. Emilia, de mãos postas e olhos para o céu. Doutor, continuou ella nunca suppoz que Branca fosse tão amiga de Lucia, como é.

— Realmente, distincta amiga.

Donardo entrou novamente no quarto de sua enferma, e poz-se a acompanhar-lhe a molestia nos tratamentos de medicina, o que fazia frequentemente. Examinou outra vez as receitas. Eram aquelles os medicamentos aconselhados pela sciencia. E revoltava-se contra a sciencia, que falhava no momento em que della mais precisava. E resmungava, contrariado, meneando a cabeça: "Oh! a sciencia! a sciencia! para que serve?"

Obedecendo á vontade de Lucia, Donardo passava largo tempo junto della, feliz porque podia contemplar ainda, com vida, a sua Lucia, luz de seus dias, luz que gradualmente, se ia apagando para sempre. E se revoltava contra a sciencia, que nada podia em face do mal triumphante.

— Branca, disse Donardo, um dia, a tua amiga, a minha Lucia, é um caso perdido. E retirou-se, afogado em pranto.

— Jesus! Que horror! bradou Branca.

E, levando o avental aos olhos, foi-se para um canto do quarto. Passou chorar. Volvidos minutos, tirou do seio, um lenço branco. Observou-o. Havia ainda um pouco do pózimo tefifero... "Talvez dê" pensou ella. E correu para porta da doente...

Donardo, afflicto, partiu para a cidade vizinha, afim de conferenciar, sobre a molestia de Lucia, com seu antigo professor, sãmbade medica.

A' hora marcada, Lucia tomou uma colherada de remedio, e sentiu-se peor, ansiosa. E baixinho dizia: "Donardo, Donardo, por que me abandonas, nos ultimos instantes de minha vida?"

A tarde lá, em desmaio, quando Donardo voltou. Approximou-se de Lucia; estranhou-lhe a respiração labiosa e lenta. Examinou as dosagens com as mãos que tremeram. Escrava tudo exacto. Depois, tomou o pulso de Lucia; e lá, com espanto, que o coração lá parando, aquelle coração que devia pertencer-lhe eternamente.

Lucia, na derradeiro esforço, abriu os olhos e tentou proferir algumas palavras. Não pôde. Pôz, talvez, o pedido de uma promessa... Em seguida, inclinou a cabeça e expirou. Morreu como uma flor.

Donardo estiu de joelhos ao pé do leito, segurando, com ambas as mãos, a mão fria de Lucia. E, banhando-a de lagrimas ardentes, e cobrindo-a de beijos loucos, dizia:

"Lucia, Lucia!" — como si tentasse, num desespero supremo, fazê-la ainda tornar á vida.

Lá fora, a ultima luz do crepusculo, illuminava a terra, num clarão de shio. Era a hora triste da agonia...

JOSÉ BENEDITO CUSINO.

O que distingue a casa A. DORET das outras casas de cabeleireiros — a clientela escolhida que frequenta ha vinte annos seus salões.

Os penteados A. DORET são sempre originaes e elegantes.

Os cabellos tintos ou descoloridos nunca são resequidos; são sempre lustrosos e macios, nunca perdem a ondulação natural.

A pessoa que trata sua cutis na casa A. DORET nunca tem espinhas, poros dilatados, cravos, etc.

Use sempre os productos A. DORET, quer para os cabellos, quer para o rosto.

Seguindo os conselhos de A. DORET nunca vos arrependereis.

A Casa Doret é e será sempre a primeira e a melhor casa de cabeleireiro do Brasil. — 5, rua Alcino Guanabara, — 5, Tel. C. 2431

RIO DE JANEIRO



Odorans

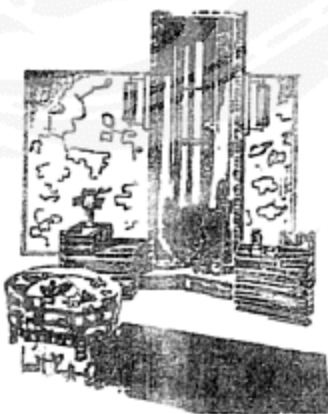
o antiseptico por excellencia para a bocca e a garganta.



A venda em toda parte e na Casa Hermannny, Rio

LAUBISCH - HIRTH

Móveis de distincção e decoração geral de interiores



Fabrica:

RUA RIACHUELO, 81-87

Telepho Central 4754

Ender. Teleg. «RIOMOVEIS»

Exposição do Centenario

GRANDE PREMIO

Exposição e venda:

RUA DO OUVIDOR, 86

Telepho Norte 3128 Tapeçaria: Central 5170

Com importante stock de nossos fabricados, sedas, cretones, tapetes orientaes e europeus, cortinas, etc.

Ender. Teleg. «MOBILART»



VARINHA DE CONDÃO

Grupos de pastilhas para bordar, aplicar ou pintar

AS pastilhas estão novamente muito em moda, e aparecerão profusamente sobre os tecidos do próximo verão. Apenas sua tendência é para a irregularidade de tamanho e dissymetria de disposição.



Aproveitemol-as também, e com a mesma aparência, para enfeitar varios objectos de nosso uso.

Essas pastilhas serão bordadas a ponto cheio, applicadas e pregadas com ponto de festas miúdo ou pintadas com tinta indelevel, segundo o gosto de cada leitora.

A' direita e á esquerda da pagina vemos dois jogos de golla e punhos de "lingerie", tão em moda actualmente; e que darão á mais sobria "toilette" um aspecto joven e galante. O da esquerda é de voile branco beirado por um vize de organdi azul, enfeitado com pastilhas de organdi azul e vermelho incrustadas nos cantos. O da direita é de organdi rosa bordado com pastilhas brancas feitas com pontos diversos, uma furada e cascada, outra com ponto cheio, outra pontilhada, etc.

Em baixo, á direita, se vê uma graciosa blusa de crepe da China, branco, sobre o jabot da qual foram bordadas pastilhas azues e vermelhas.

A seguir, um serviço de chá ornado de "a jours" em mão, unidos, nos cantos, por grupos de pastilhas multicores.

Em cima dessa toalha está um panno de mesa creme com barra amarela, enfeitado de pastilhas cor de laranja e pretas. Depois uma camisa de typo classico, tendo um embutido de filó em bicos, traz sobre estes grupos de pastilhas do proprio tecido. Adeante nota-se um chapelete moderno de feltro beije, embutido no alto de feltro azul marinho e ornado por grupos de pastilhas recortadas em feltro de varios tons e presas com pontos tão invisiveis quanto possivel. O chale que o acompanha é de crêpe da China beije com barr a azul marinho e ostenta pastilhas bordadas e pintadas em cores identicas ás dos feltros do chapéo.

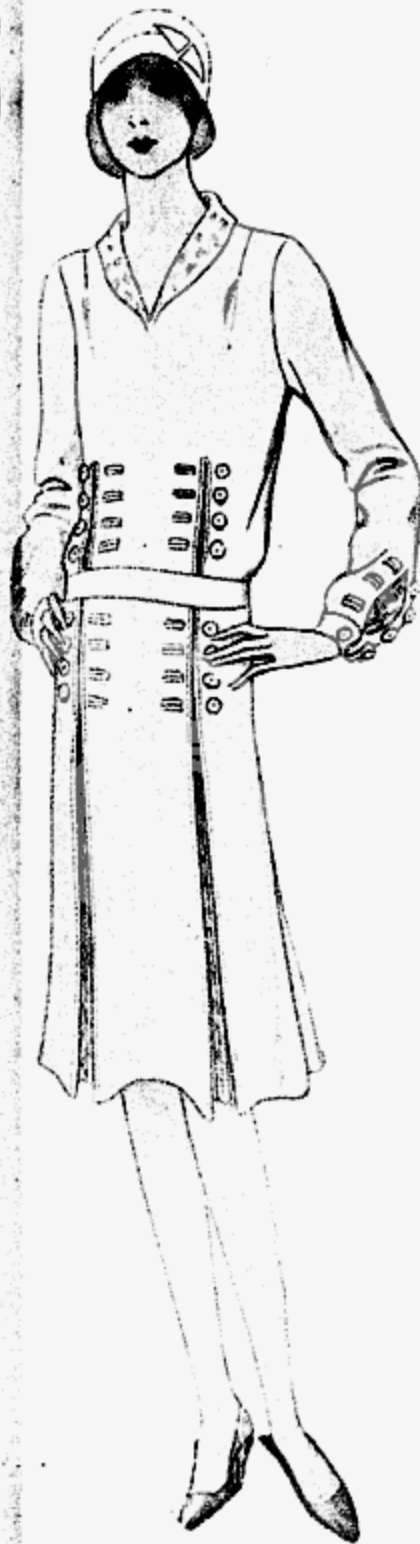
Vem em seguida uma bolsa feita de lã de varias cores e enfeitada por gru-



dos de pastilhas salpicando o colorido de cada trecho com os tons dos outros pedaços.

Em cima, enfim, está um costume para criança composto de camisolinha de seda ou de cambráia cor de canário bordada com pastilhas de varios matizes de azul, e de um pequeno paletot de lã na mesma cor, enfeitado igualmente.

DOIS VESTIDOS — Domingo, 1 de setembro, sob um céu magnificamente azul, desdobrado no alto, como um sonho de paz e alegria,



sob a poeira de ouro de um sol fulgente e claro e a vibração tonificante de uma brisa ainda fresca de inverno, realizou-se o grande premio no prado do Jockey.

A assistência estava tão brilhante e animada quanto o esplendor magnifico do dia. E dir-se-ia que ao duplo magnetismo da luz scintillante e do povo entusiasmado, os nobres animaes de sangue fidalgo se impacientavam, resfolegavam, luzidios e altivos em sua esguia nervosidade.

As saídas falsas foram innumerables; os briosos favoritos passarinhavam como si recebessem a influencia mysteriosa dos milhares de olhos fixados nelles, entre os quaes tantas pupillas de mulheres bonitas...

E, findas as provas, tornavam pela mão dos jockeys, frementes ainda, os dorsos banhados de grandes manchas de suor...

E então era a palpitante triumphante do esforço vencedor, a irradiante energia daquelles animaes super-excitados que parecia electrizar a turba humana que ondulava, aspirando ao movimento.

Nesse vae-vem de grupos elegantes, num intervallo, muito admirei dois lindos modelos de vestidos, um de moçinha, outro de senhora, que ao chegar em casa procurei fixar de memoria para os ofertar ás minhas gentis leitoras.

Ellos: o n. 1, para jovens, é de crepe radium azul com pregas, abrindo sobre pedaços de crepe georgette cor de assucar queimado, em bandas plissadas. Os vincos das pregas são beirados de botões de madreperola amarelados e de cascados fronteiros na cor do crepe georgette. Os punhos imitam esse arranjo do vestido. Adornava-o pequena golla de lingerie no mesmo tom do cascado, bordada com pastilhas azues. Acompanhava essa "toilette" fresca e juvenil um singelo chapéozinho canotier de feltro bege amarelado com uma cercadura de feltro azul, cujas pontas, trespassando quasi na frente, fingiam o geito descuidado de umas extremidades de fitas.

O outro vestido, mais luxuoso e senhoril, era de crepe setim verde amarelado, tendo no corpo uma barra ligeiramente enviezada formando bolero, cuja disposição ascendente na frente era repetida pelos babados da saia, bem em for-



ma acortados em largos festões arredondados, e acompridados sobre um lado, quasi atrás. Acompanhava esse vestido um chapéu de bengali verde, no mesmo tom, de aba irregular, alargada de um lado, relembando o movimento do vestido, e enfeitado simplesmente com uma faixa franzida de georgette verde mais claro, presa sobre o lado por uma barrete de fantasia.

P O R

CINDERELLA

As onze e quarenta e cinco da noite, Guépin entrou na casa sem fazer barulho. Seguia-o um cachorrinho errante. Chovia e o tempo estava fresco. Guépin não teve coragem de espantar o animal, cuja ansiedade traduzia pelo estremecimento febril de um rabo minúsculo.

Riscou um phosphoro, entrou na cozinha e fez luz.

Tudo estava em ordem e respirava a maior limpeza, apesar de naquella noite haver jantado em casa a família.

Emquanto elle fôra acompanhar a tia Virginia, os primos Babuchard e o tio Celestino até o bonde, sua mulher havia lavado toda a louça e deixado a cozinha um brinco, como ora via.

— Pobre Antonia! — murmurou.

Agora lhe pesava um pouco ter prolongado os prazeres da mesa com algumas libações solitarias em varios cafés do bairro.

E, como tinha o vinho carinhoso, um impulso effusivo levou-o a inclinar-se para o cachorrinho, que tiritava a seus pés, olhando-o fixamente.

— Tiveste sorte encontrando-me — disse-lhe, acariciando-lhe a cabeça.

— Graças a mim, vaes passar a noite quentinho.

E com uns papéis, uns trapos e um pouco de palha, perto do fogão, ainda morno, improvisou um leito, brando e abrigado, onde deitou seu protegido.

A's sete da manhã, Guépin dormia profundamente, quando sua mulher o despertou, sacudindo-o com força.

— Acorda, Antonio! Elle abriu os olhos, sobresaltado.

— Já são sete horas? — Deram-lhe pouco tempo. Tens o tempo exacto para vestir-te e ir correndo para o escriptorio.

Melo dormecido, a boca pastosa, e sem se lembrar de nada, se levantou resmungando.

A senhora Guépin contemplava-o em silencio.

Indubitavelmente, esta-



va com raiva do marido, por ter elle passado a noite rodando pelos cafés, em vez de voltar immediatamente, afim de ajudar-lhe na tarefa domestica.

Annunciava-se a tormenta.

Antonia a via aproximarse, e por isso não se atrevia a abrir a bocca, temeroso de que a primeira palavra desencadeasse a bilis de sua esposa.

Subito, Guépin e a senhora Guépin se olharam espantados. Que podia ser aquillo?

— Parece até — atreveu-se, por fim, a exclaimar Antonia — que cahiu um aeroplano em cima da casa.

— Não será a lampada

da sala de jantar que cahiu ao chão?

— Com certeza deve ser isso.

Correram ambos á sala de jantar, onde nada havia occorrido. Na sala de visitas tudo estava, tambem, em ordem. Então?

Então, a senhora Guépin abriu a porta da cozinha.

— Maldição! — rugiu ella, retrocedendo, horrorizada deante do espantoso espectáculo.

No chão, transformados em cacos, travessas, pratos, copos e sopeiras.

No centro, o cachorrinho saboreava, tranquillamente, os restos de uma comida qualquer.

O pobre Guépin, com a cabeça baixa, contemplava o desastre, murmurando:

— Que desastre!

A senhora Guépin dizia nada. Não porque não houvesse deixado sem fala, mas porque não encontrava uma palavra que fosse o bastante forte para pulverizar o verdadeiro autor da espantosa catastrophe.

— Só um cretino como tu — disse ella, afinal! podia encerrar na cozinha um animal como este!

— Não me recriminas, Antonia! — supplicou Guépin. — Não sou tão culpado como julgas. Eu sou a victima de meu bom coração.

— Já te darei bom coração! — interrompeu a senhora Guépin.

E, agarrando o cachorrinho pelo pescoço, abriu a porta e o atirou á rua.

... **QUANDO** Guépin voltou para o almoço, já cessaram, por parte da sua mulher, os insultos e as lamentações mais diversas.

O culpado não respondia nem uma palavra. Pensava que o melhor era deixar passar a tempestade, e esperar a calma.

Mas, á noite, o tempo conjugal não havia melhorado ainda. E quando Guépin voltou do escriptorio, ella o recebeu com estas palavras:

— Sabes o que me custou teu gesto cara thelesco para com o cachorro sarnento que trouxeste para casa? Trezentos mil réis! Tirei conta.

Mas, dessa vez, Guépin não ficou calado, e a voz mais alta e attitud mais energicas que as de sua mulher, exclamou:

— E sabes tu o que me fizeste perder expulsando de casa, brutalmente, um pobre ser irresponsavel?... Não sabes?... Pois te vou dizer!

E, desdobrando o jornal que trazia, fez sua mulher ler o seguinte annuncio:

“Cinco contos de réis de recompensa a quem devolver á senhora Latu pette um cachorrinho “fox”, que attende pelo nome de “Bobette”.

Concurso Sabonete EUCALOL

(MENÇÃO HONROSA)

*Para as louras e as morenas
E para a gente de escol
Um conselho dou apenas;
O sabonete EUCALOL.*

H. Féital.

Rua Conde de Bomfim 41.

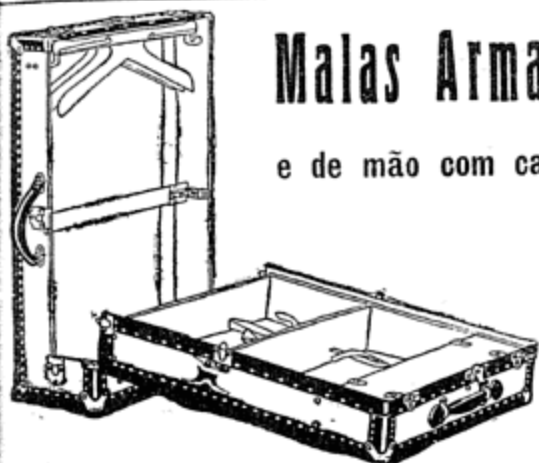
Malas Armario HARTMANN

e de mão com cabides, diversos modelos

Unico depositario:

A TORRE EIFFEL

97, OUVIDOR, 99



CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

ARISTIDES LOBO, 148

Telephone 8957 Villa



DIARIAS DESDE 15\$000



MODELO 62

Com este modelo de cinta de borracha pura em cor de carne, obtem-se forma impecavel, perfeita elegancia mesmo nos corpos deformados pela obesidade ou excesso de gordura

Capas de borracha ultimo typo fantasia para senhoras.

Roupa para mergulhador Privilegiadas.

Casa SCHAYÉ S. A.

Avenida Gomes Freire, 19 e 19 A

Tel. C 1074 — RIO DE JANEIRO

Patente n. 12511

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

AVENIDA RIO BRANCO, 134 1º E 2º SETEMBRO 189

COIFFEUR POUR DAMES

ONDULAÇÃO Permanente (para sempre, com o RODAL ondulante e ELOSMEY) ou Marcel e Mise-en-plis a la agua, pintura de cabelo desde 25\$, corte de cabelo de luxo, 4\$, Sobrancelhas ou Manicure, 5\$, Massagens de Belleza contra rugas,



cicatrices de espinhas e de bexigas, manchas, sardas, verrugas, pontos pretos, Poros e capillares dilatados. Tratamento de Seios, Ventre, Pelhos, Varizes, engordar ou emagrecer, enrijecimento das carnes, etc., 15\$. Limpeza de pelle. MAS-CARA de lama para fechar os poros, 12\$. PEDICURE.

Peça catalogo gratis.





Escrava voluntaria

Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo frágil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.

Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel: — o uso d' "A SAUDE DA MULHER".

Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio.



A SAUDE DA MULHER

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1929

LUCIA tinha dezessete annos. Era linda. Era fulgurante. Também não ha mulher feia nessa idade. Si o rosto, ás vezes, não reflecte essa formosura inexperiente e primaveril da puberdade, é que o espirito e o coração guardam, avaramente, para seu gozo intimo, o esplendor feminino que os olhos dos outros inutilmente procuram.

Mas, não ha dezessete annos feios. Foi um grande poeta que o disse: Amado Nervo.

Lucia rutilava nos tres lustros e meio de sua vida feliz. Tinha um rosto de linhas aristocraticas. Uma pelle bem tratada. Uns olhos tropicalmente vivos. Olhos que tinham essa inquietude azul dos olhos cõr de céu.

Era uma brasileira loira. Luminosamente, deslumbrantemente loira. E sabia sorrir tão lindamente, que fazia a gente sorrir com ella. Também era de uma simplicidade que encantava. E era alegre e bondosa.

Ahi está o retrato de Lucia.

Residia ella num palacete augusto de Copacabana, onde também moravam seus paes: um pato descendente de allemão e uma dama paulista de familia importante.

A mocidade de Lucia decorria num ambiente de conforto e de luxo. Era filha unica. E filha unica de um homem que lhe podia dar tudo. Assim, tinha ella o que desejasse.

De seu palacete só sahia num lindo carro com *chauffeur* de libré. E sempre acompanhada de sua mãe, ou de uma tia viuva, que a vigiava maternalmente. Ia á manicura, ao cabelleiro e, duas vezes por semana, ao cinema.

FOI no cinema, uma tarde fria e cinza, que Lucia conheceu o moço cujos olhos, procurando seus olhos, num intervallo da fita, tanto a impressionaram.

Ella estava com sua tia viuva, que fingiu não notar aquelle encontro de olhares...

Na tela, passava um film de enredo sentimental, com bellos trocados á sombra de arvores pro-

tectoras e sobre o tapete verde esperanza do gramado... John Gilbert, fazendo o papel de apaixonado, devorava, com os labios, os labios voluptuosos de Greta Garbo, num idyllio que enchia de palpações a alma das meninas ingenuas da platéa.

Lucia estava vendo aquillo com uma vontade immensa de ser Greta Garbo... E quando, no primeiro intervallo, as luzes encheram de claridades o salão, os olhos azues da moça cahiram, accidentalmente, nuns olhos negros que a fitavam com essa insistencia humana de quem começa a amar.

De novo as sombras voltaram ao salão, e continuaram na tela as scenas romanticas que mexiam com a sensibilidade de Lucia. Muitos beijos seus olhos presenciaram ainda. Bellos ao ar livre. Bucolicamente suggestivos. Sempre John Gilbert e Greta Garbo a fingirem de apaixonados... A mentira cinematographica do amor...

O moço de olhos negros, do cinema, sahio com Lucia, acompanhando-a á distancia, discretamente, prudentemente. A tia viuva continuava a fingir que não percebia nada daquelle episodio sentimental. O quartelrão Serrador tinha o seu movimento habitual. Movimento de tarde fria e sem sol. Tarde de quarta-feira de inverno.

Lucia e sua tia entraram na sorveteria da esquina. Pediram chá com torradas. Lunch de gente chic.

Perto dellas, com os mesmos olhos negros, penetrantes, o rapaz que as seguia. Também pediu chá com torradas...

Depois, as duas se dirigiram para o ponto onde as esperava o automovel. Subiram. A tarde cinza declinava. O moço do cinema ficou desolado quando viu Lucia dentro do bello carro, ao lado da dama de preto que a acompanhava. E seus olhos negros fitaram uma ultima vez os olhos claros da moça que elle não conhecia.

O automovel partiu. Partiu levando uma Lucia ingenua e linda, mas uma Lucia que começava a comprehender a linguagem dos olhos...

Menina e
moça...



Martins
Capistrano



ENTRE o sr. dr. Octavio Mangabeira, ministro das Relações Exteriores, e o encarregado de negocios da Venezuela nesta capital, dr. Montilla de Abreu, realizou-se, sabbado ultimo, no palacio do Itamaraty, a cerimonia da troca de ratificações do protocollo de limites entre o nosso e

aquelle paiz amigo e que, assignado 24 de julho do anno passado, fôra convenientemente aprovado pelos respectivos Congressos. Publicamos nesta pagina um aspecto dessa solennidade tão expressiva pela cordialidade brasilovenezuelense, uma photographia do dr. Octavio Mangabeira com o dr. Montilla de Abreu.



LAMPEJOS

Vivendo tão perto, vivemos tão longe um do outro... Ha entre nós, o abysmo dos preconceitos e o fantasma inquietante do sobresalto. Temos medo de tudo. Até de nos olharmos quando outros olhos indiscretos se interpoem entre os nossos anseios suavissimos e entre a silenciosa e doce radiographia dos nossos corações...

No entanto, si a occultamos aos outros, não podemos occultar a nós mesmos essa palpitacao sentimental que nos aproxima no mundo subjectivo e esplendido do amor. E eu sinto, e você sente commigo, que fomos

feitos um para o outro. Temos tantas afinidades... tantas! Você é triste e simples. Eu sou bem o seu contrario. Eu gosto pouco de falar. Eu amo a linguagem do silencio. E leio nos seus olhos de topázio, nos seus lindos olhos cor de ouro, a mesma rosa angustia que eu tenho no coração. Minha vida é com a sua vida: doce e amarga. Nós somos identicos de no.

Não sei porque sorte nos separou. Não sei porque não conhecemos tão cedo... Tão irremediavelmente tarde.

Vivendo tão perto, vivemos tão longe um do outro...

LAMPEJOS

Estou triste, hoje. Profunda e amargamente triste. Meu grande amor recebeu, cedinho, o choque de uma tremenda ameaça. Você, mentindo, embora, ao seu coração, e bem o li nos seus olhos — você me disse, com voz taciturna, que o nosso amor era impossível.

A minha angustia foi tão grande, foi tão desnorteante a minha surpresa, que não soube o que lhe responder.

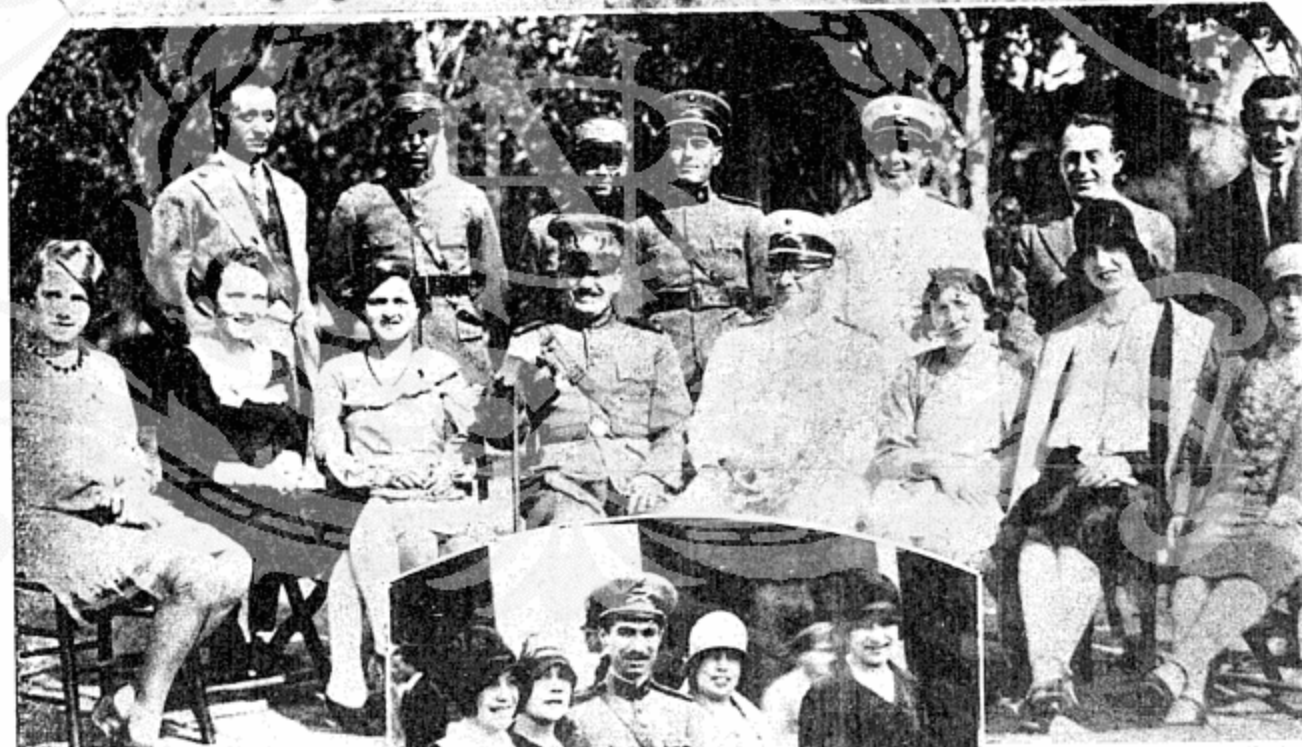
O
Automovel Club
do Brasil homenageou os membros do Congresso de Estradas de Rodagem com um grande baile, que foi a nota elegante da ultima semana.

E vim para aqui escrever este *lampejo* triste, que você ha de ler pensando em mim, e pensando em nosso romance que mal começa.

Este lampejo de minha alma, sufocada, torturada pela sua ameaça. Não desanime. Tenha coragem, como eu tenho, de afrontar o mundo com este affecto que me deu a luz dos seus olhos de topazio...

Nunca me senti tão triste como nesta manhã sem sol...





«O Dia do Soldado» também foi comemorado em São Paulo com varias cerimoniaes militares, que se revestiram de grande brilho. Esta pagina fixa al-

guns aspectos da linda festa que se realizou no quarteirão de Quitandinha, e na qual ao lado de austeras impressões de soldados, ressaltaram suaves physionomias femininas...

AGOSTO

Agosto é o pintor das paisagens estranhas.

Seu pincel impressionista vai e vem, levemente, e uma grande tela se estende ante meus olhos tristes.

Morros distantes numa ondulação vaga e macia de um verde, que não é verde, antes cinza, mesclado de lilaz e perola...



Um céu que é quasi azul quasi verde, quasi opaco sem luz, sem calor. Arvores raras de galha nua, numa "pose" torcida, contorcendo-se no fundo gris da paisagem. Arbustos esguios de folha miuda, esfumados á crayon...

Agosto é o pintor das paisagens estranhas.

MARILDA PALINIA

EVANIDADE...

CONSIDERAÇÕES DE UM SCEPTICO

VEJO o meu amigo sorrir, alegre e feliz, ageitando o laço da gravata, alisando a pastinha do cabello cacheado pondo mil e um cuidados na "toilette" marron, elegante, da moda. Eil-o agora que se perfuma. Caron? Bichara? Coty? Não importa! O principal é que elle se perfume e saia novinho em folha, para essa conquista de uma Julieta moderna, que o espera á porta de um cinema falado.

— E' só? digo eu, sentado deante delle, na sua garçonnière.

— E achas pouco? E' uma conquista que vale por uma dezena...

Interrompeu-se para perfumar a face posterior do lobulo da orelha.

— Que significa isso?

Elle riu-se e piscou-me o olho, zombeteiramente.

— Não sabes que o perfume dura mais nessa região?

— Não comprehendendo.

— Quem vae a uma conquista, uma primeira conquista de amor seculo XX, deve perfumar a base da orelha. Esse recanto é um concentrador de essencia.

— E que vantagem trará isso ao amor?

— Que tolice! Então não percebes? A nossa aproximação de um rosto lindo, de uma cabeça querida, o perfume que rescende é sempre mais activo...

Sorri da frivolidade do meu amigo, Mas não deixei de lhe dar razão.

— Que idade tens?

— Vinte e seis.

— Muito bem. Aos vinte e seis annos, uma conquista amorosa é um episodio banal.

— Banal? Por que? — indagou elle, escandalizado da minha observação.

— Eu me explico, — disse eu.

E expliquei-lhe, de facto, que naquella phase da

vida as conquistas se faziam facilmente, porque ainda estavam no florescer das illusões mais passageiras.

Soffria-se por uma mulher o tempo exacto em que não se encontrava outra. E encontrá-las em nosso caminho era mais commum do que as não encontrar.

O difficil era conseguir corresponder a todas ellas com o mesmo enthusiasmo. O nosso coração se lhes dava quasi sem pensar em projectos, sem calculos, sem temores, sem vacillação...

— Mas por que? — indagou o meu amigo, sentando-se a meu lado, e já interessado pelo que lhe dizia.

— Porque é na sua idade que nós homens ousamos todas audacias, enfrentamos todos os perigos, numa inconsciencia pasmosa. Faltamos a experiencia do mundo. Ainda não temos vivido, sufficientemente, para comprehender as mulheres...

Elle se poz a meditar. Aproveitei o seu silencio para desenvolver a minha these.

Disse-lhe que, aos vinte e seis annos, ainda não tinhamos a necessidade de simular certas attitudes, que eram a tactica melhor para prender uma Eva.

— Depois sim. Depois dos trinta annos, é que começamos a representar, a usar as palavras já ditas e reditas, e servir-nos de todos os "trucs", todos os "bluffs" para illudir aquella a quem amamos. Mas por que

isso? Porque ellas já não são faccis como nos primeiros tempos. E as que são faccis, já não nos enthusiasmam, uma vez que principiamos a ser mais exigentes.

Comprehendemos melhor a alma feminina — em hora todas ellas se considerem Esphynges, complexas, indefiniveis, etc. E por isso as tememos e escovamos, como quem entra numa casa de fructas e



M. L. L. E. Maria Letitia Harms é dona de um grande talento artistico, como pianista que é, e dona de uma graça esplendente. A graça da sua mocidade, do seu sorriso e da sua silhueta de "poupée". Boneca! E' bem o que ella é. Mas, por isso mesmo, é que ha de ser uma noite de grande fulgor mundano e artistico, a de 10 do corrente, no salão do Club Germania, onde Maria Letitia se fará ouvir, ás 9 horas da noite, num recital de piano.

receia levar uma que esteja sazoadada demais, ou tenha passado por muitas mãos. De resto — acres-

— que ainda não tens a minha idade. Age, por agora, com a alegria, a coragem e o optimismo

— Ora, mlle. Zilah! Então, acha mesmo que tenho cara de poeta lyrico?

Voltou para o meu lado. Sentou-se e, cruzando as pernas bem feitas, disse num repente, esforçando-se por fazer a sala cur-

deser: — A propósito, quando será que nos dará um novo poema, de alma minina?

— Eu?

— Sim.

— Nunca mais.

Zilah teve um gesto de espanto.

— Como? Não mais creverá versos?

— Não.

— Deve haver um motivo preponderante tuando sobre a sua resolução...

— Não ha nenhum...

— Não é possível, doutor — insistiu ella. Deve haver um motivo... Se elle qual fôr.

Um silencio. Eu, que não fumo, accendi um cigarro. Atirei longe phosphoro, como se de nos romances, e annunciei:

— Não escrevo mais versos porque não sou sincero.

— Não o comprehendê.

— Sim. Para se escrever sobre o amor é mister, pelo menos, que ainda tenhamos um pouco de illusões a respeito das mulheres. E' necessario admittir que ainda existe alguma, digna de se divinizada pela nossa arte.

— E acha que já existe mais nenhuma?

— Acho.

— Que desafôro!

— Desafôro, não. Quando do muito seria uma injustiça. Mas uma verdade patente não é injustiça.

— As mulheres sempre foram as mesmas. Elas se defendem do homem — que é o seu maior inimigo. Dahi o modo de julgar-as...

— Quem fez essa pergunta foi...

— Foi uma pessoa de senso...

— Foi uma mulher de peitada. Velha e feia sem duvida.

— Mas enfim não sabe mais escrever versos antigos?

— Não. Sob esse aspecto, eu julgo a arte como Pascal julgava o amor.

Pascal dizia: "Quand nous aimons, nous nous raisonnons à nous-mêmes tout autre que nous"

centei — não é só ellas que tememos, pelo que a experiencia nos ensina. Sabemos tambem que o nosso desejo de posse é muito violento. E Charles Peguier escreveu: "Le désir qui vous ronge jusqu'à l'ame est plus à redouter qu'une tentation à laquelle on cède"...

—Matate o meu entusiasmo! — exclamou elle, desolado.

— Por que? — perguntei.

— Porque não havia pensado em nada disso, antes dessa primeira conquista.

— Mas é — repliquei

dos teus vinte e seis annos em flor...

OS HOMENS... AS MULHERES... — Olá, doutor. Está triste?

— Por que me faz essa pergunta?

— Porque o vejo assim, com esse ar de poeta lyrico...

— Um contemporaneo de Lamartine?

— Não discuto as escalas. Friso os temperamentos...

DE volta da missa, ellas parecem commentar: «Conseguimos de Deus o que queríamos...»

— Sim; a sua propria physionomia. O senhor não é mesmo um poeta lyrico? Quem escreve versos como o senhor...

E Zilah, rindo sempre, baloiçando o corpo esguio, fino, elegante, dentro do vestido *bois de rose*, como um encanto vivo e vaporoso, de carne rosada e cabellos de ouro, deu alguns passos sobre os tapetes do salão. Colheu uma rosa branca, que sorria sobre o piano.



- 97 - 9 - 929.

"n'ctions auparavant"...
 — Assim na arte.
 — Quer dizer que hoje seria capaz...
 — Hoje — atalhei — só seria capaz de escrever versos negativistas, scepticos, desilludidos, nos quaes a mulher não pudesse apparecer en-deusada por mim, isto é, pelos homens...
 — E por que não deve ser divinizada?
 — Porque só deve ser satanizada...
 Zilah ergueu-se num rompante.

— O senhor é um barão, um homem da idade da pedra... Adeus...!

REVERIE — DE YVES
 — Não sei o que é mais triste: si este crepusculo que abre a azas de morcego, azas monumentaes, feitas de penumbra e de seda cõr de rosa, si o crepusculo que este *abat-jour* lilaz-pallido derrama aqui nesta sala deserta.
 O que sei é que a melancolia da tarde é como um sonho e um canto.

Sonho de ternuras veladas, de vertigem, de agonia da luz, de penumbra que se esfuma em nuances imperceptiveis; e canto de uma surdina que mais se assemelha a uma prece, uma prece á hora crepuscular, num cõr de cathedral abandonada, immersa num angustioso silencio — ao embalo de um órgão mediumnicamente soluçante...

E como falei em sonho, e em surdina, abro aqui estas Flôres do Mal (que me fazem tanto bem...) desse tragico e formidavel Baudelaire...

*Que diras-tu ce soir, pauvre ame solitaire,
 Que diras-tu, mon cœur,
 [cœur antrefois flétri,—
 A la très belle, à la très
 [bonne, à la très chère,
 Dont le regard divin t'a
 [soudain refleuri?*

— *Nous mettons notre orgueil à chanter ses louanges...*

Mas não! Eu não te cantarei, com o meu orgulho arrogante. Pensarei em ti.

Nesta hora de *rêverie* e de enlevo, qualquer murmúrio seria uma profanação á exelsitude do meu amor que é todo

feito de santidade e pureza.

Tu, branca rosa de Jericó, *edelweiss* das montanhas inacessiveis, estrela polar da minha imaginação, eu penso em ti e falo no teu nome como quem reza num santuario.

Esse livro de amor e poesia que engrandece e sublima as coisas mais impuras — é como o breviário de uma virgem commungante, em cujas paginas se comprimem as folhas seccas da malvarosa, da avenca, e os amores-perfeitos, os trevos e as violetas murchas que floresceram em maio.

Tu, meu amor, não existes! E como tu não existes, e és pura como os perfumes da minha imaginação inflammada, ardendo como sirios votivos, nas vigillas de sofrimento pela arte soberba e pelas maravilhas do espirito, eu te chamarei a minha "*Regina Cali*!"

ZIG-ZAG — O senhor é um bruto.

— Eu?

— Sim, o senhor.

— Mas, senhorita, a sua phrase é violenta. E quem se julga com o direito de dizel-a assim, a queima-roupa...

E ella, tomando a sua taça de chá cõr de ouro, fumegando, numa espiral que tinha a fôrma de uma interrogação.

— Zangou-se?

Luciano teve apenas um sorriso, que significava: "sim". Heloisa, muito saudavel, na alegria da sua juventude bonita, fez um gesto de faceirice, e esclareceu:

— Pois olhe, chamando-o *bruto* eu o elogio.

Luciano fitou-a, sério. Pousou a sua taça de porcellana sobre a mesa do chá, e afastou as rosas que o impediam de vêr o rosto redondo de Heloisa.



FINDA a missa na Gloria, ellas parecem dizer: «Foi adiado o pedido que fizemos ao Senhor...»

— Como diz?

— Chamando-lhe *bruto* eu o elogio.

— Quer fazer phrase? Tenta paradoxos, made moisselle?

— Não admira: sou uma escriptora. De resto, sou uma creatura diferente das outras.

O moço lançou uma perfidia, como quem atira um punhal á distancia, na certeza de que ia alcançar o alvo em cheio. Disse:

— Compromette-se em pretender ser diferente das outras... Lembre-se de que toda mulher é virtuosa, é angelica, é pura como as onze mil virgens da corte celeste...

Helôisa teve um "ah!" de amúo. E observou, meio rubra de pejo e de rouge:

— Sou diferente das outras na maneira de vêr as coisas.

— Mas, afinal, — disse Luciano, dando margem a um armistício — por que me chama de bruto?

— Por que bruto aqui quer dizer: um homem cheio de energia, activo, viril, capaz de lutar, orgulhoso, consciente do seu valor. Vaidoso, um pouco. Mas por que não ha de ser vaidoso, si o senhor é um intellectual, e somos nós mesmas, nós mulheres, nós frivolas, que o vamos endeusar com as nossas palavras, a nossa admiração, a nossa belleza, a nossa graça?

— E si os homens me descompõem, por tudo isso... — acrescentou Luciano.

— Exactamente! O senhor é bruto por essas razões muito logicas. No entanto, nós mulheres sabemos vêr por baixo dessa capa de brutalidade, a alma do homem nobre, capaz de altruismos, de attitudes cavalleirescas e superiores, quando se trata de amparar aquella a quem ama.

Luciano baixou os olhos. Quando os reergueu, estavam constellados de lagrimas. Helôisa brincou:

— Ih! Como o senhor é covarde! E' bruto e co-

varde! Chorando deante de uma mulher...

E Luciano, a voz presa á garganta:

— Chorando de commoção... em face de uma justiça que me fazem. Ellas são tão raras...

CHARLA — DE YVES

— Talvez os senhores não saibam o que é o sujeito atravessar o domingo cheio de aborrecimento e de tédio, e chegar á segunda-feira com um tédio ainda mais asoberbante. Pois é horrível. A gente, quando sae de casa, pela manhã, tem vontade de não dar

bom dia a ninguem. No bonde, o nosso desejo é bater no conductor — para elle não saculejar os nickels á nossa cara e não cobrar a passagem. Invade-nos um desejo incoercível de passar calote.

Tudo que nos rodea tem um aspecto esquisito, irritante, indesejavel.

Mas isso não é nada, dante da necessidade de escrever, de fazer literatura.

Imaginem...

O assumpto mais á la portée é o amor. O amor é como as estrellas e as

rosas: velho, cada vez mais antigo, e sempre novo, sempre perfumado e luminoso. Estão de accordo?

Ha por ahi uma série de opiniões sobre o amor.

Para Vargas Vila elle é perigoso como a morte: "Teme al Amor como a la Muerte" — diz o estetha re Ibis. Anatole France escreve: "Nou metton l'infini dans l'amour. Ce n'est pas la faint de femme."

Charles de Viou, poeta francez que viveu de 1600 a 1655, é da mesma opinião que Vargas Vila. Num dos seus sonetos, poz elle este verso:

*L'Amour avec la Mort
[fait une alliance...]*

Para Dante, o genio florentino, o amor, como sabem os senhores, é aquelle "che muove il sole e l'altre stelle..."

Bonito, não é? Mas, meus senhores, eu não sou catalogo de livraria e muito menos colleccionador de pensamentos.

Quando falo do amor e digo que é facil escrever sobre elle, quero referir-me a esse amor novellesco, imaginario, que a gente inventa. Della a nossa penna faz uma madona (de Raphael?) uma virgem (de Murillo?) uma rainha (de Velasquez?)

De nós... Que é que fazemos de nós? Um sêr de eleição, um principe (prince charmant?) um cavalheiro (da Idade Média?) E no meio de tudo isso pomos um pouco de sentimentalismo, mas tudo artificial. Artificial como aquellas anillinas e essencias que os floristas do Mercado das Flores põem nas suas rosas e nas suas violetas...

Decididamente, escrever é muito facil; mas é cacete como um discurso politico.

Desculpem, meus senhores, eu hoje devo estar intragavel.

E' tão difficil ser original...

A uns olhos côr de ouro...

(POEMA EM PROSA)

DE LUCIO DE MORAES.

PEQUENA e branca, melancolica e serena, você é, minha doce amiga, um poema que não se pôde escrever. Seu corpo meúdo, flexivel e lindo é uma estrophe de marfim do livro da minha vida. Toda a sua figurinha graciosa e esplendente tem o encanto imponderavel da simplicidade. Dessa simplicidade feminina que o meu coração desolado e amoroso tanto e tanto procurou.

Mas você tem, acima de tudo, minha doce amiga, a sedução deslumbrante de uns olhos côr de ouro. Olhos que sabem falar com o seu silencio luminoso. Olhos estranhamente voluptuosos.

Tenho visto olhos verdes como o oceano, azues como o céu, negros como a noite, cinzentos como os crepusculos de inverno, castanhos como a volupia feminina, e até amarellos... Amarellos como o desespero... Nunca, porém, meus olhos tristes e escuros tinham sentido a caricia de uns olhos como os seus, fulgurantemente doirados, quietamente languidos, fascinantemente claros. Naquelle anoitecer em que os vi, cariciosos e bons, suaves e meigos no seu topázio coruscante, toda a minha alma se tocou da luz que irradiava delles, numa scintillação interior de sympathia e... de amor. Perdôe-me a franqueza desta confissão, minha doce amiga. Eu a conheço ha tão pouco tempo... Mas já a quero tanto...

Naquelle anoitecer, os seus olhos me deslumbraram. Eucheram de ouro — do seu ouro lampejante — não só os meus olhos apagados, mas também a minha sensibilidade, o meu coração, a minha vida...

E desde então ando inquieto, vendo os seus olhos em tudo: nas minhas illusões, nas minhas realidades lyricas, nos meus anseios, nas minhas amarguras, nos meus sonhos, em todas as minhas horas de evocação e de saudade.

Seus olhos surgiram para mim como um sol. Um sol de primavera, que illuminou o outomno dos meus desenganos. Um sol alegre, que clareou, maciamente, a sombra da minha melancolia...

Agora, minha vida tem mais luz, mais ansiedade, mais doçura sentimental. Seus olhos côr de oiro estão rutilando no meu coração.

Emditos esses lindos olhos que vieram doirar a minha solidão!





REALIZOU-SE sabbado á noite, na séde do Club Suisso, uma brilhante festa de confraternidade holandeza, que o sr. minis-

tro Charles de Rappard offereceu aos seus compatriotas aqui residentes, para commemorar a data natalicia de sua magestade a rainha Guilhermina.



LANTERNAS DE PAPEL

GUANABARA

MADRUGADA

Não sopra a menor brisa. Tudo parado. Sob a espessura da bruma, as águas dormem, silenciosas. É como um oceano de algodão cobrindo o mar. Nem se distinguem as orelhas douradas das praias sob as gazes bizarramente recortadas e esfarrapadas das nevoas. Não se ouve um rumor. Faz frio. O cinzeiro domina tudo, quasi afoga as montanhas apocalípticas, cujos cumos superam o lençol dos acroeiros.

Uma ligeira tonalidade rosea banha aquelle mar de algodão. Vacam a amanhecer.

MANHÃ

O frio é mais leve, mais subtil. A luz rosea se intensifica e é cor de sangue. As brumas rasgam-se ao seu riso claro. Já se vêem os pesados montes, todos. Somente no fundo dos valles se arrastam os derradeiros véos brancos da madrugada.

Uma explosão de fogo por traz da serraania. Um vulcão no céu alto, coroando de reflexos vermelhos todos os contornos das nuvens e das terras. Uma chuva de tons rubros e flammejantes sobre o mar esmeraldino e as praias recurre. E o perfume da manhã dilatando os pulmões.

Tudo se povoa de rumores. E o oceano se enche de fumaças de paquetes e de velas brancas, que parecem os derradeiros flaps das brumas que se desfizeram aos ardentes beijos do sol...

DIA

O céu é tranquillo e alto. Muito tranquillo e muito alto. Tão cheio de luz que o seu azul parece cin-

zento e a vibração da sua claridade offusca os olhos. Entre a água verde e as montanhas verdes, nas praias amarelladas, as ondas tecem



DOS nossos escriptores jovens, Benjamim Costallat é, evidentemente, o mais característico. E isso porque, sendo um romancista moderno, pelos seus processos, e um chronista original, é um homem do seu século, e um homem que sabe ver as coisas e os typos deste momento da nossa civilização — com uma visão que não é a visão commum dos seus collegas. «Et voir autrement que les autres», como dizia Mallarmé, já é um merito louvavel, o mais louvavel de todos. Pois Benjamim Costallat é esse escriptor singular. A sua bagagem litteraria é muito longa. Mas, na verdade, qual será o seu livro de maior successo? Todos, certamente. E assim ha de acontecer com «Arranha-céu», esse magnifico volume de chronicas, onde vibra o seu estylo masculino, preciso e vertiginoso.

suas rendas de prata. O vento que sopra traz o calor do sol derramado sobre a vasta planície do mar. Uma cigarra estridula sob os arvores. Seu canto alto e vibrante se eleva para o espaço como o clamor da alegria da terra ensolada. E a face das águas azues da baía cogia uma vela de barco purpurino — nota de cor tão vibrante quanto a voz estridula do insecto.

CREPUSCULO

O desmaio violeta das coisas. Primeiro, desmaia a luz, rapidamente, como si se apagasse metade do sol. No ar espesso, estendem-se gazes rózeas. Um raio de fogo corta o espaço e incide fortemente sobre um casco de navio de guerra, onde rebrilham metaes. Uma mysteriosa mão vac lançando, uns atraz dos outros, véos lilazes e negros. Uma doçura triste espalha-se, envolvendo as almas. Pouco e pouco, os contornos se perdem, a confusão das linhas e dos tons se estabelece. E o dia morre num nevoeiro escuro como nasceu duma bruma alvissima...

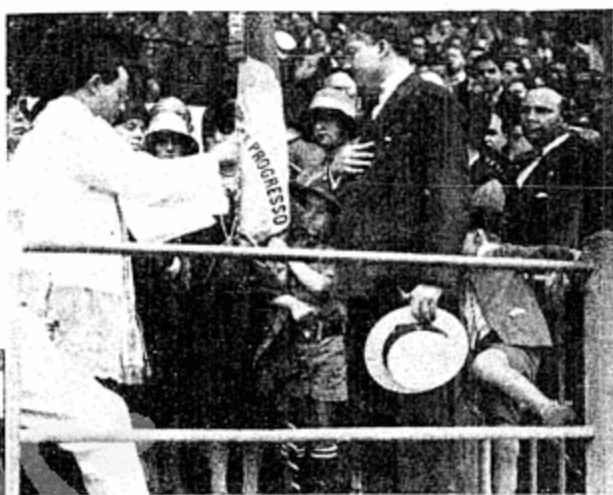
NOITE

Tudo é negro e pontilhado de luzes. Collares de luminarias marcam na terra o concavo das praias e o recosto dos morros. Pingos de luz estrellejam a humida treva do mar. Um holophote varre a treva estrellada do céu. As côres dos annuncios luminosos alegam a noite. Mas um globo de sangue rompe o horizonte, sobe e, á medida que sobe, diminue e empalidece. É o lua. — caricatura do dia...

CLAUDIO FRANÇA



O estadio do Club de Regatas Vasco da Gama effectuou-se, domingo passado, uma solennidade civica em homenagem ás senhoras vascainas, e que foi honrada com a presença da exma. esposa do presidente da Republica. Madame Washington Luis entregou a bandeira offerecida aos jovens atiradores do Tiro de Guerra 307, reem-creado pelo club da Cruz de Malta e destinado aos filhos de seus associados. São flagrantes dessa festa patriótica o que fixam as nossas photographias.



::: PAINEL DE AZULEJOS :::

MANHÃ DE VIAGEM

A immensa planície se estirava, vasta e monotonica como o mar, raramente povoada de casas rusticas. Era verde e sulcada pelo traço ver-

daquelle que me levava, reflectida num espelho distante...

O sol é tão alegre no céu azul, tão alegre que

Si eu fôsse poeta, escreveria uma ballada sobre a solidão, irmã da pobreza. Solidão ou solidade, de onde vem saudade...

E a minha fronte colla-se de novo ao vidro...

O sol vai ficando de instante a instante mais alto. E as nevoas, e as brumas, e as serpes de gaze das montanhas vão morrendo. O passaredo rôa sobre o campo que parece sorrir á luz quente. Nos festões de trepadeiras que ornarn os postes do telegrapho, ha flôres desabrochadas de côres muito vivas. No horizonte, uma torre branca de igreja se eleva solitaria. A paisagem é um enlevo para os olhos cansados da monotonia das ruas. A sua suavidade varre a alma como

um vento fresco, um asadio que purifica, que tonifica e que reconforta. O perfume natural e forte do mato penetra no trem fechado, domina a sua velocidade rumorosa e expulsa o bafio da noite que enchia as cabines estreitas.

Tempo houve em que a solidão das viagens era para mim a melhor das sensações. Porque a minha mocidade, á espera do que ia acontecer, tecia com os fios de ouro de imaginação o mais lindo dos scenarios da fantasia. Hoje, o que me importa é o que já passou e o que está passando. E eu não sonho mais, e face collada aos vidros, porém olho para trás com uma saudade immensa.

D. JAYME

«FON-FON» EM VICTORIA



O escriptor Povina Cavalcanti, em Victoria. A' direita do illustre collaborador de «FON-FON», estão a senhorita Cecy Nicolussi, um brilhante temperamento de artista, e seu noivo, Frederico Mindello, photographados ao pé da montanha, onde fica situado o tradicional e bello Convento da Penha.

melho das estradas. Aqui e ali, um capoeirão erguia a sua crespa mancha escura e, ao pé delle, luzia a claridade matutina a agua dum charco como uma pôça de prata derretida. Ao longe, na raiz das serras azuladas, o suor da terra fecunda se exhalava em nevoeiros e uma longa serpente de brumas se contorcia pelos valles covoadas em fóra a perder de vista.

Muito afastado, no sopé dum morro, um trem corria, fumegando. E parecia ser a imagem

da vontade de rir... Si não estivesse tão só, eu riria. Mas a solidão me impede a alegria. E a minha fronte colla-se ao vidro grosso da portinhola para vêr a paisagem que a luz doira na manhã gentil.

Uns versos de Musset bailam na minha cabeça:

Qui vient? Qui m'appelle? Personne
Je suis seul — c'est l'heure qui sonne.
O solitude! — o pauvre [vreté!]



CORONEL Augusto Manoel de Aguiar Filho. Alta patente do nosso Exercito, a que tem servido com rara intelligencia, dedicacão e espirito de disciplina. Eleito pelos seus coestadoanos deputado ao Congresso do Espirito Santo, a sua actuação politica, habil, discreta e efficiente, grangeou-lhe o bastão de «leader» da maioria, cargo em que vem prestando ao seu Estado natal novos e assignalados serviços. O coronel Aguiar Filho pertence a uma das familias mais illustres e tradicionaes da terra capichabá.



① Centro Mattogrossense realizou, no ultimo sabbado, uma festa para solennizar a posse de sua nova directoria. Foi uma reunião de grande brilho mundano.

... ..

versidade me atirou no exilio, nunca mais quizeste saber de mim?... Não o sei. Não quero mesmo que m'o digas.

Dóe-me a alma toda quando penso nessa duvida.

Não! Não quero obter a certeza de que me esqueceste de todo!

Vem-me, então, uma inveja indomável.

Inveja dessas criaturas privilegiadas que sabem chorar quando sauecem...

MATTOS ALÉM.

ARABESCOS

E' nas minhas horas de amargura que mais me lembro de ti, minha adorada ausente.

Percorro esse tão doce passado que já se faz tão distante, e a saudade me conta que tu foste uma alma angelicamente boa, que buscastes amenizar o meu sofrimento, sofrendo também as minhas magoas. Que a tua alegria era feita da minha alegria. Que o teu olhar era meigo e suave como a redempção. Que o teu sorriso era encantador como a esperança e candido como a inocencia. Que tu eras, enfim, um thesouro de bondade, de dedicacão, de amor — desse amor todo alma que eleva os corações.

Estou agora num desses momentos de angustia e tristeza, de desolação e dor.

Vim conversar contigo, como naquelle tempo feliz em que eu ia encontrar-te, alegre como si fosses ditosa, com um sorriso nos labios e uma palavra boa, para mim.

Eramos duas crianças, então.

Oh! eu acreditei cegamente no teu amor — eu, que acredito em tão poucas cousas!...

Si mentiste — que divina mentira!... Não! Não mentiste!... Por que, então, desde que a ad-



NO Club dos Bandeirantes, por occasião do baile que ali se realizou no ultimo sabbado.

CO-1-13

BAILE DE HONTEM E DE HOJE...

Baile antigo e moderno. Antigamente,
o "carnet" e um sorriso...

Hoje, basta um olhar correspondente,
conveniente ou inconveniente,

e, de improviso,
a moça, incontinenti,
levanta-se e lá sáe,

e o "jazz" repete a musica seis vezes
(é par-constante, mas tapeia a gente)...
desapparece a moça, de repente,

sem dar satisfações a mamãe ou papae,
e entra a bailar com um dos seus freguezes,
o "goal-keeper" do club, o agente de pneumáticos,
o "amiguinho" qualquer,

qualquer desses rapazes antipathicos
de collarinho molle e cintura amarrada,
que a mulher, em geral, acha que é camuflada,
porque não usa cerimoniais com mulher...

Antigamente... antigamente,
era tão differente!

A mocinha entre tímida e contente,
abria, com ar simples e indeciso,
as varetas minúsculas, de perola,
do leque natural do seu sorriso,
assentia na escolha,
e, deixando cabir ao collo arfante,
o outro leque, de plumas e marfim,
com varelas de mica ou madreperla,
tomava do "carnet", marcava a folha
e confirmava o sim.

E, quando a vez chegava, o rapazelho,
quasi dobrando o joelho,

— "Dá-me a honra?" e sahia com o seu par,
e um fatava e outro sorria,
e os paes tambem sorriam, na harmonia
de mutua approvação ou de mutuo conselho,
emquanto os dois sabiam a bailar.

— "Dá-me a honra"... hoje, em dia?
A mocinha escolada em todas as escolas,
certo, responderia:

— Deixe disso, ora bolas!
Ou, sorrindo á mamãe, com uma boquinha
que, de tão "batonada", é rubro e rôxa:
— Mamãe, que azar é esse almofadinha!
Trata-me por "senhora"... E' mesmo "trouxa".

A moda "garker" estragou tudo.
"Chic" é jantar sem paletot,
(que a "naturalidade" agora é escudo
de casca grossa ao typo descortez...
E quem fôr contra isso, é rococó,
Dom João IV arrechado em Luis XVI...

Parcei que a mulher
que oscilla entre "garçonnie" e "cierge folle,"
gosta d'isso, e o que quer,
é ter em cada baile um namorado,
moço do Banco, collarinho molle,
sapatão quadrado...

Acham vocês que sou impertinente
com as liberdades que andam por ahí?
— Antigamente, antigamente,
era tão differente!

Ou tudo esloqueceu, ou eu envelheci...

LEO FABIO

LAMPEJOS

Nesta manhã de humidade e de bruma, tenho o coração iluminado de ventura e os olhos lampejantes de alegria.

O sol não deu à natureza o sorriso luminoso de seu brilho. As nuvens interpuzeram-se entre a natureza e o sol. E a cidade — esta grande cidade onde nos conhecemos — vestiu-se de cinza para chorar a ausência de seu rei.

Nesta manhã de humidade e de bruma — nesta linda manhã da nos-



SOB a presidência do sr. ministro da Viação, dr. Victor Konder, foi encerrado o Segundo Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem. A solennidade teve lugar no Automovel Club do Brazil, com a presença de todos os delegados nacionais e estrangeiros.



so amor — eu não senti a falta do sol, nem a cinza que envolve a natureza se propagou a minha alma.

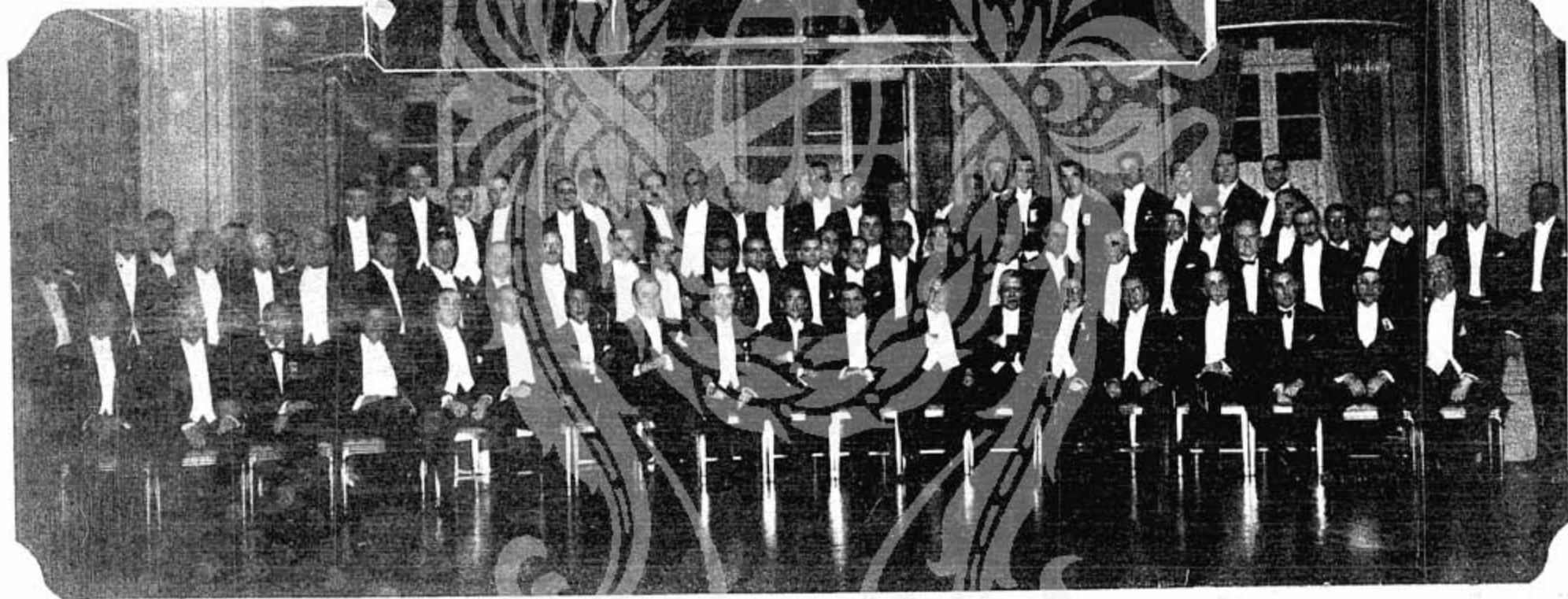
Eu vi os seus olhos, meu amor. Seus olhos que são o grande sol da minha vida. Seus lindos olhos cor de ouro, que fulguram, suavemente, em todos os meus ansiosos, em todas as minhas inquietudes de hoje.

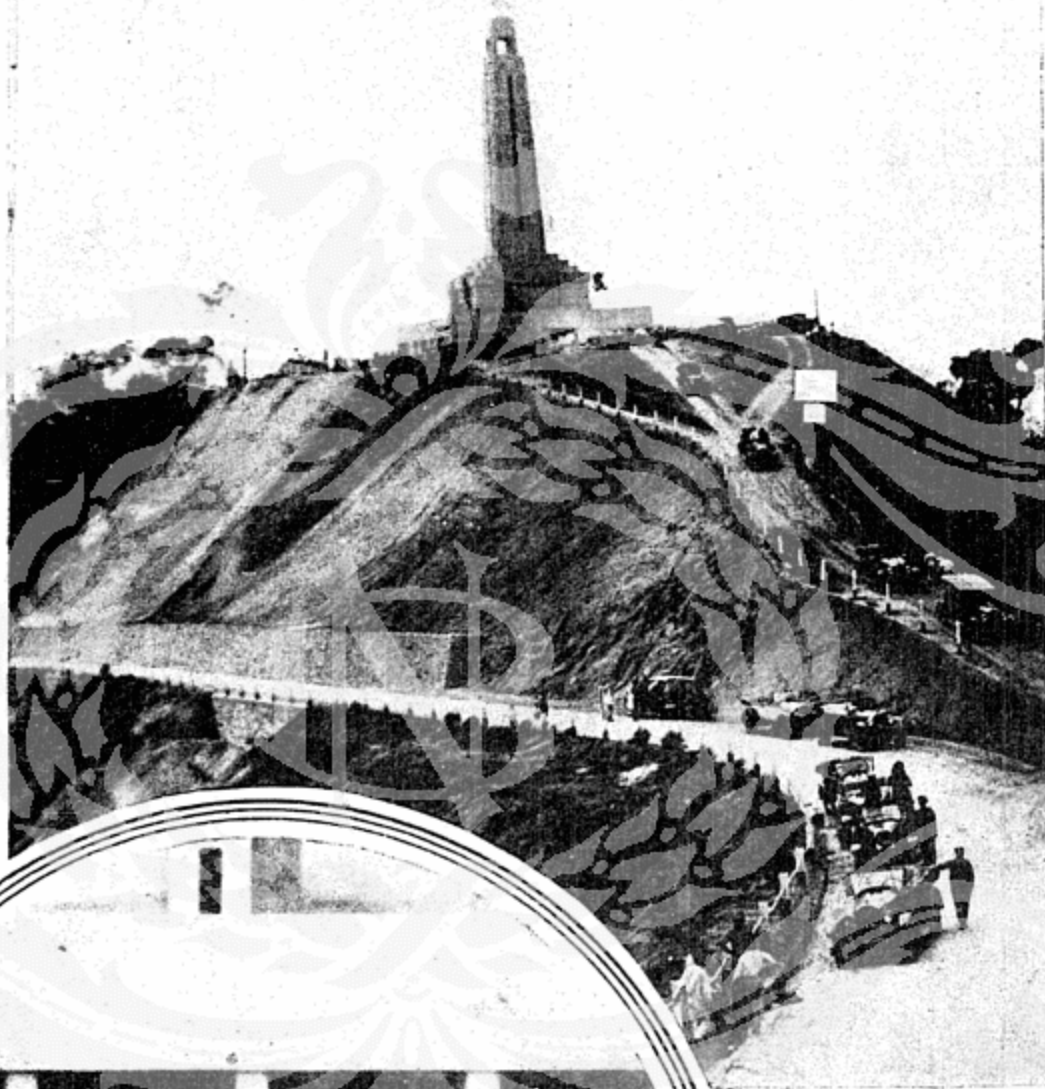
Vi os seus olhos e ainda tenho na retina o reflexo dourado que elles deram-nos nos meus olhos sombrios.

Por isso é que eu não senti a falta do sol nesta manhã de humidade e de bruma...



O sr. ministro Victor Konder ofereceu, no Copacabana Palace Hotel, um banquete de despedida aos membros das delegações estrangeiras que tomaram parte nos trabalhos do Segundo Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem.

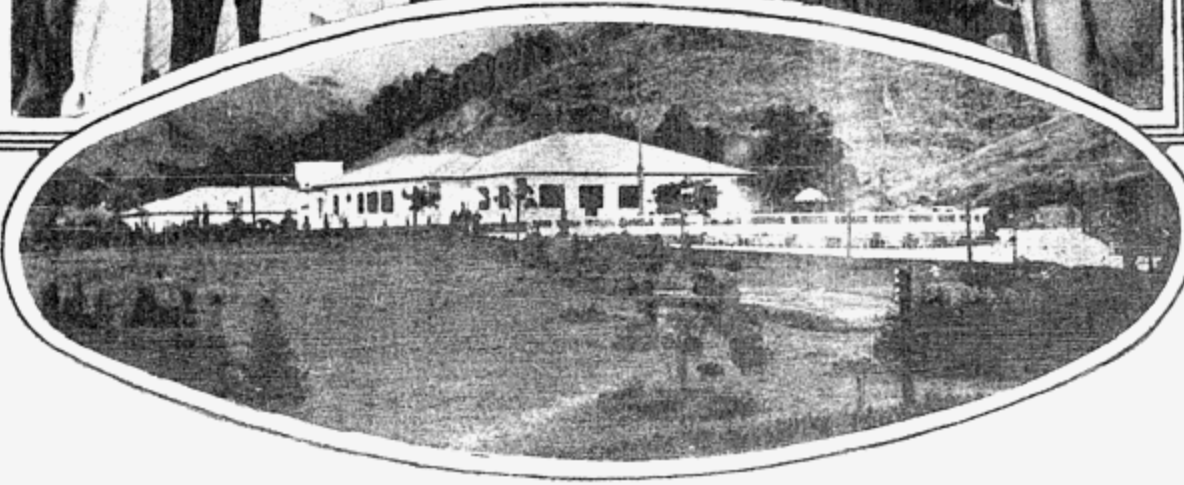




NO seculo actual, a rodovia é bem e
sivo symbolo do vertiginoso progress
vilização contemporânea. A era rodovi
che, assim, de entusiasmo e de fé,
vêm cooperando para o seu maior ce
mento, conjugando suas actividades
do mesmo elevado e grande objectivo
as distancias, aproximar os povos, m
plicidade do seu trafego social, com
economico. As vias de comunicação
dem-se, espalham-se, na terra firme
res, no espaço. Na terra, porém, est
feição mais concreta, a que traça e
o espirito febril e inquieto do seculo. É
obra monumental a que o Brasil, co
actual e intelligente politica rodoviaria
prestando tambem o seu mais efficiente
A inauguração, quinta-feira penult
placa de bronze, em homenagem ao
gresso Pan-Americano de Estradas e
gem, no Monumento Rodoviario, constr
subscrição publica dos Estados e do
Federal, é bastante expressiva na sua
cação. A brilhante iniciativa do Tour
do Brasil teve, assim, o maior applau
pertando vivo entusiasmo entre os
ctores do Brasil cada vez maior

A ÉRA RODOVIÁRIA

21 COMISSÃO PAR-AMERICANA DE ESTRADAS DE RODAGEM
 SEMPRE PRESENTES AO MOVIMENTO DE ESTRADAS UNIDAS DO BRASIL
 WASHINGTON LINS DE SOUSA
 E HORTON DA SILVA E LUIS FERNANDES
 EX-AM. MAR. DE VICTOR KONDOR
 POR ESTA PLACA SOLAMENTE MANUTENIDA A
 29 DE MARÇO DE 1933, POR OCASIÃO DA VISITA DOS
 CONGRESSISTAS DAS NAÇÕES AMERICANAS A ESTE MONUMENTO
 QUE ESTA HOJE CONTINUA POR DEBEM DE SUBSISTIR POR
 QUE ESTÁ NA DO DISTRICTO FEDERAL E POR NADA
 TORREON CLUB DO BRASIL
 QUE MANUTENHA A ESTA MONUMENTO NACIONAL E MANUTENHA
 QUE MANUTENHA A MANUTENHA PRESIDENTE WASHINGTON



TREPAÇÕES

A bella senhora (senhora porque é madame; na apparencia é uma "jeune fille"...) tem dado o que fazer ao coração do rapaz. E tudo com o encanto dos seus olhos côr de ouro...

O caso se conta como nos romances ou nas novellas de cavallaria: elle a viu, falou-lhe e amou-a... E prompto. Agora anda apaixonado. Basta dizer que não pensa senão na encantadora figura de *biscuit*.

E' possível que a bella senhora já tenha percebido o estado sentimental do nosso heróe. Mas, si assim é, por que não tranquilliza o coração do moço, dando-lhe, pelo menos, a boa esperança de que saberá ser grata a quem padece tanto por amor...

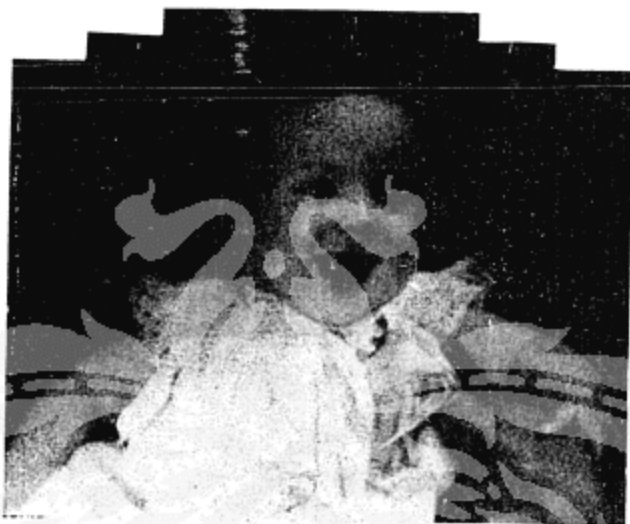


MADemoisELLE divertia-se nos salões do elegante club sportivo, numa tarde festiva. Graciosa, viva, intelligente, monopolizava a attenção de uma roda de rapazes. Disputavam-na para a dança, faziam *blague* em torno dos casos do dia, commentavam os amores que vinham resistindo ao tempo...

Mademoiselle sorria de todas as coisas, esforçando-se em apparentar a sua indifferença pelos amores das outras, já que não havia experimentado tão delicioso fructo.

Apparentava, apenas, pois *mademoiselle* fizera duas tentativas, que, no emtanto, haviam fallado. Explicar os dois fracassos não seria difficil: entretanto, estas coisas são delicadas e não agradam quando expostas á curiosidade alheia.

O certo é que *mademoiselle* não acha interessante a canção popu-



LUIZ Carlos, filhinho do dr. Thomaz Marinho de Andrade. E', como se vê, um brasileiro alegre, que não tem medo de caretas...

lar que diz ser a mulher a parte fraca, e o homem, apesar da sua fortaleza, acaba cedendo e fazendo o que ella quer...

Pois sim!

Corria muito animada a festa, quando foi an-

nunciada a chegada de uma figurinha que tem a sua belleza consagrada.

A figurinha entrou no salão, e foi recebida como rainha...

Mademoiselle transformou-se radicalmente.



ANTONIO Luiz, filhinho do sr. Ricardo Brennaud e de d. Lily Brennaud. Mora em Recife e é forte como todo o bom nortista...

perdeu a alegria, não soube esconder o despeito pela outra, dizendo aos rapazes:

— Prompto! Chegou o meu *azar*: estou com o dia estragado...

Os rapazes riram maliciosamente, pois todos conheciam a razão do despeito de *mademoiselle*...



ESTA' quasi desvendado o segredo do *automovel mysterioso*, assim denominado pelos moradores de uma pacata rua de pacato bairro. Horas mortas, quando apenas o passo cadenciado do guarda nocturno se faz ouvir na rua, é que elle apparece, silenciosamente, sem fazer bulha, para estacar em ponto estrategico, envolto em sombras.

Ahi, então, o *chauffeur* amador desce, fecha o carro, caminha, a pé, seguramente cem metros, e, sorratelmente, penetra por uma porta que se abre ao leve impulso das suas mãos enluvadas, precaução que terá a vantagem de não deixar a impressão digital...

Depois, o *chauffeur* amador surge á porta, pesquisa com cautela a extensão da rua, e caminha até o automovel impulsiona o motor e desaparece para voltar na noite seguinte.

Como o caso vae despertando certa curiosidade na pacata rua, e como o automovel faz a sua estadia habitual em frente a uma casa que nada tem com o peixe..., o proprietario desta está disposto a fazer o *chauffeur* amador mudar de ponto, *et pour cause*...

E era uma vez a historia do *automovel mysterioso*, do nocturno de *luzo*...

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

A ultima vez que visitei minha linda e encantadora amiga, Boneca, encontrei-a bastante preocupada. Seus grandes olhos negros e profundos pareciam orlados pela sombra de uma longa vigilia. Em suas pupillas havia uma inquietação de lagrimas, que ella continha, procurando desfarçar, no sorriso triste que descerrou para mim, a angustia que lhe ia na alma e no coração torturados.

Comprehendendo o seu estado de espirito, não foi sem um certo constrangimento que tudo fiz para distrahi-la e fazel-a sorrir com a sua alma alegre e guizante de creança grande.

Falei-lhe sobre os seus poetas e romancistas preferidos; narrei-lhe um sem numero de "poetins"; disse mal de outras bonecas que, sei, lhe invejam a graça, a belleza e o espirito fino e culto, mas tudo em vão. A minha loquacidade antes parecia tornal-a mais nervosa e inquieta. Sua alma, naquelle momento, era uma alma que precisava de silencio para recoher-se, para se fechar no mysterio da sua dolorosa afflicção.

Calei-me, então, e dirigindo-me a uma das estantes (estavamos no gabinete de leitura) de lá retirei um volume de Gabriel D'Annunzio — *Il sogno d'un mattino di primavera*, que comeci a ler, silenciosamente.

Boneca, recostada numa *maple* macia e commoda, continuava scismarenta, como uma gaivota tomada de nostalgia.

Minutos depois não se conteve e, voltando para mim seus bellos olhos cariciosos e tristes, perguntou-me:

— Que estás lendo, meu querido amigo?

— *Il sogno d'un mattino di primavera*...

— Ah, não! Põe esse livro na estante. Faz-me mal tel-o mesmo á minha vista. E' doloroso de-

mais. Aquella pobre louca, aquella rosa vermelha... tudo me impressiona intensamente.

Levantei-me e puz o livro fatidico na estante, em logar bem occulto. Depois, approximando-me de Boneca, tomei-lhe, entre as minhas, as mãozinhas pequeninas, e falei-lhe:

— Escuta, minha filha, estás triste, uma grande e afflictiva preocupação domina-te o espirito. Por que, Boneca, não abres teu coração cheio de soffrimento ao teu amigo, a mim que dizes considerar e estimar como se fosse teu irmão mais velho?...

As duas mãozinhas macias e quentes, num gesto de profundo carinho, comprimiram as minhas com mais força, como se nellas encontrassem um refugio. E duas grandes lagrimas deslizaram, serenas, pelas faces de Boneca. E mais duas, e muitas outras foram correndo. A onda de pranto, com tanto esforço contida, rebentara.

Perdi a cabeça e perdi a calma. Uma mulher chorar assim junto de mim? E que mulher!... Boneca, a minha, querida Boneca!

Puxei sua cabeceinha soffredora para junto do meu hombro, onde ella a deixou repousar. E, acariciando-lhe os cabellos, fui-lhe di-

zendo com uma voz tremula de inquietação:

— Boneca, que tens tu, dize ao teu amigo, que elle te consolará, que elle irá buscar nos vasos mais puros de seu coração o balsamo sagrado da bondade e do affecto com que suavizará, se não extinguir, o teu soffrimento! Fala-me, não me afflijas assim com o teu silencio. Vê como estou inquieto!...

— Nada, meu amigo, não tenho nada. Nervosismo...

— Não. Para chorares assim, tu a quem nunca vi chorar, e que foste sempre um suave refugio de consolação e de alegria para os que soffriam e te procuravam, é preciso que uma grande dôr te amargure o coração... Escuta, vira para mim, teu rosto,



Mme. Carlos Tavares da Costa, figura da sociedade carioca.



TRES «poses» elegantes e tres figuras distintas, no Alto da Tijuca — na Cascatinha: Mme. Ferreira Gomes e sua filhinha mlle. Annita Gomes, que é linda como se vê, e parece ainda mais graciosa com o seu «chaperon rouge». Mlle. Livia Dinorah Ribeiro é sua amiguinha. Não tem «chaperon rouge», mas tem um chapéu cloche, que a faz encantadora, e um sorriso que a ilumina com a sua própria graça...

agora, e vê se no verde caricioso de meus olhos não está a sorrir para ti a alma bôa e afflicta de teu amigo.

Boneca voltou o rosto para mim, já iluminado por um sorriso de consolação, e, subito, fixando seus olhos negros nos meus verdes, apertou a suave cadeia de seus braços frescos no meu pescoço! E falou-me:

— Escuta, meu amigo, leste nos jornaes alguma cousa sobre o *Sino do Desejo*?

— O *Sino do Desejo*?...

— Sim, vou buscar o jornal para veres.

— Voltando com um jornal, disse-me:

— Lê sómente este trecho.

E li:

«Bled é um lugar cheio de encantos, situado num alto que domina um lago de aguas espelhantes. Em cima de um rochedo abrupto fica um castello, que antigamente pertenceu aos bispos de Brixen, e cujo eseuado ainda encima a entrada. Numa ilha proxima, ergue-se a afamada igreja que serviu de templo á deusa slava do Amor e Jiva, no tempo do paganismo.

A igreja contém um sino chamado o «sino do desejo». Diz-se que todo aquelle que, ao puxar a corda, para fazel-o soar, ao mesmo tempo pensar no que deseja, verá realizado o que almeja.»

Tendo acabado de lêr o trecho indicado, perguntei-lhe:

— Mas, minha filha, que ligação tem isso com o teu soffrimento, com a tua tristeza, com as tuas lágrimas?

— A maior possível. Talvez jamais a comprehendas...

— Quererias ir á cidadezinha de Bled, para puxares a corda ao «Sino do Desejo» e formulares tambem um pedido?

— Não, não seria preciso, porque o «sino do desejo» ha muito que canta dentro de mim, na minha alma, no meu coração, na minha carne, no meu sangue... Mas...

— Mas... dize, fala, Boneca!...

— Mas, o seu eco ainda não despertou aquelle que seria...

— Que seria a encarnação, o symbolo vivo do teu «desejo»...

— Sim, o meu Principe Encantado, que és tu...

— Boneca, minha querida! Ha muito, tambem, cantava dentro de mim o «sino do desejo» — meu coração. E tu não o ouvias, tambem, e tu não comprehendias que elle chamava por ti!

— Meu amor!... (Cae o panno)

SOCIEDADE

Festas de arte — Mlle. Lucia Lobo, a linda silhueta da elite carioca e da arte de dizer pôde gabar-se da sua estrêa, deante de uma platêa fina e elegante como a que encheu, no sabbado ultimo, o salão nobre do Instituto Nacional de Musica, para ouvir a sua voz de matizes tão frescos. A sua estrêa foi brilhante.

Até aqui a sua arte era conhecida de alguns intimos e de pequenos grupos que já a haviam applaudido nos salões familiares, nos recantos de sala, onde adormece a luz de um «abat-jour»... Mas já agora é admirada por toda a nossa *haute gomme*, uma vez que foram as figuras mais representativas do nosso mundo elegante e artistico, que lhe bateram palmas, palmas sinceras, ouvindo-a interpretar Adelmar Tavares, nas *Barcaças* — esse poema de tão superior emoção; *Elogio do silencio*, de Raul Machado e *Carnaval*, de Henriqueta Lisboa.

Na verdade Lucia Lobo revelou-se uma *discuse* magnifica, porque só com os proprios recursos da sua arte sobria e das suas virtuosidades conseguiu empolgar a platêa.

A nosso vêr, porém, a joven recitalista deve cultivar o seu genero, que é o gracioso, o frivolo como tambem o justificou na declamação magistral de *Telephoada*, de Maria Eugenia Celso, Não, de Virginia Victorino, e *Deante do meu «bureau»*, do nosso companheiro Bastos Portella.

POMBOS-CORREIOS

Maria do Céu, meu grande e abençoado amor — Antes de te dizer algum acousa, minha querida, peço-te, de coração, faças descer sobre a cabeça tonta de teu... Principe, o suave gesto do teu perdão. Não, só, porém, Maria do Céu, o perdão da Santa, que esse, estou certo, não me faltaria nunca. O da mulher tambem, a quem eu, sob os impulsos do meu egoismo, do meu orgulho e do meu... desespero, sinto

que magôei injustamente. O da santa concede-m'o. agora, numa consoladora carícia de teus olhos meigos e serenos; o da mulher, esse, porém, Maria, só me deixará inteiramente tranquillo se m'o concederes com os... lábios. E o gesto unico de uns lábios que perdôam, tu bem o sabes, Maria do Céu, como se traduz: num beijo. Perdôa-me também o pedido do beijo, mas não me faltes com o beijo do teu perdão, um perdão doce, em que o calor de teu sangue e o perfume de tua alma realizem o milagre eucharístico da minha tranquillidade, da minha paz espiritual e da minha reabilitação perante o sagrado tabernaculo de teu coração.

E só agora, meu amor, noto que estou a te *tutoyer* porque, pela primeira vez te trato assim. Para o *point rose* do verbo *aimer*, porém, só a docura e a cariciosa intimidade de um *tutoiement*.

Queres que te peça perdão também por isso? Apressar-me-ei em fazel-o, desde que o perdão concedido traga até mim um pouco do cheiroso calor de tua bocca...

Genuflexo, a teus pés, Maria do Céu, estou a bater no peito o mea culpa do arrependimento. Fui máo, fui cruel, fui injusto... Mas tudo isso, toda essa maldade, eu a fiz por amor, e só por amor.

Pequei, confesso. Quem pecca, porém, por amor, deve e merece ser perdoado. Tu, que és santa, e és mulher também, certo, melhor que as outras, saberás fazer... *le geste que pardonne*, como dizia o poeta.

E eu espero, fico a esperar o teu gesto de perdão... na rosa de Santa Therezinha de teus lábios...

SEARA ALHEIA

MI ROPA INTIMA

JUANA DE IBARBOUROU.

*Con membrillos maduros
perfumo los armarios.
Tiene toda mi ropa
un aroma frutal que da a mi cuerpo
un constante sabor a primavera.*

*Cuando de los estantes
pulidos y profundos
saco un brazado blanco
de ropa intima,
por el cuarto se esparce
un ambiente de huerto.*

*Parece que tuviera en mis armarios
preso al verano!*

*Ese perfume es mio. Besarás mil mujeres
jóvenes y amorosas, mas ninguna
te dará esta impresión de amor agreste
que yo te doy.*

*Por eso, en mis armarios
guardo frutas maduras
y entre los pliegues de la ropa intima
escondo, con manojos secos de vetiver,
membrillos redondos y pintones.*

*Mi piel está impregnada
de esa fragancia viva.
Besarás mil mujeres, mas ninguna
te dará esta impresión de arroyo y selva
que yo te doy.*



A vingança della contra o photographo: pagou-lhe com a mesma... «kodack»...



Liliana

Um belo vestido
de rendas e o projecto
de um sorriso...

Chic

Um lindo manto
e uma encantadora
silhueta.





UM PASSANTE

ELLE ia passando pelo caminho solitario, juncado de folhas mortas...

Ia absorto em sua propria vida, olhando as magoas de seu coração...

A' margem do caminho solitario, a haste ainda frágil de um arbusto sylvestre lhe roçou o rosto pensativo.

E o passante, tendo parado um instante, torceu distrahidamente aquelle ramo e o prendeu a outros.

Porque elle ia obsorto olhando as magoas de seu coração.

Depois, o passante proseguiu pelo caminho solitario juncado de folhas mortas...

Ora, o arbusto se encostava a um muro em ruínas... Velho muro musgoso e triste... mas ainda assim era um abrigo... era um apoio!...

O ramo torcido cresceu e se forticou... o ramo torcido se engravou no muro, desuniu-lhe as pedras, que rolaram por terra.

E quando o vendaval desabrido soprou rijo e turbilhonante, a arvore rangu e soluçou á beira do caminho juncado de folhas mortas:

"Passante que te fostes, passante de uma hora... porque não ouviste a supplica humilde que te fiz de que me deixasses... de que respeitasses o meu destino?

"Passante que ias absorto na tua propria vida, que mal te fiz eu? Foi um crime o passar de uma folha tão leve e subtil quanto a caricia de um olhar humano?

"Com que direito desviaste minha obscura seiva de sylvestre arbusto?

"Passante que ias olhando as tuas magoas, que ganhaste com o teu gesto distrahido?

Tu te fostes... e eu fiquei desabrigada e só...

Por que motivo assim agiste, com que intenção, com que proveito?"

Mas o passante ia longe, na extrema curva do caminho solitario... As folhas mortas que juncavam o solo e gemiam sob seus passos não o deixavam ouvir o lamento da arvore que rangia e soluçava ao sopro do vendaval desabrido.

(De "Fios de prata" — o Cancioneiro da Dôr, — ainda inédito)



A BRASILEIRA

GUARDO commigo, silenciosa e funda, uma revolta immensa contra a civilização do homem.

Sou uma isolada. Porque não me sujeito ao mundo, o mundo não me póde acceitar.

A vida que os seres crearam suffoca o sentimento e agrilhêa a carne; ella sómente exalta a intelligencia, mas a minha vibra demais e está cansada.

Meu corpo é um bohemio que rejeita ataduras, meu coração é um faminto, coberto de andrajos, que, insolente e sombrio, grita sobre a trincheira das leis: "Pão!"

E por isso guardo commigo uma revolta funda e silenciosa contra a civilização do homem.

A vida que os seres crearam é artificial e complicada... e em mim geme, inconfessado, o amor da natureza singela e verdadeira.

Sem que o pareça, eu sou filha das selvas das matas gigantes do paiz da esmeralda.

E porque sou feita de instincto espontaneo e primitivo, pareço incomprehensivel aos olhos do mundo. Elle não me acceita, não me póde acceitar.

Minha intelligencia, sensivel demais, é flor de estufa da moderna cultura... Mas a minha carne é planta sylvestre rebelde e pujante, e meu coração é corolla estranha de agreste perfume.

Trago nas veias sangue europeu, velho sangue distillado através gerações de corpos envoltos em seda e velludo... mas tambem tenho o sangue do indio indomito e nú, habitante selvagem do paiz da esmeralda.

E á voz do atavismo, meu sangue brasileiro se ergue em alvoroço como um escravo açoitado, coberto de ferros a gritar ante a barreira das convenções sociaes: "Liberdade!"

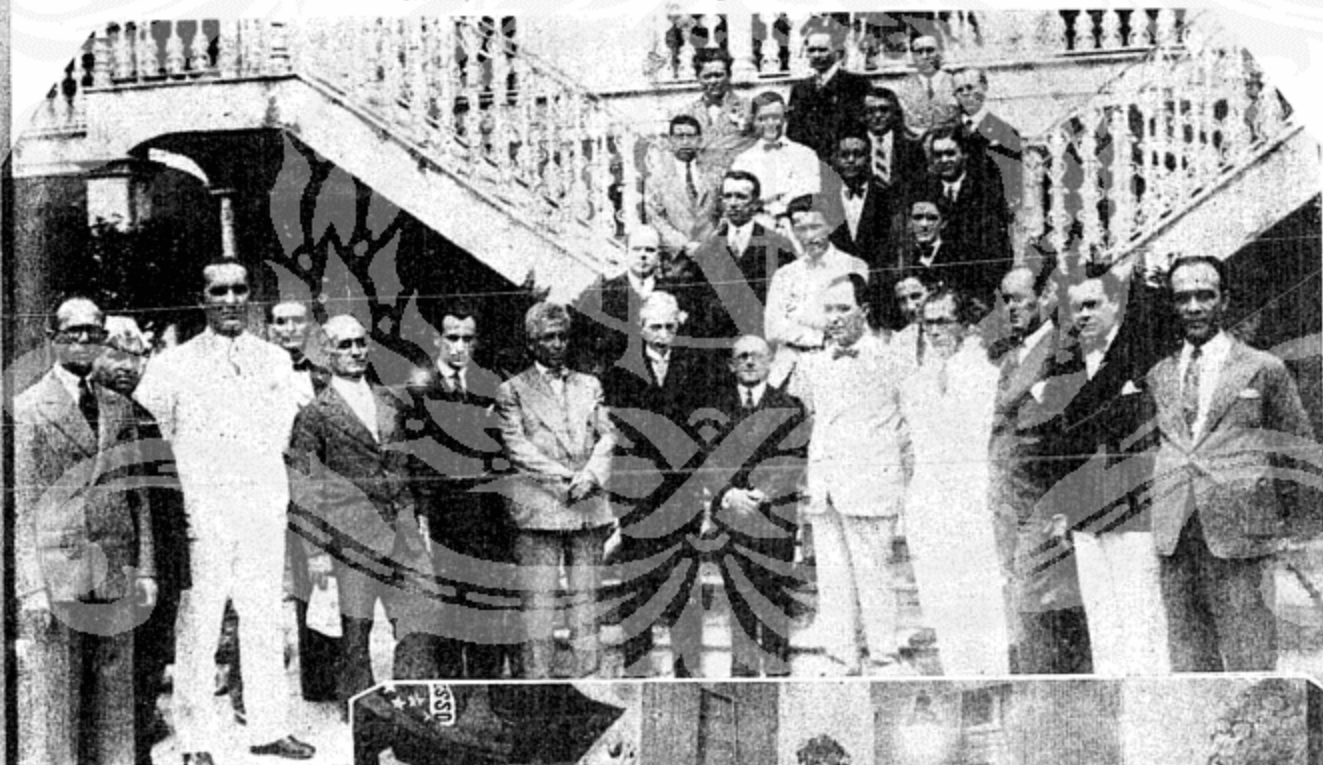
Eu sou simples e bôa, apaixonada e meiga: mas a vida que os seres crearam suffoca o sentimento e agrilhêa a carne.

E por isso guardo commigo, silenciosa e funda, uma revolta immensa contra a civilização do homem.

(De "Fios de Prata", — o Cancioneiro da Dôr — ainda inédito)



O dr. Manoel Thomaz de Carvalho Brito, director do Banco do Brasil, foi homenageado pelas classes conservadoras, que, com a adesão de varias figuras de destaque na politica nacional, lhe offereceram um grande banquete.



A União dos Emprega-

dos do Commercio prestou, no ultimo domingo, uma homenagem muito expressiva a imprensa carioca, reunindo num almoço, no edificio onde vae ser installado o hospital de seus associados, á Estrada Velha da Tijuca, varios jornalistas, que tiveram, assim, oportunidade de visitar demoradamente todas as dependencias do grande palacete recém-adquirido pela notavel sociedade de classe.



NO recinto da Exposição Cinematographica Educativa, na Escola José de Alencar, a comissão promotora do importante certamen offereceu um chá á imprensa, numa homenagem que muito nos sensibilizou.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

NA dias em que os meus olhos verdes, verdes e profundos como o mar e, como o mar, agitados e inquietos, têm algo da quella prodigiosa virtude do radio — o poder de ver através dos corpos opacos. E, certo, não haverá, neste mundo de meu Deus, corpos mais opacos, mais fechados, mais difficilmente penetraveis (a olho nu, já se vê) e radiographaveis do que os das mulheres em geral e, em particular, das mulheres genero melindre.

Allás, aqui entre parenthesis, e muito á puridade, é antes um mal do que um bem isso de se poder ver alguém, uma mulher querida, por exemplo, tanto por fóra como por dentro. Porque toda mulher vale pelo seu "exterior", pelo frontespicio, pela fachada, para dizer a coisa como ella é.

E ellas — tanto têm a certeza disso, que fazem da sua apparencia o corpo da sua realidade.

NESSA psychologia feminina, que se poderia chamar de... fachadas, ha muito homem que se vangloria de ser entendido, quando, em verdade, as fachadas é que são a sua desgraça. Deslumbra-nos, encantam-nos e fascinam, e, quando o pobre diabo dá por si, da linda fachada, feita ruína, só restam os escombros que o trouzeram, de novo, á realidade das coisas, com algumas illusões de menos.

Eu, que sou franco á bessa, que o diga, porque tenho ainda sobre mim o "peso" pesado de muitas fachadas nos estylos mais variados e curiosos deste mundo.

Algumas, é certo, ainda hoje procuro reconstituir com o mesmo suave enlevo (com licença do meu collega Bastos Portella, autor do Suave Enlevo), com o mesmo feitiço encanto que a ellas me prendeu, quando, fresquinhas e lindas, tinham o ar e a graça de uma coisa maravilhosa — uma janellinha florida por onde o céu parecia sor-

«FON-FON» NA EUROPA



DR. Marques da Rocha, joven medico brasileiro que se encontra, presentemente, na Europa, onde tem realizado, em Paris e em Berlim, cursos de aperfeiçoamento de cirurgia.

rir para a gente, ou o portico de vidro de um palacio de fadas, ou a entrada mysteriosa de uma caverna de Allá-Babá...



DR. Elysio Condé, illustre medico paulista, que, clinicando na capital do grande Estado, conta, ali, largo circulo de sympathias, pelas suas qualidades de cavalheiro e cientista.

ESTA' escripto, porém, que o homem põe e Deus dispõe. E como o diabo, vive sempre alerta, a nos pregar das suas, linda fachada florida é, não raro, uma especie de passadiço para o... inferno das desillusões mais surprechdentes e dolorosas.

MAS, sem querer, vejo que estou a dar demais com a lingua e a nada dizer, desviando-me completamente do rumo e dos objectivos desta sombra chinesa de minha alma.

Retomando o fio da palestra, e que eu vinha dizendo é que meus olhos, de tanto se fixarem na parte menos real da mulher, que é justamente o seu "exterior", o que elle apparenta ser e que não é, acabaram por devassar, através da sua complicada fachada, o que se passa no seu "interior", desde a sala de visitas da alma, á alcova do coração, á cozinha não sei bem de que...

E eu tive uma decepção, minha gente, uma desillusão do tamanho de um bonde. Mas, ainda assim, por uma questão de habito, por vicio ou por mera mania, uma vez por outra vou cahindo na patetica de tentar novas illusões, logo desfeitas, infeliz ou felizmente, porque se as fachadas variam ao infinito, os "interiores" são sempre os mesmos — um lugar commun que mata a gente de monotonia e de tristeza...

E fico por aqui, receioso de não exceder e de dizer mais mal do que quero dessas queridas e boas creaturas, o que sempre acontece quando brigo com Melindre, a serigaita da cidade que vem enchendo de desencanto e de maluquice, a mostrar-se-me, tal qual é, por fóra e... por dentro.

ESAU & JACOB.



POEMA DO PÓ...

*Irrompe o dia. A Natureza acorda
Despindo a sua túnica estrellada.
E do pallio do Céu o Sol transborda
Por sobre a Terra a luz da madrugada.*

*Os passaros gorgciam pelos arcos,
E desabrocham pouco a pouco as flores;
D'Alma fogem os sonhos — e os seismarcs
Desapparecem no golfão das dôres...*

*Surge a Noite depois com seu diadema,
Onde fulgem os astros mais fecundos,
E á luz da Lua, eu leio o vasto Poema.
Da Vida ininterrupta desses mundos...*

*Desapparece um Sêr, outro renasce,
Numa elaboração lenta e constante,
Vezes trazendo a lagrima na face...
Vezes trazendo o riso palpitante...*

*Que és tu, Vida terrena? — Uma utopia,
— Calor de sonho e ardor de mocidade.
Quem poderá vencer a nostalgia
Que nos leva a fitar a Eternidade?...*

*Cerebração de sceptico mesquinho,
Sem as crenças d'Além — ideal sublime...
— Olha as escuras curvas do caminho,
Que magoa a magoa a tua Dôr redime...*

SOLFIERI DE ALBUQUERQUE



❶ Club Naval offereceu, na tarde do ultimo sabbado, aos seus associados e suas familias, uma hora de arte, em que tomaram parte figuras conhecidas dos salões cariocas.

■ ■ ■

GLYCINIAS

Ha quanto tempo não te vejo! Ha quanto tempo meus olhos tristes não sentem a carícia azul de teus olhos alegres! Ha quanto tempo tua voz macia não enche meu coração de sonhoridades! Ha quanto tempo o oiro de teu cabelo não deslumbra a minha retina cansada! Ha quanto tempo!

Tua figurinha clara e linda fugiu da minha vida. Fugiu para tão longe, que nem meus pensamentos a podem alcançar. E meus pensamentos, desvairados, melancolicos, vivem a procurar a tua silhueta illuminada de docura pelos sitios onde floriu o encanto das nossas horas de ventura... Vivem a procurai-a inutilmente, inutilmente...

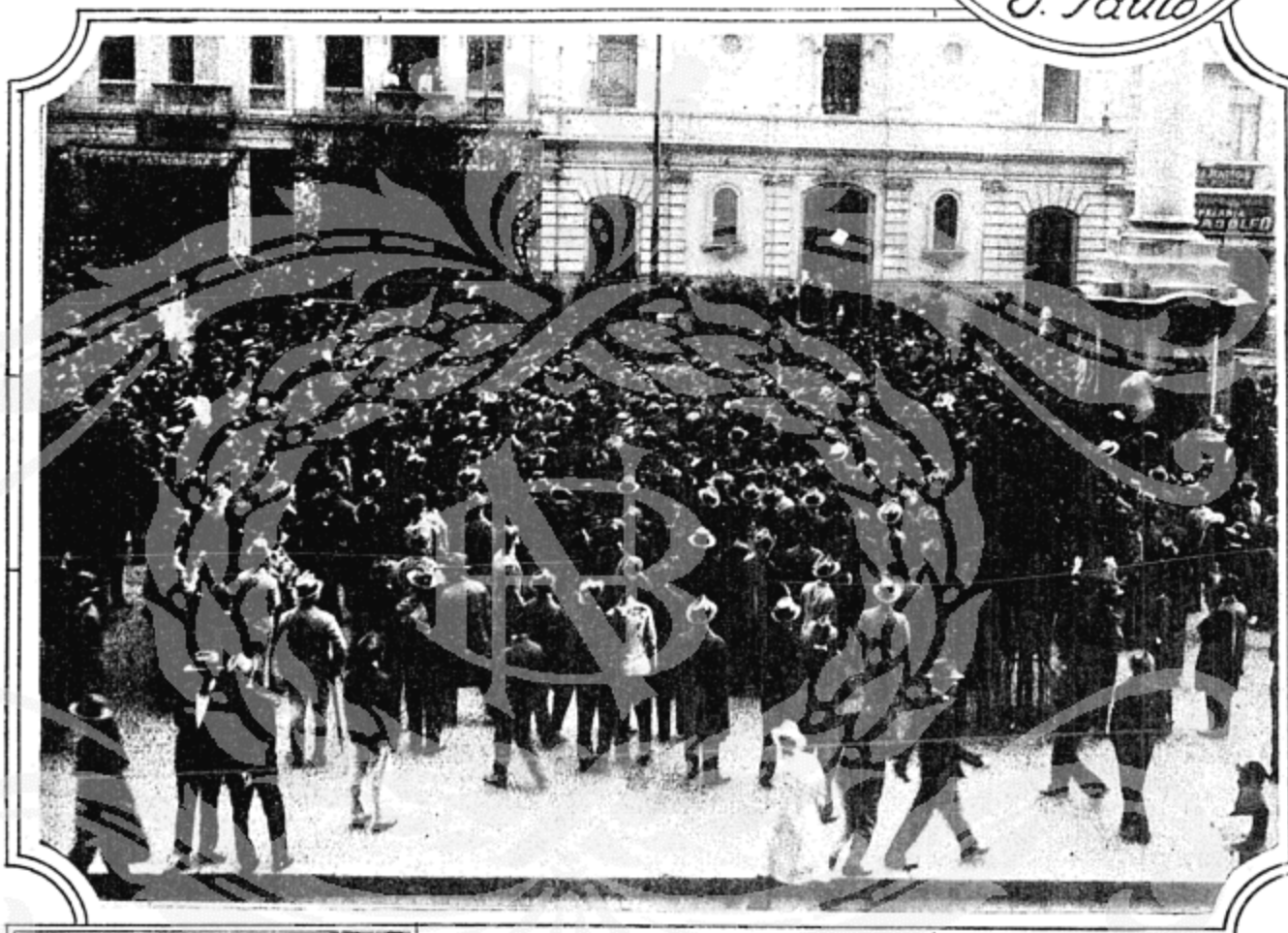
Para onde foste, querida? Em que paiz ignorado e longinquo está rutilando a tua belleza luminosa?...

INSPECÇÃO E FOMENTO AGRICOLA

As diversas secções da Directoria de Inspeção e Fomento Agrícola em São Paulo desenvolveram grande actividade na colheita de informações, amostras de productos e de terras e na vulgarização e demonstração dos processos de cultura mais convenientes, fiscalizando ao mesmo tempo o commer-

cio e distribuição de mudas e sementes.

A primeira secção tecnica tratou da cultura, benefickamento, preparo, classificação e padronagem dos tipos de café. Seus trabalhos despertaram vivo interesse entre os fazendeiros, relativamente á colheita natural e ao enleiramento permanente que consegue reter as aguas pluvias e evitar a erosão do solo: a propaganda e o ensino so-



S. Paulo vive, neste momento, uma hora de intensa vibração. O povo, satisfeito com o benemerito governo do doutor Julio Prestes, promove demonstrações de sympathia ao movimento brasileiro que indicou a candidatura do presidente paulista á presidencia da Republica. Na capital, o nome de s. ex. é victoriado nas ruas, pela multidão. Realizam-se comicios, nas praças publicas, em prol da chapa Julio Prestes-Vital Soares. E' o aspecto de um desses «meetings» politicos o que documenta a photographia desta pagina, tomada na praça do Patriarcha.

bre a melhoria dos tipos de café, pelo preparo no terreiro e nas machinas, separação, numero de defectos, e torração, tendo em vista as exigencias dos consumidores, quanto ás provas da bebida desse producto.

A segunda secção tecnica continuou a fomentar os campos de cooperação para multiplicar as melhores sementes de algodão. O total das sementes recebidas e entregues aos postos de expurgo elevou-se a 532.373 kilos, para distribuição, além das sementes produzidas nas fazendas de Faxina, no total de 14.726 kilos.

Esta secção providenciou tambem sobre o exame das terras e os correctivos necessarios para melhoria dos campos de cooperação. Continuou com efficiencia a inspecção ás machinas de descaroçar, a fiscalização do commercio de semen-

tes, cuja venda por particulares atingiu a 862.713 kilos. Junto aos proprietarios de descaroçadores foi feita a propaganda para melhoria do tipo e da embalagem. Já está installado o laboratorio com os aparelhos necessarios para o estudo physico da fibra e a classificação industrial do algodão. Prosegue os estudos relativos á fabricação de saccos de juta, de algodão e mesclados destinados á colheita e exportação de café e cereaes. Os trabalhos da secção visam tambem a propaganda do emprego de machinas agricolas, para plantação, capina, adubação e combate ás pragas.

Sob os auspicios da terceira secção, foi fundada a estação experimental de canna, onde são estudados, desde os methodos de plantação e tratos culturaes, até a colheita e o transporte. Introduzindo no-

Grandeza
e progresso
de
S. Paulo

aperfeiçoados e não fabricam aguardente, mas com o sub-produto do assucar distillam e produzem o alcool. Durante o anno de 1928 foram debelladas algumas molestias existentes, não se tendo verificado o apparecimento de molestias novas. Graças á substituição das antigas variedades de cannas por outras mais resistentes, o moscalco já não inspira apreensões.

A cultura de cereaes, batatinhas,

foi digno de nota. O governo adquiriu todas as sementes produzidas no Estado, tendo providenciado ainda para a aquisição de mais 100.000 kilos de sementes nos Estados do sul e no estrangeiro, para a intensificação dessa cultura no nosso territorio.

Não havendo nenhum campo de cooperação para cultura da batata, tem o governo providenciado para a isenção dos direitos aduaneiros



vas variedades, creou sub-estações de campos de cooperação, com viveiros de cannas para sementes, e vem orientando todas as usinas sobre assumptos relativos á cultura da canna e á fabricaçã de assucar, alcool e aguardente.

Já estão installados e funcionando 8 campos de cooperação, tendo a secção realizado durante o anno as analyses chimicas e biológicas, bem como exames microscopicos de fermentos seleccionados e de micro-organismos causadores da molestia, determinando o combate das pragas em varios pontos do Estado. Ha em S. Paulo 5.000 engenhos e engenhocas, dos quaes cerca de 4.000 só fabricam aguardente. Em sua maioria, os machinismos são rudimentares e imperfeitos e operam com grande desperdicio de materia prima. As grandes usinas, porém, têm machinismos

mandiocas, leguminosas, adubações verdes, bem como todas as culturas forrageiras, fructicultura e horticultura, se acham a cargo da quarta secção tecnica. Sob a orientação directa de um funcionario dessa directoria, foi installado em São José dos Campos um campo de cooperação para a cultura do arroz, afim de seleccionar sementes das melhores qualidades e variedades existentes no E. de São Paulo.

A cultura do trigo vae se fazendo com entusiasmo, pois os resultados obtidos excederam á expectativa. Das experiencias feitas em todas as zonas do Estado, destacaram-se os trigueiros de Gallia, na Estrada de Ferro Paulista, os de Aracajú e de Itapetininga, na Sorocabana, e outros em varios pontos da Araraquarense.

O resultado produzido entre as linhas dos cafezaes em formação

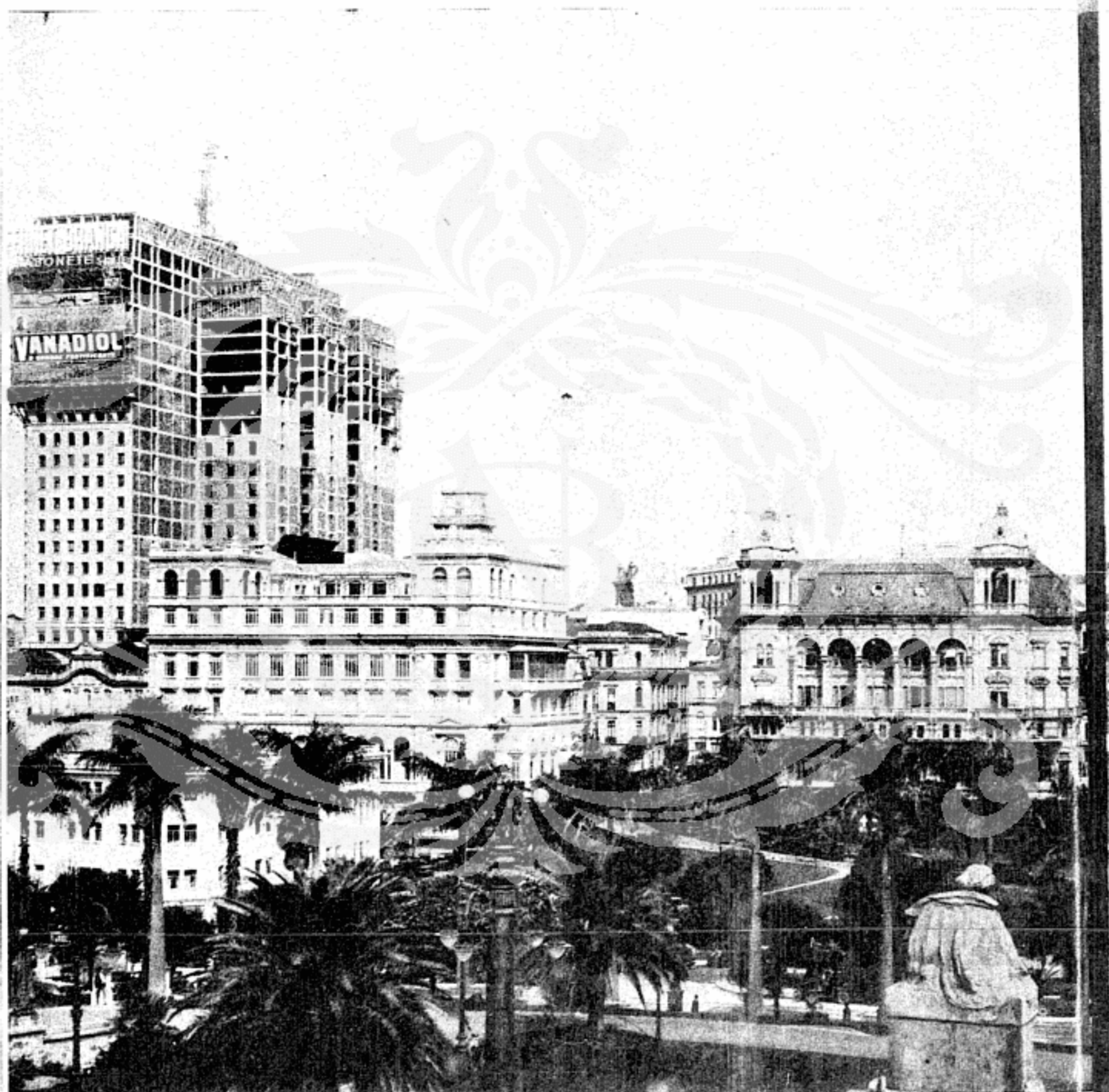
O actual prefeito de São Paulo, dr. Pires do Rio, goza de geraes sympathias na capital paulista, pela sua administração fecunda em melhoramentos notaveis para a grande metropole. Por isso mesmo, são innumerables as homenagens que a população paulista presta ao illustre engenheiro, que tantas provas tem dado de sua capacidade administrativa. A photographia acima fixa um detalhe da grande manifestação tributada, ha poucos dias, ao prefeito Pires do Rio, por motivo de sua nomeação para o cargo que tão brilhantemente já vinha exercendo.

e desenvolvido a fiscalização do emprego das batatas importadas para sementes. Essa cultura está extraordinariamente desenvolvida nos arredores de São Paulo. No município de Cotia attingiu a 200.000 saccas em 1928 e vai se

100:000\$000. A fructicultura, principalmente a cultura de bananas, laranjas, uvas e peras, mereceram especial attenção da Directoria de Inspeção e Fomento Agrícola.

A quinta secção technica, além de acompanhar a distribuição de

irrigação, drenagem das terras, para que essa secção vem procurar de intensificar a intervenção official no sentido de desenvolver esta pratica para o saneamento das varzeas melhoramentos das pastagens e regularidade nas culturas.



Vista panoramica de São Paulo, abrangendo a esplanada

desenvolvendo em todos os municipios vizinhos. E' uma cultura util e remuneradora. Um lavrador japonês, em Cotia, auxiliado pelo governo apenas na isenção dos direitos aduaneiros, para a importação e transporte das sementes, numa area de cerca de 8 alqueires, correspondente a 20 hectares, obteve uma colheita no valor de

sementes de grãos, num total de 20.229 kilos, estudou o preparo do fumo, cujo consumo em São Paulo é superior a 60.000 contos. As nossas fabricas empregam o fumo em folhas na proporção de 200 para 1 de fumo em corda.

A iniciativa particular é insignificante, nas suas manifestações relativamente á mechanica agricola,

O SERVIÇO TELEPHONICO EM S. PAULO

A exploração dos serviços de communicações telephonicas intermunicipaes, sujeitas ao controle do Estado, continúa sob o regimen da lei n. 11, de 28 de outubro de 1911.

Lei antiquada, que já não satisfaz ás actuaes necessidades publi-

mas nem ao grande desenvolvimento
verificado nos serviços que objecti-
va, está ella carecendo de uma re-
visão que a colloque na sua verda-
deira função de reguladora desses
serviços.
Visando este objectivo, está o go-

a saber: pelo decreto n. 4.425, de 6
de junho, a Adeline de Paula Lima,
entre os municipios de Caconde,
Mocóca e S. José do Rio Pardo; pelo
decreto n. 4.429, de 27 do mesmo
mez, a João Cernach, entre os mu-
nicipios de Araçatuba, Birigui,

catuba; pelo decreto n. 4.502, de 5
de dezembro, a Felicio Tarabay, li-
gando Paraguassú, Quatá, Presi-
dente Prudente, Santo Anastacio e
Presidente Wenceslau; e pelo de-
creto n. 4.503, da mesma data, a
Dutra & Mello, entre os municipios



al, parte do Viaducto do Chá e o edificio Martinelli.

verno paulista colligindo os ele-
mentos indispensaveis ao estudo
dessa revisão nos centros onde os
serviços da especie têm attingido
ao mais elevado grão de adeanta-
mento.

Foram feitas durante o anno 7
concessões de licenças para liga-
ções telephonicas inter-municipaes,
sob o regimen da citada lei n. 11,

Glycerio e Pennapolis; pelo decre-
to n. 4.473, de 10 de outubro, a
Ellas de Paula Machado, entre Pen-
napolis, Glycerio, Avanhandava e
Promissão; pelo decreto n. 4.483,
de 31 do mesmo mez, a Benedicto
Salenave, entre Campos Novos, Ca-
felândia e Gallia; pelo decreto nu-
mreo 4.500, de 28 de novembro, a
João Cernach, entre Birigui e Ara-

de Araras, Campinas, Mogy-Mirim
e Mogy-Guassú.

As transferencias de concessões,
durante o anno, foram em numero
de 5, e as caducidades decretadas,
por abandono de concessões, atin-
giram ao numero de 8.

A despeito da deficiencia de re-
cursos com que conta a repartição
competente para fiscalizar as li-



① presidente Julio Prestes recebeu, no palacio do governo, a visita do commandante do cruzador italiano «Trento», que se fez acompanhar dos officiaes de seu estado maior.

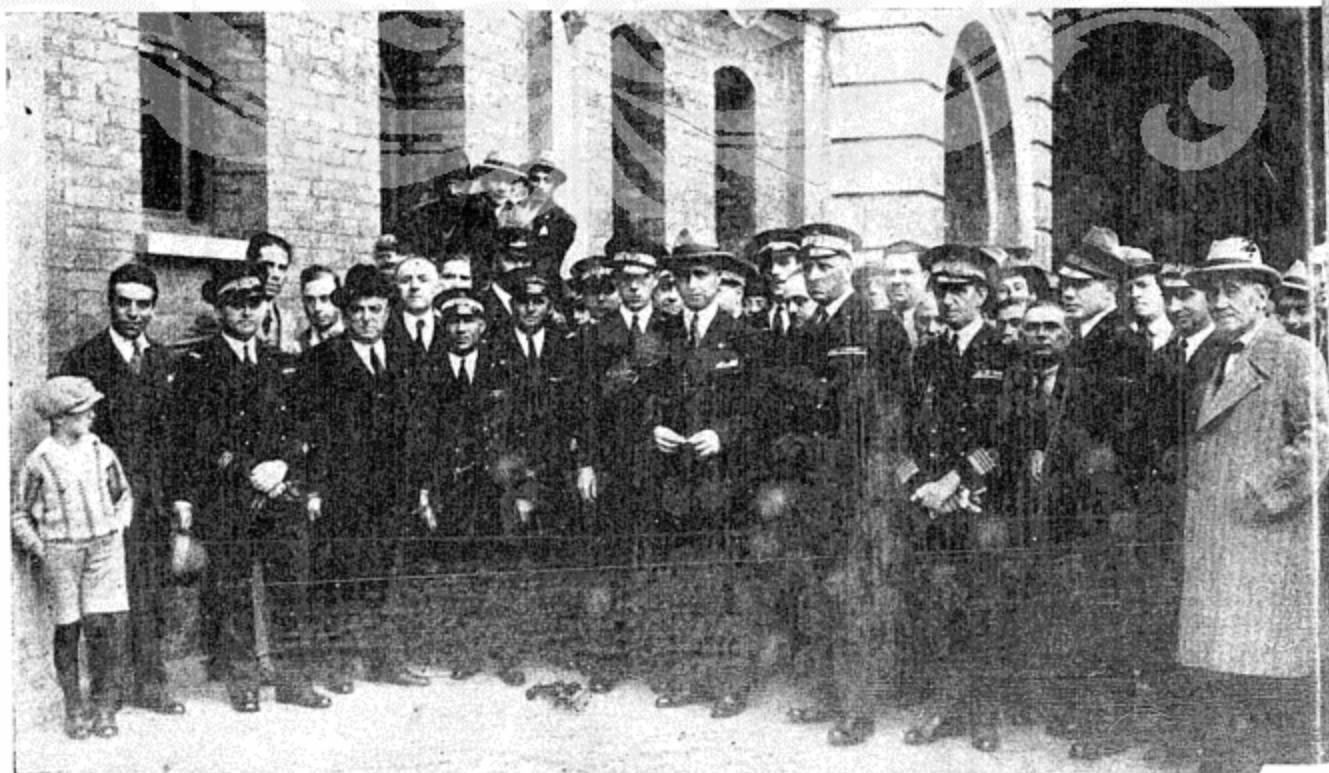
nhas telephonicas estaduais, teve esse serviço especial desenvolvimen- to em 1928.

INSPECÇÃO GERAL E ESPECIALIZADA

A escola, com a acção desenvol- vida pelo governo paulista, tornou-

se um centro activo relacionado na vida social, augmentando o seu nu- mero para mais de mil unidades nas zonas rurais. As obrigações dos inspectores cresceram consideravel- mente, o que determinou, no fim do exercicio lectivo, a elevação do seu numero para 80.

Tudo como norma directiva um acção homogenea e systematica de medidas destinadas a garantir, co- maiores resultados, a marcha func- cional do aparelhamento escola- sempre que se deparava a soluçã- de qualquer problema relativo technica ou á administração do es



① commandante e officialidade do «Trento» desembarcando na estação da Luz, em sua chegada á capital paulista.

sino, eram ouvidas as autoridades escolares. Com esse objectivo promoveu a Directoria Geral de Instrução a reunião periodica dos inspectores districtaes do Estado, que no anno de 1928 eram em numero de 70. Duas dessas reuniões se realizaram, em junho e em dezembro, com grande proveito para a instrução, ficando satisfatoriamente attingidos os fins em vista, quando da sua convocação.

Quanto á inspecção especializada, bastante proveitosos foram os re-

dessas disciplinas com grande eficiencia nos resultados.

NOVOS MUNICIPIOS PAULISTAS

Foram creados, em 1928, os seguintes municipios em S. Paulo:

Pela lei n. 2.286, de 24 de setembro, o de Mundo Novo, no comarca de Itapolis;

pela lei n. 2.312, de 17 de dezembro, o de Aparecida, na comarca de Guaratinguetá;

reunidas de Ferranópolis;

pela lei n. 2.339, de 28 do mesmo mez, o de Coroados, comarca de Pannapolis.

AS ESCOLAS NORMAES DE SÃO PAULO

Officiaes — Funcionaram no Estado 10 escolas normaes officiaes, 9 de tres annos de curso e uma — a Escola Normal da praça da Republica — de cinco annos de curso. Essas escolas foram frequentadas



EMBARQUE, em Santos, de materiaes destinados ás obras de construcção do ramal de Mayrink a Santos.

ultados verificados. A de musica deu a esse ensino cunho essencialmente brasileiro, quanto á escolha de autores e organização dos programmas orpheonicos, trabalho que se estendeu ás escolas normaes livres. A de educação physica e esotismo vae estendendo sua acção a todas as escolas do Estado, applicando com exito os methodos preconizados pela eugenia nacional. A de trabalhos manuaes e desenho continuou a orientar a applicação

pela lei n. 2.320, de 24 do mesmo mez, o de Marilla, na comarca de Piratininga;

pela lei n. 2.328, de 27 do mesmo mez, o de Guayra, com séde no districto de paz de igual nome, comarca de Orlandia;

pela lei n. 2.329, da mesma data, o de Tapyratiba, com séde no districto de paz de igual nome, comarca de Caconde;

pela lei n. 2.330, da mesma data, o de Garça, com séde nas povoações

por 3.126 alumnos, 285 masculinos e 2.841 femininos. Em 1927, a matricula foi de 2.577 alumnos, havendo, no anno findo, um augmento de 549. Obtiveram promoção 1.879, ficando dependentes de segunda época 795; concluíram o curso 478 alumnas e 53 alumnos, num total de 531, contra a cifra global de 349, em 1927. Na Escola Normal da praça da Republica receberam diploma 136 alumnas e 7 alumnos, num total de 143.

A ESTRADA DE FERRO DE MAYRINK A SANTOS

Proseguem com intensa actividade os trabalhos de construcção do grande tronco ferroviário de Mayrink a Santos. Iniciados os serviços de reconhecimento em fins de julho de 1927, estava integralmente concluido o

nos estudos da linha e consubstanciados no projecto organizado foram concluidos com inteira satisfação, quer pela sua rapidez, quer pelo seu custo de 1.063:903\$581, assim descriminado:

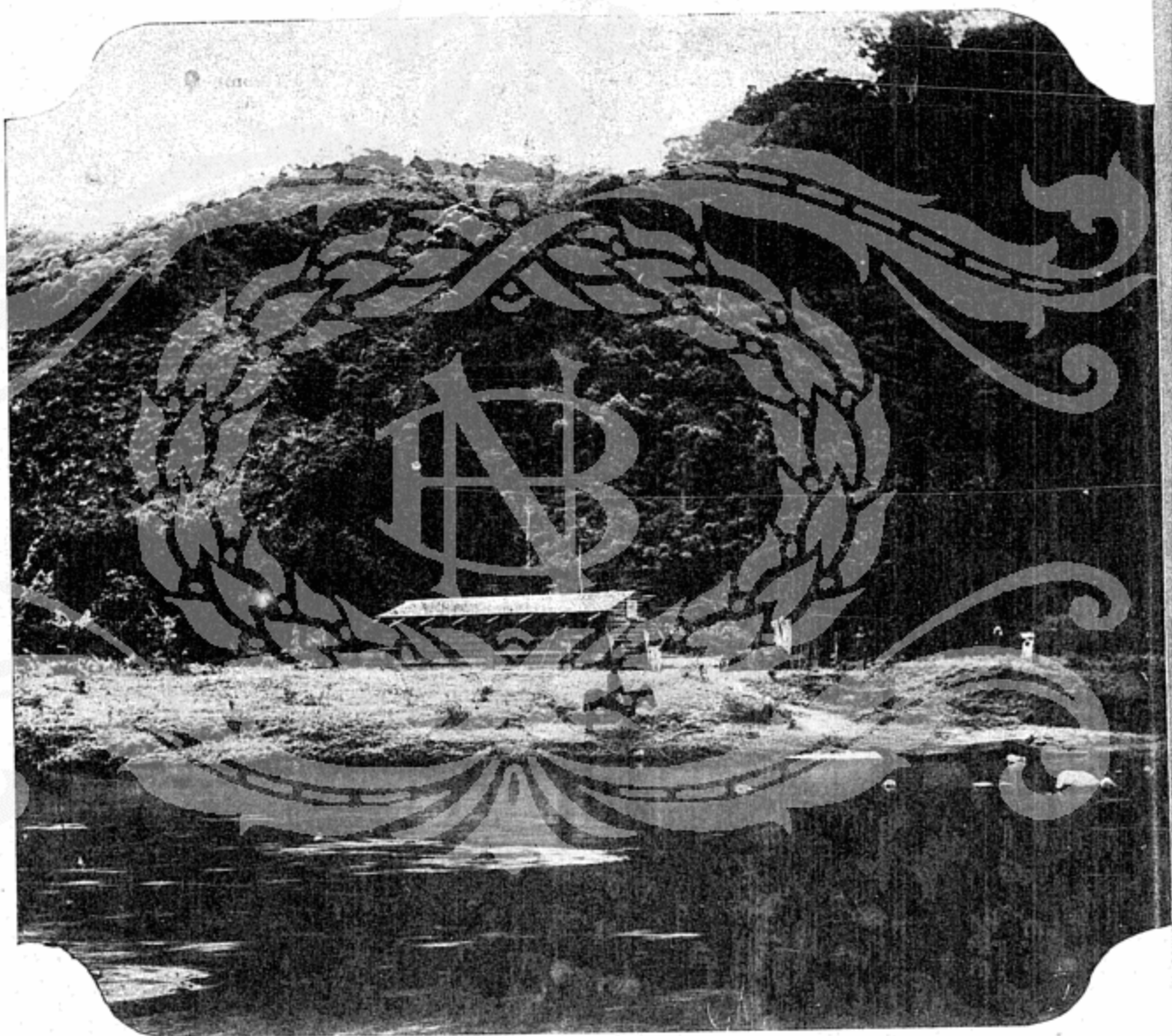
Reconhecimento	4:510\$900
Exploração .	447:236\$285
Locação	556:977\$396

245m,62; rampa maxima, 2 %; tangente minima de 100 metros entre curvas reversas; linha dupla para bitola de um metro, entre trilhos, com plataformas de 8m,5.

Dentre as obras de arte especiaes da nova estrada contam-se: 32 tunnels, numa extensão total de 4.500 metros; 18 viaductos, com alturas

ca de 11.200.000 metros cubicos. As superstructuras das pontes, viaductos e pontilhões comportarão trens de typo mais pesado que os actuaes — C-60 per 45. A capacidade de gabarito satisfaz ás necessidades da futura electrificação da estrada.

Para effeito da construcção foi a linha dividida em 45 trechos (22 no pla-



UM posto improvisado para descarga de materiaes destinados á construcção da estrada de ferro Mayrink-Santos.

projecto da linha a 11 de junho do anno passado, com a confirmação do orçamento respectivo, inicialmente calculado em 160.000:000\$000.

A despeito das difficuldades apresentadas pelo traçado da nova estrada e das circumstancias desfavoraveis para a realização dos serviços, todos os trabalhos concernentes

Trabalhos de escriptorio e projectos	55:179\$000
--------------------------------------	-------------

Esse projecto, que comprehende a ligação entre Mayrink e a estação de Samaritá, no kil. 19 da linha Santos-Juquiá, apresenta fundamentalmente os seguintes caracteristicos principaes: extensão, 135 kil. 364; ralo minimo,

diversas, totalizando uma extensão aproximada de 1.500 metros; 96 muros de arrimo, com o volume de 76.000 metros cubicos de alvenaria; 6 pontes e pontilhões de vãos diversos. Haverá em todo o percurso 17 estações, contadas as extremas de Mayrink e Samaritá. Os serviços de terraplenagem estão calculados em cer-

nalto e 23 na serra), dos quaes 43 estão sendo construidos por empreitada e o inicial e o terminal respectivamente, por administração contractada e por administração directa da estrada. O serviço de perfuração dos tunnels, que foi dividido em 4 grupos distinctos, constituiu contractos á parte com 4 empreiteiros.

Os trabalhos da construção, propriamente ditos, iniciaram-se em maio de 1928, atacando-se os quatro primeiros trechos do planalto e o segundo da serra.

Dessa data em diante, intensificaram-se os trabalhos de modo tal, que, ao findar-se o anno, existiam 20 trechos no planalto e 12 na serra em condições de receber medição; tinham sido escavados 2.396.666 m. c.; estavam concluídas 95 obras de arte communs e 16 se achavam em andamento. O volume escavado representa 23,4 por cento do total previsto a escavar e o custo medio dessa esca-

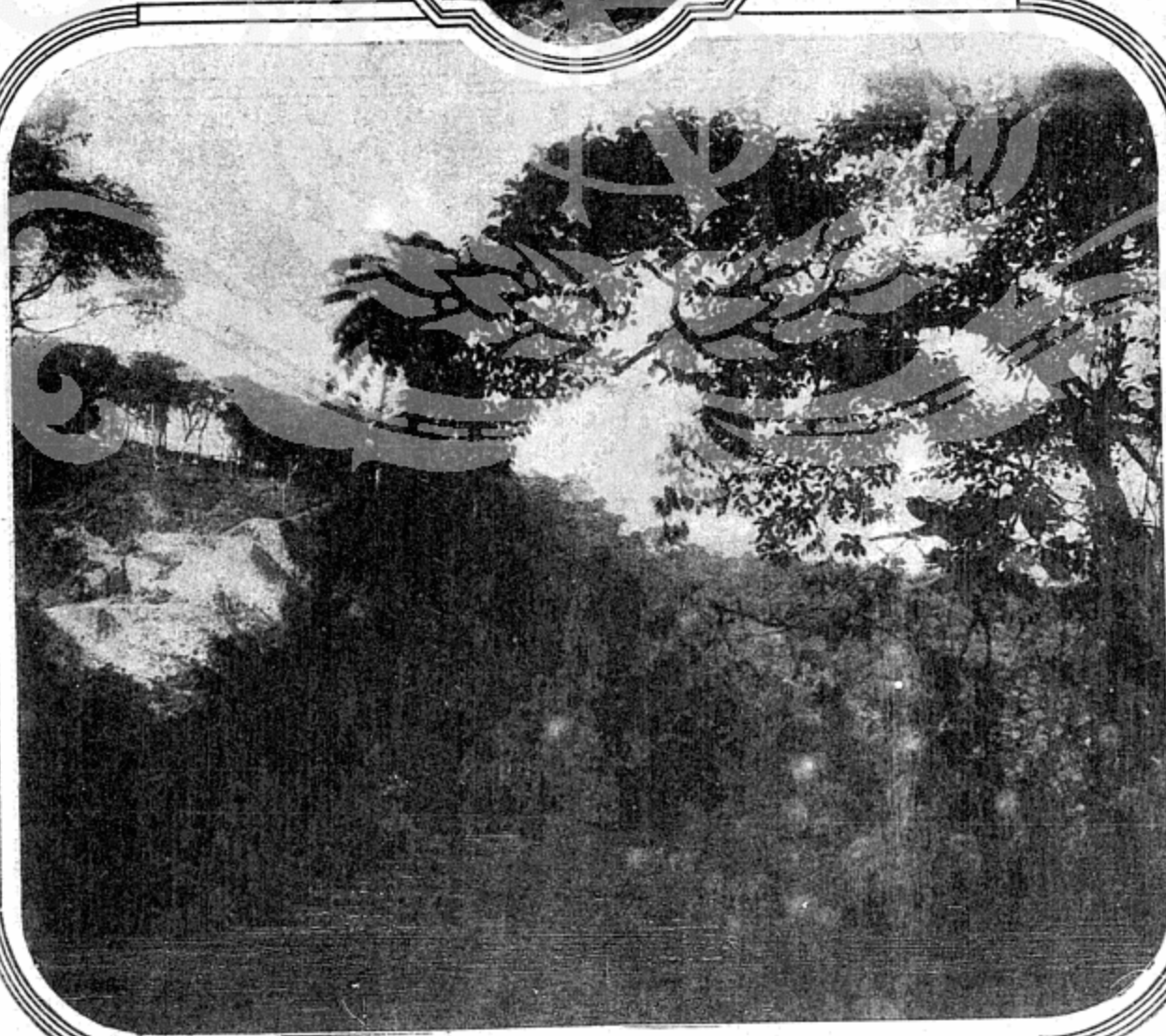
acampamento dos engenheiros da construção do ramal Mayrink-Santos, e um lindo aspecto do córte 14.



vação, por metro cubico, incluindo transporte, estava, nessa occasião, em 5\$666, abaixo do orçamento apresentado.

Acompanhando os trabalhos de construção, foram organizados todos os serviços accessorios e de imprescindivel necessidade para o andamento das obras, taes como: o estabelecimento de estradas para o transporte de materiaes, numa extensão de cerca de 102 kilometros, a aquisição por doação, compra ou desapropriação dos terrenos necessarios á faixa da linha e a assistencia prophylactica ao numerozo pessoal occupado nas obras e estimado, no fim do anno passado, em cerca de 12.000 homens.

Para que a linha Mayrink-Santos pudesse apresentar perfeitas condições de equilibrio e har-



RAMAL Mayrink-
Santos. Dois aspe-
ctos do córte 2. A
photographia de ci-
ma, tomada do córte
3, mostra o local para
um futuro viaducto.



monia, tornava-se neces-
sario remodelar o traça-
do e duplicar o trecho en-
tre a estação de Sama-
ritá e Docas, da linha
de Santos a Juquá. Para
isso foram iniciados os
devidos estudos, proce-
dendo-se ao levantamen-
to do terreno e fazendo-
se cuidadosamente as ne-
cessárias explorações en-
tre São Vicente e Docas,
no intuito de se estabele-
cer, nesse trecho, um no-
vo traçado que permitia
a condução directa dos
trens da Sorocabana ao
ponto mais conveniente
do eões e ahí facilitte a
movimentação do mate-
rial rodante.

As despesas realizadas
até 31 de dezembro com
os estudos, trabalhos ac-
cessorios e preparação do
leito da linha de May-
rink a Santos, incluídas
as de administração e
fiscalização, somavam
19.941:912\$956, que fo-
ram pagos pelo credito
especial de 50.000 contos,



aberto pelo decreto nu-
mero 4.446, de 22 de agos-
to do anno passado.

O ENSINO PARTICULAR EM S. PAULO

O grande desenvolvi-
mento attingido pelo en-
sino particular, em São
Paulo, determinou a de-
signação de um inspector
para sua directa fiscal-
ização na capital.

O trabalho levado a ef-
feito pela Directoria Ge-
ral de Instrucção Públi-
ca, no sentido de dar
cumprimento ás disposi-
ções legais referentes a
esse ensino, vae sendo
executado com grande
proveito, merecendo espe-
cial destaque o movimen-
to de nacionalização em-
prehendido pela Direcção
do ensino.

A matricula geral nes-
ses estabelecimentos fo-
de 115.759 alumnos, ex-
cedendo de 25.819 a do
anno anterior. Distribui-
ram-se esses alumnos pe-

los diversos cursos, assim: primario, 77.682; secundario, 27.863; profissional, 9.981; e superior, 222.

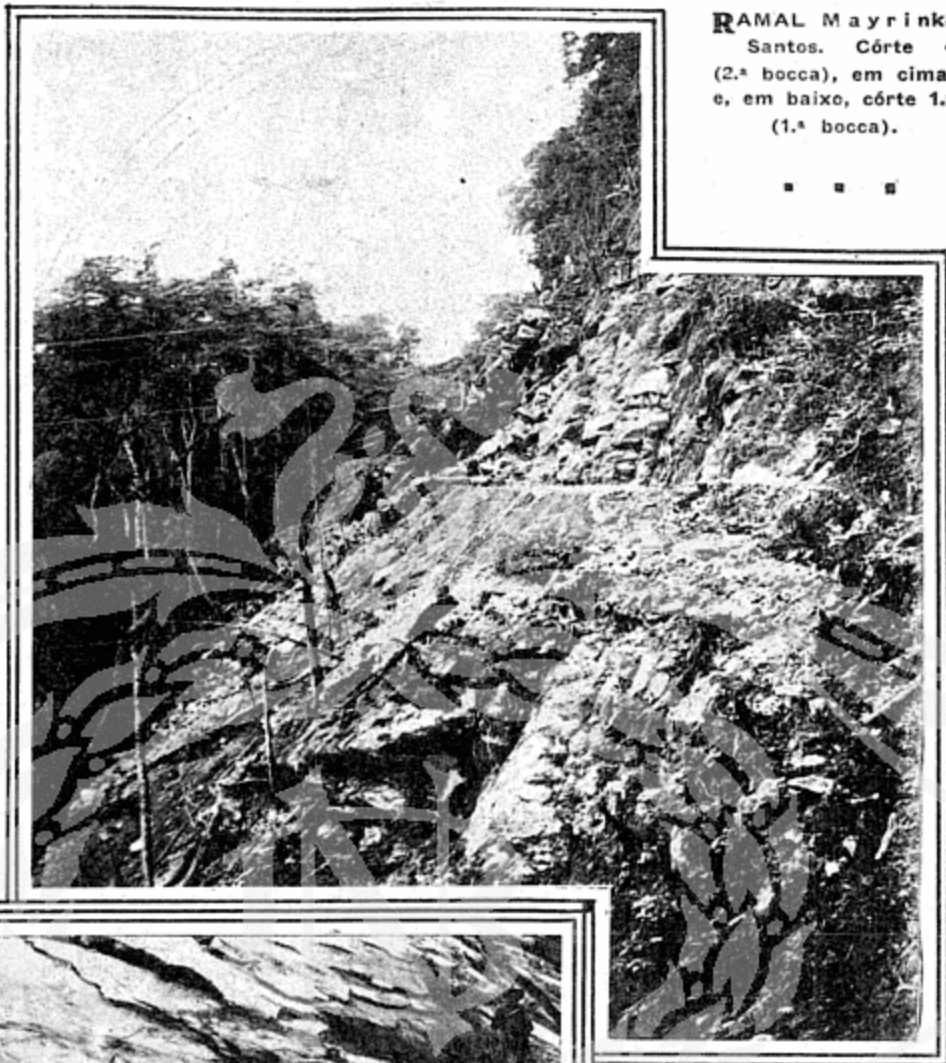
Além das escolas particulares, que foram em numero de 1.077, funcionaram no Estado 285 escolas custeadas pelas Camaras Municipaes, com matricula geral de 11.430 crianças.

Frequentaram as escolas regidas por professores leigos 40.624 alumnos, dos quaes 22.563 do sexo masculino e 18.061 do feminino; promovidos 7.726 e alphabetizados 6.919.

SERVIÇO

DE PUBLICIDADE

A Directoria de Publicidade desenvolveu muito os seus trabalhos de divulgação de assumptos que interessam á economia do Estado. Destacam-se, dentre seus trabalhos, as monographias:



RAMAL Mayrink-Santos. Côte 4
(2.ª bocca), em cima,
e, em baixo, Côte 1.ª
(1.ª bocca).



agricolas, os boletins periodicos, os communicados pela imprensa, cujo objectivo é diffundir entre os lavradores toda a materia instructiva que lhes possa interessar. Essas publicações visaram, de preferencia, a melhoria dos typos de café, o desenvolvimento da fructicultura, a cultura do trigo, a do fumo, o melhoramento do algodão, a renovação dos cannaviaes, a restauração dos cafezaes, a adubação em geral, o combate ás pragas da lavoura, a formação e melhoria das pastagens e da pecuaria, a piscicultura, a agricultura, a sericicultura, a protecção das florestas e outros informes que se prendem directamente á vida agricola e pastoril do Estado. A distribuição das publicações elevou-se a 55.837, no Estado de S. Paulo, 10.963, em outros Estados, e 7.532, no estrangeiro.

MORTALIDADE

A mortalidade em 1928 em todo o Estado de São Paulo, foi de 99.135, que dá o coefficiente de 14,54 obitos por mil habitantes contra 15,95 do anno anterior.

A média mortuaria dos ultimos 5 annos foi de 16,10 e a do quinquennio anterior foi de 18,68, sendo digno de observação o decrescimento do seu coefficiente, de anno para anno, pois de 17,71 já chegamos a 15,54.

Essa differença exprime indiscutivel melhoria das nossas condições sanitarias. No municipio da capital, o coefficiente de mortalidade em 1928 é o menor desde a installação do serviço de Estatística Demographo-Sanitaria.

RAMAL Mayrink-Santos. Côte 9 e Côte 7 (1.ª bocca).



Leopoldo Desgraves tinha entre as mãos uma dessas figurinhas de estuque colorido, tão comuns nos pequenos comércios dedicados à venda de postais "artisticos", pequenas novidades, surpresas e divertimentos de sociedade.

Notava-se que as mãos de Leopoldo tremiam, e que contemplava, com verdadeiro amor, com emoção, a bonequinha insignificante.

Seu proprio criado de quarto, ao entregar-lhe a correspondência, quedou por momentos estupefacto, porque seu amo, Leopoldo Desgraves, era um cavalheiro de uns trinta e cinco annos, bonito, calmo, de caracter razoavel; e... francamente, não se está mais em idade de admirar umas tantas ninharias.

Leopoldo tomou a correspondência, sereno, mas as mãos voltaram-lhe a tremer deante de uma carta como, já lhe tinham tremido deante da figurinha de estuque.

E' que a carta era de Rosina Seguin, e Rosina era a mulher que elle amava.

A carta e a figurinha colorida tinham a mesma procedencia. Uma tarde, ao sair de uma reunião em casa de alguns amigos, esteve tão habil em insinuar reticencias, em lançar indirectas, multo veladas, mas que não deixaram de ser comprehendidas, que ella, bem impressionada, consentiu em ser acompanhada até a porta de casa; não lhe dizia mais de quatro palavras triviaes, mas

UM HOMEM de GOSTO ANDRÉ BIRABEAU

tão delicadas de expressão, tão carregadas dessa secreta riqueza amorosa... que, unidos, em dissimulada e um plicidade, retardaram o momento da separação... Ella estava séria, commovida, e fingia-se despreoccupada: — Por que não vamos ao boulevard, onde ha feira e festejos? Divertem-me tanto!...

E' quasi certo que não gostava de nada disto; seguramente, nem um, nem outro, contemplavam os cavallos de pão das pequenas caleças, deante das quaes se tinham detido; ella adivinhou o motivo da estranha perturbação que lhe fez errar o tiro ao alvo; elle, em premio aspirava ao tentar a sorte na roleta... e nessa roleta ganhou Rosina a boneca... E ella dissera logo a rir: "que vou fazer com isto?..."

não posso guardal-a... — e ajuntou: "o senhor a quer?..."

— Creio que sim... — replicou elle.

E Rosina, cheia de garridice, lh'a offereceu...

Leopoldo rasgou-o envelope e leu:

"Meu amigo, meu querido Leopoldo — Escrevo estas linhas porque não posso supportar a idéa de que guarde de mim a recordação de uma coquette. Senti-me satisfeita ao ver que tinha adivinhado o meu amor, e agora caso-me com outro. Sou má, não é verdade? Pois bem, não o sou, e quero que não pense em mim com desprezo... De nós dois, sou a mais digna de lastima e a que maior desengano soffreu. O culpado, Leopoldo, é você, ou eu... eu mesma, por ter uma idéa inexacta da realidade. Você me parecera

carinhoso, sensível, delicado. Tão differente da maioria dos rapazes de nosso tempo! Sabia entusiasmar-se sem o ardor ficticio do "snob". Falava com tanto acerto das cousas bellas! Sentia-se com persuasão que, entre todas as riquezas da vida, saberia comparar e escolher com acerto.

Cheguei a imaginar-me na atmosphera em que você vivia, nos aposentos do seu apartamento, na cadeira em que se sentaria você para ler, nas bagatellas que escolheria para recrear sua vista. Foi por isso, que lhe disse um dia: "Offereça-me uma xícara de chá m sua casa como o faria com um camarada." Póde ser que você considerasse tal como uma ousadia; não foi mais do que uma curiosidade.

"E então... meu querido Leopoldo, não é verdade que o comprehendo?

"A sua casa!... O homem de gosto! Valha-me Deus!... Que amontoado de antigualhas de arrabalde! Que aspecto de belchior! Quiz ver todo esse domicilio, no qual (por um pouco mais), teria ido viver, por termefiado em suas galantes perorações de letrado e de artista... aprendidas provavelmente em algum manual... Vi até o quarto onde poderia ter entrado como esposa.

"Ah! não me posso lembrar do numero de ninharias, meu querido amigo, das infundáveis bagatellas que você accumulou naquelles aposentos; mas creio, que me recordarei sempre do doce do seu leito de sol-

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE

Gustavo Barroso

THEZOUREIRO:

Cyrol Machado

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

TELEPHONES: DIRECTOR: C. 0377 ADMINISTRAÇÃO: C. 4136

CAIXA POSTAL 97

RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
EMPRESA
FON-FON e SELECTA
S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lda. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa do correio 1431

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados
Anno 48\$000
Semestre ... 25\$000
Venda avulsa em
todo o Brasil 13\$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

teiro; de um certo e determinado velador de ébano incrustado de nacar; de uma scena de caça; de uma "Recordação de Dieppe", coberta de conchinhas e caracões incrustados; do peso de papéis sob cujo vidro de aumento pullulavam numerosas bolinhas de côres, e não creio exagerar se asseguro que a sua faca de papéis era daquellas que, olhadas através, mostram vistas historicas de "Mont Blanc", "Sacré Cœur" ou o "Pic du Jer"...

"Ah!... o diploma que se encontrava no vestibulo, mettido numa moldura ostentosa?... E o relógio de alabastro sob a redoma de vidro, que me ia esquecendo?... Lembra-se, Leopoldo, como fugi? Sentia necessidade de estar só, sim, só, para chorar o homem que eu acabava de perder. E é a elle, a "elle", a quem digo adeus nesta carta. Agora estou casada; vou em um transatlantico para outra parte do mundo; não me verá nunca mais. Adeus, "homem de

gosto" dos meus sonhos. Você talvez diga: "é uma idiota". Diga o que quiser; é certo que os relógios de vidro sob redomas são muito bonitos... que as scenas de caçadas, os pesos para papéis como o seu, e cem objectos mais são lindissimos... não o duvido...; mas devia antes falar-me..."

Leopoldo bateu os pés indignado, gritou, jurou. Precipitou-se immediatamente sobre a penna e escreveu:

"Rosina, meu amor; isso é espantoso! Se sou o primeiro a detestar os relógios de alabastro, sob redomas, as scenas de caçadas pintadas em vidros... Sim, só hoje noto, sobretudo, que minha casa é um conjunto de moveis horrorosos, de bagatellas e de ridicularias.

"O homem de gosto que você acreditara encontrar em mim, sou-o effectivamente, e digo isto sem fatuidade nem jactancia. Mas... todos esses objectos, todos elles, são recordações... Tudo aquillo são cousas queri-

das das pessoas que eu amava... mamãe, papae, meu avô, minha velha ama de leite, meu padrinho... O pergaminho é o diploma de meu pobre irmão; elle lutou muito para alcançá-lo, e morreu um mez depois de tê-lo trazido á casa; colloquei-o numa moldura... Minha faca de papéis, de osso (é uma vista de Cauterets que se vê através) deu-me uma menina quando tínhamos seis annos; eu era seu namorado — perdão, meu amor — e ha muitos outros objectos que são lembranças de cousas e factos de que não me recordo mais, mas que tenho em grande estimação... Quando papae contemplava a "Recordação de Dieppe", dizia carinhosamente á mamãe: "Luiza, recordas-te?", e os dois sorriam com ternura... Lembro-me que mamãe prohibira aos criados limparem o velador de ébano incrustado de nacar; ella propria se encarregava da limpeza e esfregava-o suavemente como a acaricial-o, ás vezes, até com

lagrimas nos olhos, e to é o bastante! Guarde a mesa e conservei tu! Vivi eu, homem de gosto como você disse, em meio de horrores toda a minha vida... Talvez seja uma estupidez, mas sou sensível e sentimental, e Rosina, não foi, por isso, por isso que você quiz?... "

"Devia ter prevenido você, é verdade. Mas essas lembranças representam para mim tanta coisa, que nunca pensei que pudessem impressionar você, a quem julguei tão parecida commigo... acrescentar ainda a phrase: "O gosto meu apurado está em ter a razão..."; mas penso que estava casada, que ia em um transatlantico que não sabia para onde dirigir a carta..."

Deixou, então, a penna sobre o papel e collocou sobre a chaminé a figurinha de gesso que Rosina lhe dera uma noite e que foi, entre o relógio de alabastro e a scena da caçada, a mais bella de suas recordações um horror a mais...

Chi Namel

ESMALTES TINTAS LACAS E VERNIZES



Com CHI-NAMEL é facil renovar tudo om casa.



O Esmalte «CHI-NAMEL», de côr, é o melhor para renovar e embellezar, economicamente, todo movel que tenha perdido sua linda côr original.

Sua applicação é um passatempo agradável. Os resultados são sempre magníficos.

«CHI-NAMEL» é o esmalte mais economico, pelo seu grande rendimento. E' muito duravel e resistente.

Ao necessitar um esmalte, peça pelo seu nome. Esmalte «CHI-NAMEL» é melhor e mais barato em seu uso.

A' venda em todas as lojas de ferragens, tintas e auto-moveis.

Fabricado pela The Ohio Varnish Co. Cleveland. O — E. U. A.

Experimente o sabonete



Perfumado até o fim

O unico que, depois de usado, deixa a pelle persistentemente perfumada e macia

Pó de ARROZ



**É O MELHOR
E NÃO É O MAIS CARO
SUPERIOR
AOS ESTRANGEIROS**

PERFUMARIAS LOPES
RIO-S. PAULO
À VENDA
EM TODO
O BRAZIL

O DENTOL (água, pasta, pós, sabão), é um dentífrico que além de ser um excelente antiséptico é dotado de um perfume muito agradável.

Fabricado segundo os trabalhos de Pasteur, endurece as gengivas. Em poucos dias dá aos dentes uma brancura de leite. Purifica o halito, sendo especialmente indicado para os fumadores. Deixa na bocca uma sensação de frescura deliciosa e persistente.



« Moi, je voudrais une femme qui fume des cigarettes à bouts dorés et qui me parle de Dentol »
— Quem me dêra um noivo que fuma cigarros de ponta dourada e me compre Dentol.

O DENTOL encontra-se em todos os bons estabelecimentos que vendam perfumarias e nas Pharmacias. Aprovado pela D. N. S. P. em 27 de Maio de 1918, sob os ns. 196-197-198.

DEPOSITO GERAL:

CASA L. FRERE

— 19 RUE JACOB, PARIS —

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

PONTE DE S. LUIZ

DA METRO

Cinema PALACIO — Ao acabarmos de vêr desenrolar as scenas d'esta interessante pellicula, pensamos unicamente nos films encantadores, bellissimos, que o Brasil-Colonia nos poderia dar, com as suas figuras historicas, com os seus episodios emocionantes, com as suas situações patrioticas do maior relevo artistico. Pensamos ainda como isso será bello, quando o cinema nacional se libertar da imitação norte-americana, com as suas beijocas e as suas futilidades, a que o levam espiritos incultos e anti-patrioticamente norte-americanizados. Lily Damita, com esta pellicula da Metro, rehabilitou-se d'aquelle film infeliz, em que ella pousou para os Artistas Unidos. O film tem sómente, considerado em si, a reconstituição do ambiente do Perú no seculo XVIII. O resto é fraco. Mas tudo isso esquece em frente do trabalho de Damita, que é verdadeira-

mente surprehendente de vivacidade, de graça de sensualidade, e que só por si nos compensa de entramos na sala e estarmos duas horas vêr desenrolar uma pellicula, em que o enredo pouco nos interessa. O trabalho de Ernest Torrence, por igual, bom. A direcção boa e a tecnica do mesmo teôr.

Cotação — BOM

AHI, TURUNA!

DA PATHÉ NEW YORK

Cinema PATHE'-PALACE — Monty Banks já ha muito tempo não apparecia nas télas caricasas. Não se podia dizer que houvesse saudades. E' um artista que não enthusiasma, nem sequer attrae sympathias. N'este trabalho puzeram-na a fazer graça. E' lamentavel. Isto não impede que esta pellicula nos apresente um argumento de linhas interessantes, apesar de conduzido

Exijam o legitimo
SABONETE CREOLINA
 PARA BANHO E USO MEDICINAL
SABONETE VETERINARIO
CREOLINA
 COM o FACSIMILE DA LATA DE CREOLINA
 PEARSON NO VERSO DOS ENVOLUCROS

CONSERVE A CUTIS JOVEN COM CERA MERCOLIZED

Faça desaparecer as imperfeições da sua cutis empregando regularmente cera pura mercolized. Adquira-a em sua pharmacia e use-a conforme as instrucções. A cera mercolized faz a pelle velha desprender-se em particulas imperceptiveis, e com estes todos os defeitos da tês, taes como sardas, manchas etc.. Desta maneira, a cutis recupera o seu aspecto natural, tornando a mostrar a formosura primitiva que com os annos se havia esmaecido.

Instituto de Belleza de

Mme Clement

Para ter uma linda cutis e conservar uma boa pelle, é indispensavel limpá-la á noite empregando os especiaes preparados muito conhecidos de

MME. CLEMENT

Especialista em limpeza da pelle, manicure, ondulação. Marcel, mis en-plis, permanente, e corte de cabelo, pelos ultimos modelos.

RIO - URUGAYANA, 22 - PH. C. 1510 — S. PAULO - RUA S. BENTO, 22 - PH. 2-1694

Glaxo

**É GARANTIDAMENTE
LIMPO E PURO**



GLAXO é tão digestível, puro e nutritivo como o leite materno.
GLAXO não tem microbios nocivos. Até recém-nascidos o assimilam.
GLAXO é puramente leite, que se dissolve em água acabada de ferver.
GLAXO criará o seu bebê, caso falte ou escasseie o leite materno.



EMMAGRECER

tornar-se mais elegante
o que se consegue com o

Thé Méxicain du Dr. Jawas

A obesidade destrói a beleza e envelhece antes do tempo. Para conservar a mocidade e a elegância e ter a cintura fina e esbelta, tomem o Thé Méxicain du Dr. Jawas e infalivelmente emmagrecerão, sem nenhum perigo para a saúde e sem regimen algum.

Tratamento vegetal, absolutamente inoffensivo.

A' venda em todas as Drogarias e Pharmacias.

A. NARODETZKI

19, BOULEVARD BONNE-NOUVELLE

PARIS

através de situações um tanto comicas. A direcção é boa, se considerarmos que em films de caracter comico o inverosimil não marca. Mas a interpretação, com Monty á frente, não valoriza a pellicula. E' evidentemente necessario fazerem-nos coegas para rirmos um bocadinho. E' bom que o antipathico sr. Monty nos apparega por ahi em cousa de mais merecimento. Do contrario é bom honrar-nos com a sua ausencia.

Cotação — SOFFRIVEL

BOHEMIOS

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE'PALACE — Se estivessemos nos tempos, que lá vão, do film mudo, da scena muda, não hesitariamos em conceder á Universal a justiça d'um "optimo". Apparece-nos o film synchronizado, e esta synchronização, em vez de valorizar a pellicula, causou-lhe algum desvalor. E' uma pellicula a que, sob o criterio de localização, poderíamos classificar de popular. O argumento tem os seus pontos de emoção, mas não são muitos. Ha certas situações e certas circumstancias que só o publico americano alcança, porque o ambiente escapa, na sua pormenorização, ao *habitat* brasileiro. Mas injustiça seria affirmar que a direcção d'esta pellicula não tenha sido brilhante, impondo-se pela justa e natural movimentação das grandes massas. A musica é acceitavel, salientando-se uma formosa canção que se suppõe cantada por Laura La Plante... no escuro.

Cotação — BOM

FOGO! FOGO!

DA UFA

Cinema RIALTO — Por que se lançou o nome de Tshesknowa no reclame a esta pellicula? Para imbaír o publico? Máo processo. A *ponta* d'esta

grande "estrella" neste film da Ufa é quasi um trabalho deprimente para a famosa artista. Nem se dá por elle. O film é máo?... Não, que nos pareceu desnecessario foi forçar a propaganda em torno da grande actriz, que podia dispensar de apparecer com os seus lindos olhos, porque a pellicula não soffreria nada com isso, porque o seu valor é real. O argumento é interessante, animado de grande emoção, conduzido com uma logica sequencia, valendo sobretudo pela parte technica que colloca os studios da Ufa a par dos melhores do mundo. As scenas do incendio do theatro Scala e o ataque dos bombeiros germanicos, são trabalhos formidaveis que se impõe á admiração de toda a gente, descrevendo a mais conhecedora dos processos technicos da arte filmesca, até aos que vão ao cinema apenas para se distrahir.

Cotação — BOM

COMO CONSERVAR O CABELLO EM BOM ESTADO

Não importa que o seu cabelo seja ruivo, negro, castanho ou de côr vermelha. Se quereis conservar abundante, brilhante e em boas condições geras deveis cuidal-o continuamente. Muitas senhoras descuidam por completo o seu cabelo, crendo que mesmo assim elle sempre parecerá bem. Isto é absurdo. Vou dizer-lhes como eu trato o meu cabelo: Antes de tudo, não deixo de escoa-lo nem uma noite, por mais cansada que me sinta. Depois de cada duas semanas, lavo-o bem, usando para esse fim uma colherada de stallax granulado dissolvido em agua quente, enxugando-o bem, depois, e secando-o com toalhas quentes. O resultado é simplesmente maravilhoso.

anti-épileptique de Liège

As doenças incuraveis são, felizmente, muito poucas, e a medicina não inclue a epilepsia no numero dessas doenças. Tenham confiança nos antigos remedios; uma antiga reputação é sempre uma coisa importante. Ha 50 annos que o anti-épileptique de Liège vem salvando milhares de desgraçados; não prometta nada que não possa realizar. Experimentem-no. Eis o que o combate: crises, neurasthenia, hysteria, convulsões, dansa de S. Vito, etc. — Peçam a brochura gratis aos Laboratoires Farjany, 16, rue Claude-Lorrain, Lille (França). — A venda em todas as pharmacies e drogarias.

Appr. D.N.S.P. N° 1091, 5/12/1922

RUBINAT LLORACH

A MELHOR AGUA MINERAL NATURAL PURGATIVA

AGENCIA DE VENTAS CONTRA FALSIFICACAOES NACIONALES OU ESTRANGEIRAS

Salvita

O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE
CONTRA
A GOTTA RHEUMATISMO PRISÃO DE VENTRE
DOR DE CABECA BILIOSIDADE INDIGESTÃO
DIABETES DOENÇA DE BRIGHT
A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES
AMERICAN APOTHECARIES COMPANY, NEW YORK

Peça-o Senhora



O bom gosto determina que o jantar seja rematado com um doce delicioso, nutritivo e de fácil digestão. Os pratos preparados com a Maizena Duryea oferecem essas optimas propriedades, dahi a crescente popularidade de que gozam. Da proxima vez que V. S. tiver convivas, ou que preparar uma refeição para a familia, experimente uma das receitas do precioso livro de Receitas de Cozinha da Maizena Duryea, que lhe enviaremos com o maximo prazer se V. S. nol-o pedir.

M. BARBOSA NETTO & C.
C. Postal 2938
RIO



MAIZENA DURYEA

QUEM FUMA ?

TABAGIL

cura o vicio de fumar

Fumar é perder saude, tempo e dinheiro

ARAÚJO PENNA & C.

Rua da Quitanda, 57

Rio de Janeiro

DR. ULYSSES NUNES VIEIRA, medico formado em 1912 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.



Attesto que o

ELIXIR DE NOGUEIRA

formula do Pharmaceutico-Chimico João da Silva Silveira, é um preparado de confiança e que venho empregando sempre com proveito nas diversas manifestações da syphilis.

Parahyba, 47 de Outubro de 1927.

DR. ULYSSES NUNES.

(Firma reconhecida).



**TOSSES
CATARRHOS
BRONCHITES CHRONICAS
CAPSULAS**

de

GOUTTES LIVONIENNES

de TROUETTE-PERREY

Creosote-Alcatrão - Balsamo de Tolu

Encontra-se em todas as Drogarias e Pharmacias

Appr. D.G.S.P. sob o N.º 50 em 5-2-1887

30 dias de experiencia



Se o leitor, durante os próximos trinta dias, saborear QUAKER OATS, ao menos uma vez por dia, sentir-se-á com maior disposição para o trabalho, mais forte e mais energético.

É que QUAKER OATS se compõe de oito elementos minerais que concorrem extraordinariamente para o desenvolvimento e conservação do organismo. Além disso, QUAKER OATS é rico de carbohydrates e de proteína, substancias que desenvolvem a energia e o systema muscular. Contém vitaminas em grande quantidade, de sorte a auxiliar a digestão e tornar superfluo o uso de laxantes.

De delicioso sabor, QUAKER OATS é insubstituível, devendo constituir a alimentação predilecta das crianças e dos adultos, dos convalescentes, dos intellectuaes, de todos, enfim.

Exija a lata Quaker. Verifique a marca e a conhecida figura do Quaker, adquirindo assim a certeza de obter genuíno Quaker Oats.

Quaker Oats

:: A Odysséa

VIAJO. Alto sertão cearense. Outubro. O projectando desapiedadamente seus raios sobre a terra estorricada, d'onde a água muito desertou, caminha no azul do firmamento. Tudo deserto. Os passaros emigram em procura de paragens mais alegres. Algumas rezes magras, esqueléticas, couro collado aos ossos ruminam pacientemente á sombra dos carnaúbas. Paira sobre a natureza morta uma tristeza profunda. Apenas, quebrando a monotonia, ao sopro do vento cantam os leques das carnaúbeiras.

Espero ansioso que se levante de meus olhos o tecto amigo de um hospitaleiro sertanejo. Mas, nada... Deante de mim só se desdobra a mesma perspectiva...

Depois de avançar mais uma legua, lombo longe uma pequena casa de palha. Aproximo-me. Um vulto, ao ouvir o tropel das alimarias, vem á porta. Cabello crescido e grisalho, imberbe, estatura mediana, rosto queimado pelo sol, eis a figura do seranejo que me appareceu.

Cumprimentámo-nos. Convidou-me a entrar. Aceito ao seu pedido e penetrei na sua choupana.

Já dentro, o mesmo silencio dos descampados, que ha pouco percorria...

Fitei-o, e sua physionomia trahia a tristeza que lhe torturava a alma.

Veiu-me logo a irresistivel vontade de lhe dirigir algumas perguntas, desejo este que não conseguia soffrear.

— Bom amigo, quem lhe faz companhia nestes solitários sertões?

— Ninguém! — respondeu-me elle.

Muito concentrado, fiquei a reflectir como se poderia viver sem companhia em tão ármas paragens.

Interrompi o silencio:

— Já se casou?

— Já! — respondeu-me, monosyllabicamente.

— Morreu a sua mulher?

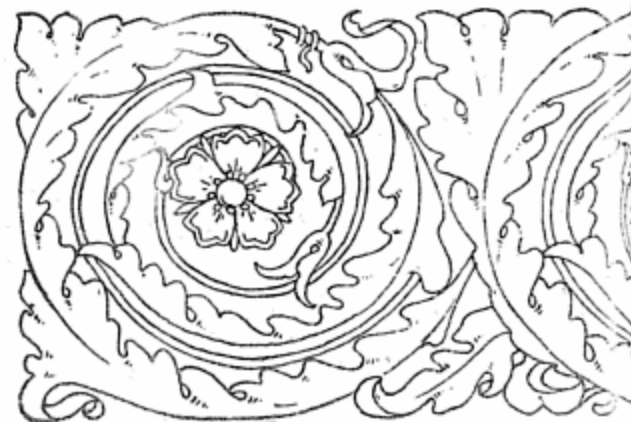
— Morreu... e si *vamécé* soubesse como...

Aguçou-me o curiosidade.

— Poderá contar-me a historia do seu infortunio?

— Nasci e criei-me aqui, — começou elle. Aos vinte annos casei-me com a Mundoca, na capella da "M. gdalena". Vivi muito tempo feliz com ella. Nunca tive filhos. Quando chegou a secca de 15, a desgraça cahiu sem dó sobre este sertão. Os gados e as milícias morreram. As cacimbas estavam quasi para negar a agua. Só se avistavam, aqui e acolá, bandos de urubús voando sobre as carniças.

Um dia, já no mez de junho, convidei a Mundoca para ganhar o mundo em procura de alimento. Saímos num domingo em busca do Ipú, no pé da serra da Ibiapaba. Só mesmo Deus nos dava coraço.



do Sertanejo

Por ANTONIO MARROCOS DE ARAÚJO

Para essa viagem. Comíamos das esmolas recebidas pelas estradas. Depois de oito dias de jornada, chegamos.

"Arrumei um rancho perto da cidade. Estivemos lá até março de 16, vivendo da caridade do povo.

"Quando as primeiras chuvas caíram e os sertanejos se animaram, fazendo as suas plantações, promptei-me para a volta. Partimos rumo da nossa terra, com saudade desta casinha, que ha muitos annos nos servia de abrigo. No primeiro dia de viagem atravessámos o rio "Jatobá", que tinha pouca agua e dormimos nas "Lages".

"No "quebrar das barras" do outro dia puzemo-nos a caminho. Quando chegámos, porém, ao rio "Acahuá", só se via o mar d'agua. Esperámos até de tarde e nada do rio baixar.

"Dois homens me offereceram um cavallete e prometteram atravessar as aguas com a Mundoca, numa balsa. Aceitei. Peguei no cavallete, nadei, nadei, e num instante cheguei ao outro lado do rio. Nisto elles mandaram a Mundoca se assentar na balsa e metteram-se n'agua. Quando chegaram ao meio do rio, no forte da correnteza, a balsa pulou muito e a Mundoca cahiu.

"Elles sahiram nadando atraz d'ella até lá muito em baixo, e quando puzeram os pés em terra levavam o cadaver. Foram então subindo pelas crôas do rio até onde eu estava, sem saber que fim tinha levado minha mulher.

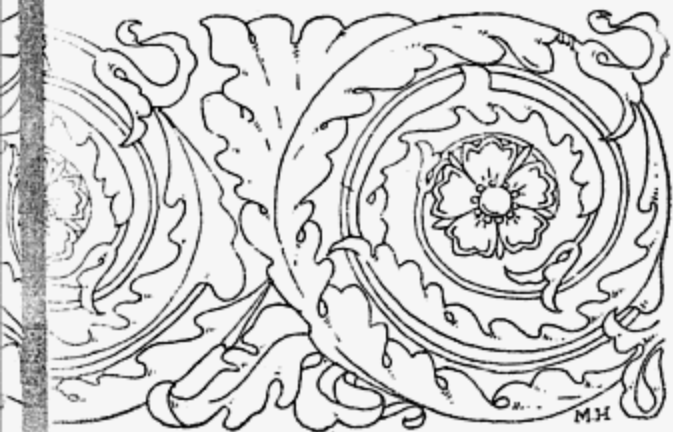
"Fiquei sem sentidos quando vi minha companheira morta a meu lado. Mas Deus p'r' tudo dá geito. Conformei-me.

"Lá ficou ella sepultada num cemiterio que havia perto e eu vim morar nesta mesma casinha, só, sem ter quem me faça companhia."

Ao ultimar a sua dolorosa narrativa, notei que duas lagrimas sulcavam seu rosto bronzeo, queimado pelo sol.

E eu me puz a pensar na fatalidade da sorte d'aquelle infortunado caboclo. Abandonára o lar com a sua esposa enxotado pela inclemencia dos rês, que não derramavam uma gotta d'agua para fertilizar a terra, e a vira morrer tragada pela torrente impetuosa de um rio, quando de volta ao seu torrão querido.

Nada mais veraz do que a phrase popular: No Ceará é oito ou oitenta...



ADEUS RUGAS

3.000 dollares de premios se ellas não desaparecerem

A mulher em toda a idade pôde se rejuvenescer e embelezar. — E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto em pouco tempo. — Experimentae hoje mesmo o RUGOL. Creme scientifico preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza Mlle. Dort Leguy, que alcançou o premio do Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embeleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL differe completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvidos pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha, e faz desaparecer as sardas, pannos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recém-nascida poderá usal-o.

RUGOL dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA — Mlle. Leguy pagará mil dollares a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.

Mlle. Leguy offerece mil dollares a quem provar que ella não possui oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollares a quem provar que os seus attestados de cura não são espontaneos e authenticos.

AVISO — Depois desta maravilhosa descoberta innumeris imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não accete substitutos exigindo sempre:

RUGOL



Mme. Hary Vigier escreve:

"Meu marido, que em sua qualidade de medico é muito descrente por toda a sorte de remédios ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio..."

Mlle. Souza Valencé escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afejavam o rosto e, depois de usar muitos cremes annunciados comeci a fazer o tratamento pelo RUGOL obtendo a desappareição não só das rugas como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam.

Encontra-se nas boas pharrnacias, drogarias e perfumarias. Se V. S. não encontrar RUGOL no seu fornecedor, queira cortar o coupon abaixo e nos mandar, que immediatamente lhe remetteremos um pote.

Unicos cessionarios para a America do Sul: ALVIM & FREITAS. Escrip. Central: Rua Wenceslau Braz n.º 22 — Sobrado — Caixa, 1379. S. PAULO

COUPON

Srs. Alvim & Freitas — Caixa 1379 — S. Paulo.
Peço-lhes enviar-me pelo Correo o TRATAMENTO SCIENTIFICO PARA EMBELLEZAR O ROSTO.

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

(QUEIRAM ESCREVER COM CLAREZA)

ESPIRITO ALHEIO

RETRATO A OLEO



O novo-rico (no "atelier do pintor"). — Agrada-me, sim, senhor. Agrada-me muito! Pôde fazer-me duas duzias.

DEMONSTRAÇÃO IRREFUTÁVEL



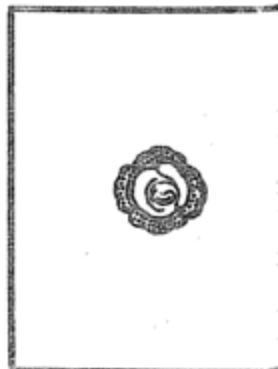
— Não se alarme, amigo, que eu conheço muito bem as curvas deste caminho...



... e está G. 214



... a mais perigosa de todas.



**RESFRIAMENTOS !
CORYSA ABUNDANTE ! ESPIRROS FREQUENTES !**

ARCEA

COMBATE EM 24 HORAS

HOMCEOPATHIA GRANULADA

ADAUJO PENNA & CIA

RUA QUITANDA - 57 • RIO DE JANEIRO



ANTES

DEPOIS

Resultado obtido pelo uso das

PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes

(Appr. D.N.S.P. sob o N° 87 em 26-6-1917)

Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de

J. RATIÉ, Pharmacutico

45, Rue de l'Echiquier, PARIS

Agente Geral: A. DE CURNAND

37, Rua dos Ourives, Rio de Janeiro.

A venda em todas as Pharmacias.

**AS' PESSOAS
QUE SOFFREM**

de prisão de ventre

ENTERITE

e affecções do fígado!

Obterão allivio immediato e cura radical
com o emprego diario de dois comprimidos de

LACTOLAXINE FYDAU

prescrita diariamente pelas mais altas sum-
midades medicas substitue todos os laxa-
tivos e purgativos que fatigam os intestinos.

A venda em todas as boas pharmacias.

Especificar bem: **Lactolaxine Fydau.**

Appr. D.N.S.P. sob o N° 257 em 8-9-1913

Deposito Geral: Laboratorios André Pâris
4, Rue de La Motte-Picquet - PARIS

RECALCINA



**DA VIGOR AS
CREANCAS**

EVITA A TUBERCULOSE

TEU E' O MUNDO

INTELLIGENTE LEITOR OU ENCANTADORA LEITORA

Queres conhecer os meios que te guiarão a conseguir Fortuna, Amor, Felicidade.
Exito em Negocios, Jogos e Loterias? Pede GRATIS meu livrinho «O MENSAGEIRO
DA DITA».

Remette 200 rs. em sellos para resposta.

DIRECÇÃO: -PROFA NILA MARA--CALE MATHEU 1924--BUENOS AIRES-(ARGENTINA)



— O anno passado — começou dizendo-nos lord Marbury — fui, como todos vós, sabeis, percorrer os bosques millenares da India. Depois de caminhar muitos dias através da matta, cheguei a uma cidade chamada Jaipore, e que fica no coração daquelle vastissimo territorio. E' uma cidade encantadora: os arredores estão cheios de ruínas de pagodes, de edificios antiquissimos e de muitas outras cousas que eu não me cansava de admirar. Emfim: algo admiravel.

“Um dia tive, não sei por que, a idéa de ir passar aquella noite na solidão de um grande templo apparentemente abandonado e que, segundo minhas informações, esteve dedicado a Yoma, o deus da morte. Nuvens de corvos — desses pesados e inevitaveis corvos da India — vôavam sobre minha cabeça enquanto eu me dirigia ao citado templo, abafando, com seus grasnidos, o ruido confuso dos tambores e dos caracões dos pagodes. Depois, tudo ficou em silencio.

“Assim cheguei até o momento que me interessava — sobre cujas paredes tribus enormes de monos e de aves de rapina gritavam á minha passagem — e nelle penetrei. O éco

OS MYSTERIOS DA INDIA DE CARLOS QUINCEY

duplicava em suas galerias o ruido de meus passos. Mais de uma vez voltei a cabeça supondo que alguém me seguia, e mais de uma vez me senti pesaroso daquelle aventura.

“Ao passar por uma das grandes janellas do edificio, julguei ouvir rumor de passos e, medrosamente, puz a cabeça para fóra. Vi, então, alguns homens que, montados em cavallo, avançavam a toda brida para o templo, com o dorso nú e o peito marcado com um signal branco. Estremeci. Mas meu estremecimento foi muito maior ao verificar que cada um daquelles homens levava sobre o arção da sella uma mulher amordaçada.

“Depois de presenciar isso, de novo me fui occultar, não sem antes me certificar de que trazia o revólver no bolso. Alguns passos mais em cima, novamente, fui á janella.

Mas já não distinguí nada. Sem duvida alguma, aquelles homens haviam penetrado no templo. Com effeito. Dei a volta por uma das galerias e bem depressa me achei detrás de uma janella que dava para o pateo central do monumento. Ali se encontravam aquelles homens. Pude contar mais de quarenta, apesar de alguns delles estarem espalhados pelas cryptas. E o que advinhei bastou para que minhas mãos se crispassem de angustia. Ou muito eu me enganava, ou estavam preparando um sacrificio humano!

“Sob meus olhos estavam mais de dez daquelles homens, completamente nus, ante o altar dos sacrificios. Suas frentes ostentavam um signal vermelho, e suas mãos me pareciam tintas de sangue. E perto delles, deante do altar, um grupo de mulheres se re-

torcia sob as ligaduras, supplicando a seus vogos! Não me foi difficil reconhecer a seitas que pertenciam a fanaticos da deusa Kali, a esposa do deus da morte, a insaciavel voradora de sangue dessa seita, que em sua punha extincta ha seculos, ia celebrar deante de mim, um sacrificio humano pleno 1927! Era rível!

“Dois homens arrastaram uma mulher levaram até o altar sacrificio. Era uma mulher de raça branca! Vi brilhar um anel.

“E não pensei mais. Desci precipitadamente até o pateo empunhando meu revólver, me apresentei deante daquelle dugo.

— Canalha! — gritei. — Que pretende fazer dessa infeliz mulher?

“O ameaçado ficou-me olhando fixamente e respondeu, no perfeito inglez:

— Ah!... Não o pare, senhor!... Era louco?...

“E foi então que rifiquei que todos aquelles homens passavam de alguma pobres diabos que estavam filmando para uma pellicula intitulada *Os mysterios da India*.

DILATAÇÃO do ESTOMAGO

A dilatação do estomago é muitas vezes provocada por um excesso de acidez do succo gastrico. A acidez accumula-se no estomago e ocasiona a fermentação dos alimentos, o que dá como resultado essa dilatação tão desagradavel e muitas vezes dolorosa. Para se evitar a dilatação tome-se meia colher de café de Magnesia Bisurada depois das refeições ou quando se faz sentir essa necessidade. A Magnesia Bisurada neutraliza a acidez e impede a formação de gases, evita ella as azias, os pezadumes, as eructações acidas, as indigestões, etc. etc. e assegura uma digestão sã e normal. Em todas as pharmacias.

**LEIAM
SELECTA**

A VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAL

UNHAS ARISTOCRATICAS

Pelas unhas se conhecem as pessoas de fino tratamento.

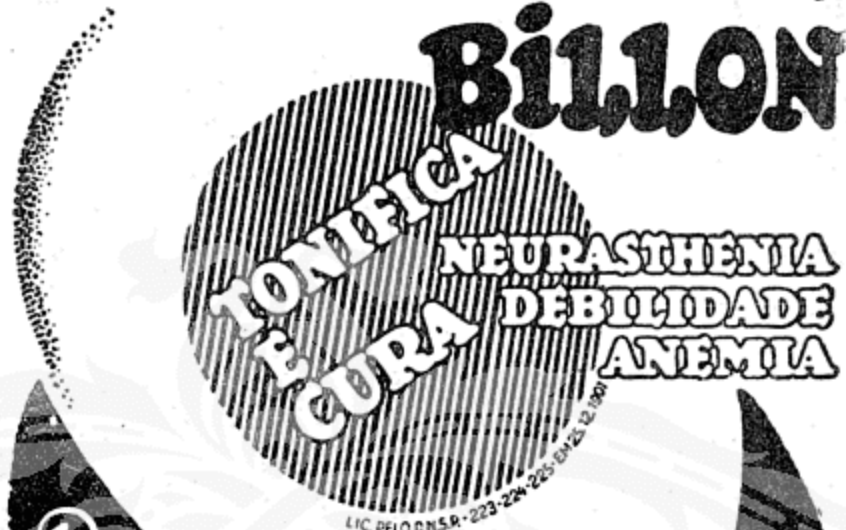
O Esmalte Satan é o preferido pelas mulheres chics. E' empregado e recommendado pelas manicuras dos principaes Institutos de Belleza de Nova York, Paris, Buenos Aires, São Paulo e Rio. Vantagens do Esmalte Satan:

- 1.º Secca instantaneamente.
 - 2.º Não mancha nem racha as unhas.
 - 3.º Resiste á lavagem mesmo com agua quente.
 - 4.º Fortifica as unhas, evitando que se tornem quebradiças.
 - 5.º E' absolutamente inoffensivo, podendo ser usado por tempo indeterminado.
 - 6.º Dá um brilho e colorido ineguaiveis, que duram por 20 dias.
- Pegam Esmalte Satan, nas principaes Perfumarias, Drogarias e Pharmacias.
- Nota importante:** Devolveremos o dinheiro a quem não ficar plenamente satisfeito.

E. Alvim & Freitas — Caixa Postal,
1379 — São Paulo

**LIÇÕES DE
Violino,
Bandolim
e Solfejo
Prof. EUGENIO ORFEO
TELEP. D. M. 2338**

OVO-LECITHINE BILLON



Porque se deve usar a
OVO-LECITHINE BILLON.

Porque ella é o Remedio-Alimento que maiores e mais rapidos beneficios proporciona nos casos de
ESGOTAMENTO INTELECTUAL • INSOMNIA • ABATIMENTO PHYSICO • FALTA DE MEMORIA

AMPOLAS - DRAGEAS - GRANULADOS DE SABOR AGRADAVEL
"RHÔNE-POULENC" PARIS
FILIAL NO BRASIL: COMP. CHIMICA RHODIA BRASILEIRA CAIXA 2916 S. PAULO

Para o sexo feminino

HA mais de setenta e cinco annos que os medicos receitam as Pilulas Assucaradas de Bristol por serem um laxante effcaz, de origem vegetal, absolutamente inoffensivo.

Pelo seu effeito suave e sem dores são muito proprias para as pessoas do sexo feminino, por serem mais convenientes do que os laxantes mineraes, de effeito violento.

Convem ter sempre um frasquinho á mão. Vendem-se em toda a parte.



A PENITENCIA

De Jorge Aurio

O poeta Mac Gaschen e eu fomos a Cornouaille em busca de velhas lendas célticas. Depois de uma longa estadia em Quimper, chegámos a Saint-Guenolé, e, enquanto nosso *chauffeur* levava seu *quarenta cavallos* á garage, ante os olhos espantados dos camponios, chegámos á casa do cura, que tinha velleidades de poeta e que nos havia convidado a jantar com elle.

Quando a velha criada serviu o café, capaz de resuscitar um morto, Mac Gaschen disse:

— E' um paiz delicioso, este! Os habitantes, estes ingenuos bretões, não sabem si ainda vive Napoleão. Mas em Saint-Patrick, em minha terra, na Irlanda, no dia em que se decidam visitar-me, encontrarão historias assombrosas. Nossos camponios estão ainda mais atrasados. Quasi toda a aldeia não sabe escrever seu nom... nem lêr sequer... e nos arredores os curas são tão pobres e ingenuos como os camponios. Mas são tão bons, que não precisam de sciencia para chegar ao coração de seus parochianos. Conhecem, por acaso, a provincia de Ulster? Sim?... Meu pae tem um castello ali, nas montanhas. E' um paiz aonde nunca chegou nada novo. Um dia, um pequeno circo ambulante, com tres cavallos apenas e um urso velho, chegou áquella terra, por casualidade, porque um *clown* enfermára e não tinham dinheiro para chegar até Belfast.

"Bem sabem como somos de cathólicos na Irlanda. Paques, o *clown*, não era muito religioso. Mas sentiu renascer sua religião depois do golpe que o puzera á portas da morte, o qual não pôde ser mais correntemente perguntou:

"Foi se confessar, e o cura, que não era um grande sabio, segundo parecia, e que nunca vira nada tão de sua aldeia, depois de ouvir os peccados do *clown* lhe perguntou:

"— O senhor é estrangeiro? não é, meu amigo

"— Sim, padre.

"— E qual é sua profissão?

"— Sou acróbata.

"— Acróbata? Oh! Que é isso?!

"— Trabalho no circo. Dou voltas aereas, saltos mortaes e me sustento em um braço.

— Que é isso de dar saltos mortaes e voltas aereas? E que é sustentar-se em um braço?

"— Espere um pouco, padre, que eu vou ensinar a v. revma. Dão-se duas voltas no ar e fica-se com a cabeça para baixo apoiado em uma mão, com os pés para o ar. Assim!

"Em um recanto da igreja havia uma pobre velha com sua filha, esperando para se confessar. E quando a mãe viu o homem com os pés para o ar, disse á sua filha:

"— Anda! Vamos para casa, Betsy! Olha a penitencia que o cura está impondo hoje!"

Lindo acabamento preto lustroso



Recuse imitações

O ESMALTE PARA FERRO "SAPOLIN" é feito para ser applicado em todas as superficies de metal que não estejam em contacto directo com a chamma. Produz um acabamento bonito e duradouro de preto lustro, que obsta á ferrugem e ao estrago. Não só embelleza, mas augmenta muito a durabilidade dos canos de fogão, caldeiras, cercas de ferro,apparelhos e utensilios de jardinagem, etc. Supporta alto grau de calor, é lavavel e não é susceptivel de embexigar nem lascar.

SAPOLIN

um acabamento especial para cada superficie

ESMALTES — TINTAS — DOIRADOS — VERNIZES — POLIMENTOS
CERAS — LACCAS — PINTURAS
SAPOLIN CO. INC., New York, E. U. A.

VIN DÉSILES

RECONSTITUINTE
DEPURATIVO
REGULADOR
APPERITIVO
DIGESTIVO
TONICO



CONVEM A TODOS
OS
ENFRAQUECIDOS

SOCIÉTÉ DU VIN DÉSILES
PARIS - LEVALLOIS

DESPENSA ALEXANDRE



MOVEL HIGIENICO
PARA GUARDAR
GENEOS
ALIMENTICIOS.
UTILISSIMO PORQUE
EVITA DESPERDICIOS.
SUBSTITUTO EFFICAZ
DO GUARDA-COMIDAS.

Typo popular 220\$000
MOVEIS E TAPEÇARIAS

MARTINS JUNIOR & CIA
RUA ANDRADAS, 51 TELEPHONE NORTE 6787

Depositarios: Bello Horizonte: Rua Rio de Janeiro, 305.

Juiz de Fora: Rua Halfeld, 597.
Bahia: Rua São Pedro, 34.



O fero
Idente!
a creança deve
tomar a sua
fera
sopa de

FOSFATINA FALIÈRES

a farinha alimenticia incompara-
vel á qual milhões de creanças
devem a força e a saude

Exigir a grande marca
FOSFATINA FALIÈRES
de reputação universal e desconfiar
das contrefacções

Pharmacias
e Casas de Alimentação
PARIS



CREANÇAS FRACAS
MAGRAS
ANEMICAS

?

TONICO INFANTIL

VIDRO - 5\$000

LAB. NUTROTHERAPICO-RIO

Elle segurou-lhe apaixonadamente nas mãos passando os braços por sobre a mesa. Esse brusco movimento derribou o copo de Susa, cheio de vinho velho, que derramou sua côr de ambar sobre o tapete de Smyrna, sem que nenhum dos dois tentasse evital-o.

— Não, Susa, não me fales assim — disse-lhe elle. Não deprecies desse modo tudo o que fiz e consegui. Quero que lhe dêes valor e que reconheças tudo o que significa. Quiz que viesses esta noite a minha casa para que verificasses o êxito de meu trabalho e para que o apreciasses... para contar-te como adquiri esta fortuna, e para pedir-se Susa, que a compartilhasse commigo... para pedir-te que fosses minha esposa adorada.

Susa fazia inuteis esforços para libertar suas mãos da pressão das de Nicoláu. Estava francamente assustada.

— Não... não... — respondeu ella, com voz entrecortada. —

ANTAGONISMO

(Conclusão)

Nunca poderia fazê-lo, Nicoláu... Acredita-me.

— Por que, Susa? Uma vez que me amaste...

Elle levantou-se, mesmo tendo as mãos presas nas de Nicoláu.

— Não... Nunca o poderia — repetiu, com mais firmeza. — Eu não poderia, meu amigo, morar um só dia nesta casa! Não poderia respirar este ambiente de luxo refinado. Ha muito tempo... muito tempo, que te amei, para poder agora voltar ao passado. Então, isto que me pedes teria sido possível. Agora... é tarde. Agora, a vida nos separou, nos deu opiniões diversas, diversos modos de apreciar as cousas. Eu tenho pena de ti pela maneira

como interpretas a vida. Tu te pena de mim pela vida que levei. Como poderíamos entender-nos. Nunca!

— Mas... não compreendo... que tens pena de mim! — rompe Nicoláu, com exaltação, indignado e offendido. — Eu sou o que triumphou! Nestes dez annos obtive mais êxito que nenhum de teus antigos conhecidos: sou immensamente rico!

Susa, erguida deante d'elle, fazendo humilde contraste com o fundo faustoso do salão, respondeu, recalcando as palavras:

— Sim, poderás ser. Mas, para mim, és, apenas...

Vacillou antes de terminar phrase. E Nicoláu perguntou, assustado:

— Que... sou para ti?

— Um fracassado...

M. C.

GRATIS SEXUOL

FRAQUEZA SEXUAL

— M — MEMORIA

— M — NERVOSA

{ NAS MULHERES
NOS HOMENS

PERDA DE FORÇAS

— M — DE ACTIVIDADE

— M — DE ALEGRIA

REJUVENESCIMENTO

PROGRESSIVO

Preço: pelo correio, 10\$000

HARGREAVES & CIA.

RUA SACHET, 30 — RIO



O primeiro passo para a saúde — Lavar diariamente vossos olhos com LAVOLHO para evitar tel-os infeccionados. LAVOLHO conserva os olhos em perfeita saúde.



"Arte de trabalhar com lacs Dennison"

PERMITTI-nos que vos enviemos este folheto de 12 paginas, illustrado, gratuitamente. Ensina a fazer attractivas contas, pendentes, e muitos outros ornamentos lindos com lacs de Dennison.

O trabalho é fascinante e facil de aprender. Basta escrever-nos a pedir-nos o folheto No. F.W. "A Arte de Trabalhar com Lacs Dennison."

Podeis comprar o lacre Dennison em toda a parte.

Dennison Manufacturing Co.

Caixa Postal 2105, Rio de Janeiro

Dennison's

NAO SE ESQUEÇA

de incluir hoje na sua nota de compras o remedio necessario para ricos e pobres, que deve existir em todas as casas.

Nada superior para doencas de pelle: eczemas, frieiras, empingens ou golpes, escoriações, ulceras antigas, etc., etc. Não suja a roupa nem se conhece a applicação.

Si preza a saúde, e quer poupar dinheiro, compre hoje mesmo um vidro de Dermol e leia o livro que o acompanha, citando remedios para varias doencas difficeis de curar. — A' venda em todas as farmacias e drogarias importantes. Exija DERMOL do pharmaceutico Henrique E. N. Santos, e não acceitar as imitações baratas. — Pedidos a Henrique E. N. Santos. — Caixa Postal 638 — Rio de Janeiro — Phone 4737

C
A
B
E
L
L
O
S

B
R
A
N
C
O
S
!!



Juventude Alexandre

Sem substituto para a BELLEZA dos CABELLOS — contra a —

CASPA e CALVICIE

30 ANOS DE SUCESSO!

Leiam ás Quartas-Feiras

SELECTA

Custa apenas 1\$000 em todo o Brasil.

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTE DO DR. VAN DER LAAN



Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz. Innumeros attestados provam exuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Deposito Geral ARAUJO FREITAS & C. — RIO DE JANEIRO

Vende-se aqui e em todas as pharmacies e drogarias

BANHOS DE MAR

Costumes completos, americanos, para todas as edades e ambos os sexos, camisas, calções, Sapatos, salva-vidas e toucas.



CASA SPORTMAN

A MELHOR CASA DE ARTIGOS PARA SPORTS

RAUL CAMPOS

Remettem-se Catalogos.

25. Rua dos Ourives, 27 — Rio de Janeiro

INSTITUTO HYGIENICO

— DE —

Mme. ELLA

unica representante dos afamados productos da Academie Scientifique de Beauté de Paris e da Marca registrada GHeia que são incomparaveis, para emmagrecer, o creme adstringente Lysial N.º 15, faz o effeito espantoso, tratamento da cutis, massagens, Electrolise, galvanisação raio violeta, raio solar, raio azul, para acné e espinhas. Banho de Luz para emmagrecer o ventre. Manicure de primeira ordem, embellezamento das sobrancelhas.

Beito Manoel de Carvalho n.º 16-1.º

Esquina da Rua 13 de Maio

Telephone 3091 Central

Uso do

SAL DE MEZA
Cerebos

significa em toda a
extensão da palavra
"Bom gosto"



MAIS UM que affirma ser o «PEITORAL de CAMBARA» de Souza Soares um poderoso remedio contra as BRONCHITES rebeldes.

«Tenho o prazer de comunicar a V. S. que achando-me atacado de forte BRONCHITE, com o uso do preparado

PEITORAL DE CAMBARA

de SOUZA SOARES

restabeleci-me por completo em pouco tempo. Queira dar á presente o destino que entender, em prol dos que soffrem do mesmo terrivel mal. Santa Leopoldina, Minas, Novembro de 1910.

Bernardo de Moraes Sarmento.

(Firma reconhecida.)

A VENDA EM TODA PARTE



O MENINO PERDIDO VICENTE VEGA

— Olhe, *seu* guarda: este menino parece que se perdeu.

O digníssimo mantenedor da ordem publica se aproxima do menino, um garoto de quatro ou cinco annos, que não sabe que partido tomar.

— Que fazes aqui, ó pequeno?

— Eu?

— Sim. Andas perdido?

— Hein?

— Pergunto si andas perdido.

— Eu quero ir para casa!

— E' claro! E é isso o que te pergunto. Onde moras?

— Em minha casa.

— E em que rua fica tua casa?

— Lá isso não sei.

— Pois estamos bem arrançados.

Não sei como deixam as crianças andarem assim, livremente e sem um documento que as possa identificar. Que custaria aos paes pôr um papelinho, preso na roupa, com seu nome e endereço, e outros signaes pessoaes?

— Eu quero ir para onde está minha mãe.

— E como se chama tua mãe?

— Mamãe.

— E teu pae?

— Papae.

— Mas isso não são nomes, criatura! São grãos de parentesco. E tu, como te chamas?

— Eu?

— Sim, tu... Teu nome... Como é teu nome?

— Não o sei.

— Como te chamam em tua casa?

— Pichim.

— Pichim?... Que nome mais esquisito! Pois eu não sabia que existisse São Pichim... Parece mais nome de cachorro que de gente. Di-

ze-me: moras em uma casa ou num quarto?

— Em minha casa.

— Isso já me disseste. E em tua casa, que fazem?

— Nada.

— Teu pae não faz nada?

— Faz, sim.

— Faz o que?

— Fuma num cachimbo muito grande.

— Nada mais?

— Nada mais.

— Com certeza, algum pintor modernista. Pelo que vejo, deste pobre Pichim não vou tirar nada a limpo. Leval-o-ei á delegacia. Vamos, menino. Dá-me a mão e vamos passear um pouco.

O pequeno começa a andar pela mão do guarda, a caminho da delegacia.

— Talvez nos encontremos com alguém que o conheça. Como se deixa assim abandonadas crianças

tão pequenas numa cidade esta!... Bom par de catapê devem ser teus paes!

— Estou com sede.

— Espera um pouco. Aqui vamos, te darão de beber.

— Estou com vontade...

— Já sei. Sahiste de casa o venido. Primeiro sede, agora.

— Estou cansado!

— Ah, filho! Também eu. Todos nos cansamos neste m...

Uns, procurando a mãe; o mantendo a ordem publica e dando os passos dos gatunos...

que não falte o pão de cada...

— Estou com fome!

— Que é isso? Parece que o do pão te abriu o apetite?

— Estou com sede!

— Sim. Já m'o disseste. Mas podemos demorar.

— Estou cansado!

— E' sério? Queres que eu mos um taxi?

— Quero. Au! Au! Au!...

— Mas, não chores!...

criança têm esses paes! Não fazer outra cousa sinão pedir sede, tem fome, chora... Não fazer outra cousa... Já cheg...

Anda por aqui... Dá licença commissario?

— Filho de minha alma e do coração!... — exclama o commissario. — Para onde vaes com homem?

— Mas, é filho do senhor. Tem o senhor um filho encan...

seu commissario! Que seja por...

tos annos!...

A VIDA

A vida... a vida é isso mesmo... Eterna caminhada a esmo sem ter nunca direcção... No findar de cada dia, ha menos uma alegria, ha menos uma illusão!...

A MORTE

A morte — eis afinal a realidade, a insophismavel, a unica verdade que jamais enganou!... Porto feliz sem mares agitados, aberto sempre á nau dos desgraçados que o destino enxotou!...

Em summa, a vida, o amor, a morte são a esca... pela qual a soffrer, ensanguentado, afflicto, o homem se lança audaz á sublime escalada das serenas regiões ethereas do infinito!...

JOSÉ MESQUITA

Lacerações, Contusões e Feridas



de maior ou menor gravidade, são uma occorrença de quasi todos os dias entre as creanças nos seus folguedos, assim como também succedem muitas vezes com pessoas grandes.

A MARAVILHA CURATIVA DE HUMPHREYS presta o primeiro soccorro immediato para dar allivio, o que é tão importante e constitue muitas vezes o unico tratamento necessario. Deve-se tel-a ao alcance em todos os lares, principalmente n'aquelles onde ha creanças.

Este admiravel remedio não só é bom para lacerações, contusões e feridas, mas também é de grande valor para o tratamento de:

Torceduras, luxações

Queimaduras e excoriações

Dóres reumáticas

Lumbago

Neuralgia

Inflamação da garganta

Picadas de insectos

Excoriações

Queimadura do sol

E PARA USO GERAL DO TOUCADOR

Vende-se em todas as Pharmacias

HUMPHREYS' MEDICINE COMPANY

Corner Prince and Lafayette Sts.

New York City, U. S. A.



MARAVILHA CURATIVA DE HUMPHREYS



A PSYCHOLOGIA DO TRABALHO

Não ha negar a influencia reciproca entre o espirito e a materia. A lassidão é a consequencia fatal da actividade constante e é preciso um novo estimulo, um impulso energico para fazer o trabalho retomar a sua curva ascendente. Muitas vezes, porém, este estimulo, que faz de novo vibrar as nossas forças phisicas e mentaes, precisa ser despertado por meios artificiaes, para que o corpo não se arraste numa lethargia improductiva.

KOLA CARDINETTE, este grande revigorador dos nervos, é este estimulo activo que restabelece o equilibrio entre a mente e a materia.

KOLA CARDINETTE, o tonico do systema nervoso central, reconforta as forças cerebraes exhaustas pelo trabalho excessivo, e excita as funções organicas abatidas.

KOLA CARDINETTE, contribue para que a curva do nosso trabalho fique traçada no grafico da nossa vida em linha ascencional.

Unicos Concessionarios

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 95 — Rio.

S. Bento, 35 — S. Paulo.